



SECA



A estiagem prolongada nordestizou a paisagem da região

O Rio Grande do Sul vai deixar de colher 3 milhões de toneladas de grãos. É a maior frustração da história das lavouras de soja e milho. Na Região Pioneira da Cotrijuí a estiagem arrasou com 60 por cento da soja e 90 por cento do milho.

O DESASTRE DA SAFRA

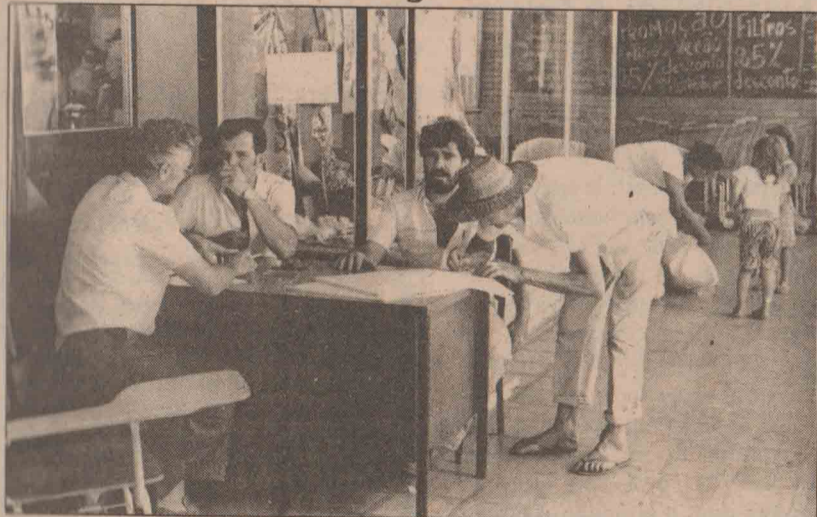
Páginas 4 e 5

PROTESTO

Pequenos e mini produtores vão às ruas protestar contra a política agrícola do governo e exigir o fim da correção monetária.

Última página

ELEIÇÕES



Mais de 4.000 associados votaram no dia da eleição

O novo Conselho de Administração e Fiscal da Cotrijuí teve o apoio de 90,58 por cento dos votantes.

Páginas 6 e 7



No Caxambu, a queda d'água que a Hidropan pretende aproveitar

A ameaça da barragem

Produtores de São Valentim mobilizados contra a invasão de suas terras.

Página 12, 13 e 14

COOPERATIVA REGIONAL
TRITICOLA SERRANA LTDA.



Rua das Chácaras, 1513 Cx. Postal 111
Ijuí, RS - Fone: PABX (055) 332-2400
Telex: 0552199
CGC ICM 065/0007700
Inscr. INCRA N.º 248/73
CGC MF 90.726.506/0001-75

ADMINISTRAÇÃO
DIRETORIA EXECUTIVA
Presidente:
Oswaldo Olmro Meotti
Vice-presidente/Pioneira:
Celso Bolívar Sperotto
Superintendente/Pioneira:
Walter Frantz
Vice-presidente/Dom Pedrito:
Oscar Vicente Silva
Superintendente/Dom Pedrito:
Eduardo Augusto Pereira de Menezes
Vice-presidente/MS:
Nedy Rodrigues Borges
Superintendente/MS:
Lotário Beckert

Conselho de Administração (Efetivos):
Egon Eickhoff, Jorge Alberto Sperotto, João Santos da Luz, Félix Gotardo, José Atafdes Concelção, José Jorge Riehl de Oliveira, Irani dos Santos Amaral, Deniz Espedito Serafini, Oscar Otto Hoerlle, Luiz Carlos Roos, Ovídio Moraes, Frederico Antônio Stefanello, Paulino Stralotto, Nilton Vieira de Souza, Leonildo Anor Pötter, Luiz Forcin e Edgar Severo.

Suplentes:
Onorildo Zangrolami, Carlos Leodoni Andrighetto, Arlindo Valk, Enor Carmel, Jorge Cleiton Gonzales, Hélio Antônio Weber, Jair Castro Rinaldi, Jaime Braz Sperotto, Pedro Gulotto, Sérgio Tesser, Cláudio Pradella, José Edmar do Nascimento, Né de Silveira Peixoto, Omar Cunegatti, Jorge Verardi Perez, Cândido de Godoy Dias e Floriano Barreto.

Conselho Fiscal (Efetivos):
Realdo Cervi, Pedro Afonso Pereira e Jayme Wender.

Suplentes:
Ivo Vicente Basso, Antônio Carlos Xavier Hlas e Amário Becker

Diretores contratados:
Rui Polidoro Pinto, Orlando Romeu Etgeton, Ari Zimpel, Clóvis Roratto de Jesus, Vilmar Hengdes e Paulo Roberto da Silva.

LOJAS COTRIJUF

Regional Pioneira.....	26
Dom Pedrito.....	3
Mato Grosso do Sul.....	7
Total.....	36

CAPACIDADE DE ARMAZENAGEM

Regional Pioneira.....	584.800 ton.
Rio Grande.....	220.000 ton.
Dom Pedrito.....	91.000 ton.
Mato Grosso do Sul.....	476.150 ton.
Total.....	1.371.950 ton.

COTRIJORNAL

Órgão de circulação dirigida ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior.

Nossa tiragem: 15.000 exemplares

Associado da ABERJE



Associado da

AJOCOOP
Associação dos Jornais e Revistas de Cooperação

REDAÇÃO

Dária C. Lemos de Brum Lucchese
Carmem Rejane Pereira

REVISOR

Sérgio Corrêa

CORRESPONDENTE

Campo Grande: Rosme Hem
Porto Alegre: Raul Quevedo
Composto no Jornal da Manhã de Ijuí e Impreso no Jornal do Comércio, em Porto Alegre.

AO LEITOR

A destruição da safra

Três milhões de toneladas da safra gaúcha deste ano ficaram no chão torradas pela longa estiagem que começou pelas regiões Missões, Alto Uruguai e Planalto Médio, mas que depois se estendeu por quase todo o Estado levando 55 municípios a decretarem estado de emergência. O saldo dos prejuízos, segundo os cálculos da Fecotrijo, podem chegar a Cz\$ 60 bilhões. 3,6 milhões de toneladas de grãos, que correspondem a um terço da produção gaúcha, não vão ser colhidas, numa frustração que no caso da soja chega a 39 por cento e no milho a 31 por cento. E o azar batendo às portas do Rio Grande do Sul que vai ter de carregar sozinho essa cruz, já que a estiagem não atingiu a outros estados. Para a classe produtora, que

mesmo em situações normais não consegue soluções para os seus problemas agrícolas, pouca coisa resta a não ser continuar alertando o governo da situação dramática criada pela seca e rezar para que alguma medida seja enviada de Brasília. Os produtores das regiões das Missões e Alto Uruguai que o digam da luta que vem pela frente. Com prejuízos nas lavouras visíveis desde janeiro e levando a frente uma mobilização que criou até uma Comissão Permanente da Seca, ainda não conseguiram fazer brotar nenhuma medida governamental em favor de quem perdeu tudo ou quase tudo nesta safra. Às voltas com a própria sobrevivência, esses produtores ainda continuam esperando que as soluções para a situação venham do próprio governo. Páginas 4 e 5.

DO LEITOR

A participação da mulher

Gertrudes Commandeur

No V Encontro de Integração Regional da Família Cooperativista da Cotrijuf, realizado em Tenente Portela no final de 1986, foi lançada a semente da participação da mulher no sistema cooperativo e na sociedade como um todo. Dias mais tarde, durante uma reunião de lideranças, fui escolhida para representar a mulher nessa discussão, onde pela primeira vez na história, as cooperativas brasileiras passavam a exigir da Constituinte, que começava a ser elaborada, o seu reconhecimento e sua independência.

A instalação da Constituinte Cooperativa ocorreu no dia 3 de fevereiro de 1987, em Porto Alegre, na sede da Fecotrijo. Nesse mesmo dia foram diplomados 120 delegados, entre os quais duas mulheres. Os delegados foram distribuídos em quatro comissões de trabalho, encarregados de apresentar proposta do sistema cooperativo para a Assembléia Nacional Constituinte. A relação das cooperativas com o Estado; os Estatutos das entidades e a integração vertical, foram os temas abordados pelas comissões. Já no dia 5 de março aconteceu a segunda plenária dos constituintes cooperativos para a discussão e votação do regimento interno.

Um dos passos mais importantes, no entanto, aconteceu na reunião de 25 de maio, na sede da Cotrirosa, em Santa Rosa. Nesse dia, as Cooperativas decidiram levar até o quadro social a discussão sobre o Estatuto. Foram distribuídos, entre os associados, questionários padrão, para que eles mesmos dissessem como queriam que fossem suas cooperativas. As mudanças sugeridas pelos associados através das respostas dadas nos questionários, foram aprovadas durante o VII Seminário da Fecotrijo, realizado em Santa Maria nos dias 13 e 14 de janeiro deste ano. Nesta mesma ocasião foi aprovado, em plenário, um documento que tratava do Sistema Estrutural e sua Representação; de Política Nacional do Cooperativismo e da Legislação Cooperativista. Neste dia todos os presentes ao encontro tiveram voz e voto, mesmo porque a maioria das cooperativas que participavam do Seminário eram de produção. Houve boa representação da mulher rural cooperativista.

No Seminário gaúcho preparatório para o X Congresso Brasileiro de Cooperativismo, realizado no dia



Gertrudes Commandeur

10 e 11 de fevereiro deste ano, as discussões ficaram meio emperradas pelo trabalho realizado por um grupo de pessoas que ficou conhecido como "centrão". Podemos observar nesse encontro que, principalmente em cooperativas de grande porte, a mulher não tem muita participação no trabalho de produção. Os dois dias foram agitados e de muita discussão. Ainda nesse mesmo encontro foi elaborado o Documento Base do Rio Grande do Sul para ser apresentado no X Congresso Brasileiro de Cooperativismo. O Congresso em Brasília foi puxado, cansativo, de muito proveito. Os cooperativistas e delegados constituintes de todo o Brasil e presentes ao X Congresso Brasileiro de Cooperativismo, foram até Brasília com a proposta de fazer mudanças e introduzir inovações no sistema. E entre as tantas propostas que foram examinadas e levadas ao debate, lá estava a questão do reconhecimento do voto da mulher.

O documento base levado pelos cooperativistas gaúchos mexeu com os cooperativistas de outros Estados, representando que o nosso trabalho, durante todo o ano de 1987, não foi em vão. O nosso documento levou o pessoal do Norte e do Nordeste ao questionamento. Nas conversas de grupos de trabalho ou até mesmo em meio aos pequenos intervalos de descanso, só se ouviam as queixas do pessoal que não se conformava com a situação. Diziam que o Sul tinha aparecido com propostas fortes, enquanto que o pessoal dos demais Estados estava de mãos vazias.

Mas a questão do voto da mulher deu muitas discussões e não passou. A proposta era forte, tanto que gerou polêmica, mas nos éramos pou-

cas. As mulheres do Norte e Nordeste, em número maior, alegaram que ainda não estavam preparadas para assumir tal compromisso frente às suas cooperativas e pediram um tempo para formar consciência. Mas tenho certeza que, mesmo com a proposta rejeitada, as mulheres foram vencedoras, pois foi aprovada uma outra proposta, dando direito de voto para a mulher ou filho maior, em nome da família, sempre que o marido estiver ausente. Já foi uma grande conquista, pois já é uma porta aberta para podermos ocupar definitivamente o nosso espaço como agricultoras, dentro das nossas cooperativas.

Como agricultora e representante dos cooperativistas desta região do Estado, considere o Congresso como muito bom nível de discussão. Por outro lado, tive a oportunidade de conversar com dirigentes de cooperativas e agricultores de outros Estados do Brasil, com outras experiências de vida e de cooperativismo, como caso da Cooperativa de Artesãos do Norte. É uma cooperativa pequena, formada de 80 associados no máximo.

Mas assim como procurei representantes de cooperativas de outros Estados para conversar e trocar idéias, também fui procurada e questionada. Um grupo de associados de uma cooperativa de Três Rios, interior do Rio de Janeiro, me pediu para falar sobre o trabalho de organização de núcleos de associados que a Cotrijuf vem fazendo, do trabalho de base da Unijuf e do trabalho com mulheres do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ijuí.

Gertrudes Commandeur é produtora rural na Linha 6 Norte, Piratini, Ijuí.

Agradecimentos

Registramos e agradecemos as seguintes manifestações de aplausos pela reeleição do economista Oswaldo Olmro Meotti na presidência da Cotrijuf: Seidler Agropecuária Ltda e Guilherme Seidler & Cia. Ltda, Ijuí; Paulo Vasques e Vicente Alves, gerente RBS-TV, Cruz Alta; Tupi Silveira Souza, Belo Horizonte, Minas Gerais; Cláudio Alano da Silveira, Porto Alegre; Ivo Farenzena, Porto Alegre; Wilson do Nascimento e Roberto Bernardi Filho, do Instituto de Menores, Ijuí; Novo Hamburgo Seguros, Ijuí; Rubimar, Porto Alegre; Associação dos Funcionários do Irja, Porto Alegre; Direção e funcionários do Terminal Graneleiro, Rio Grande; Bolívar de Souza Lima, gerente do Terminal Graneleiro, Rio Grande; Funcionários do Instituto Riograndense de Febre Aftosa, Porto Alegre; Luis Fernando Cruz Ferreira, Porto Alegre.

CIMS de Jóia tem nova coordenação

A Comissão Interinstitucional de Saúde do Município de Jóia mudou de coordenação, passando, agora, para responsabilidade do Hospital Santa Libera. A eleição da nova coordenação aconteceu durante assembleia geral ordinária realizada no dia 10 de março e que contou com a participação de 12 instituições. Como coordenadora foi eleita Dione Carla Protti, representando o Hospital Santa Libera. Como 2º coordenador foi eleito José Augusto Rubin; 1º secretário Pedro Büttgenbender, representante da Cotrijuf; 2º secretário Batista Pascoal Tonelli, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Para o cargo de 1º tesoureiro foi eleito Orlando Carvalho Pinto, da Prefeitura Municipal e Gelsa Luiza Bernardi, da Secretaria da Saúde como 2ª secretária. Entre os planos da nova equipe de trabalho, a elaboração de um Plano Municipal de Saúde e a reformulação dos Estatutos da CIMS.

Leopoldo Löw

(1902-1988)

Leopoldo Löw



A Cotrijuf perdeu no dia 28 de março, um de seus associados fundadores: Leopoldo Löw que havia completado 86 anos de idade no dia 11 de fevereiro. Ele faleceu na cidade de Curitiba, no Paraná, onde se encontrava para tratamento de saúde. Seu sepultamento ocorreu no dia 29 de março, em Ijuí. Leopoldo era filho de Roberto Löw e iniciou seus estudos em Porto Alegre, mas aos 12 anos de idade, enquanto o pai prestava serviço militar na Alemanha, freqüentou uma Escola em Niena e depois em Berlim, onde passou a trabalhar como aprendiz de mecânico. Voltou para o Brasil no final da guerra de 1914/1918, mas alguns meses depois estava novamente na Alemanha, estudando na Escola Técnica de Strelitz. No Brasil trabalhou na firma do pai onde construiu uma máquina para fabricação de sacos de papel e outra para dobrar o papel. Em 1957, com a constituição da Litografia Serrana S.A., ele assumiu o cargo de diretor-presidente. Mas foi no período de pós-guerra, estimulado pelo compadre, o pastor Ernesto Jost, que começou a dedicar-se a agricultura, formando, juntos, as primeiras lavouras em Cruz Alta. Mais tarde comprou terras no município de Chiapetta, onde continuou plantando até 1983. Mas em 1957, quando o grande problema da região era a comercialização do trigo, Leopoldo Löw, ao lado de outros triticultores da região se articularam para fundar uma cooperativa para promover a defesa de seus interesses econômicos. Integrou a primeira diretoria administrativa da Cotrijuf como conselheiro fiscal. Leopoldo Löw nasceu em São Leopoldo em 1906 e foi casado com Hildegard Löttsch.

REFORMA AGRÁRIA

Como o plano caiu por terra



José da Silva: apostando na mobilização popular

Por que a Reforma Agrária do governo José Sarney não saiu do papel? Existe ainda a possibilidade de fazê-la? Quando? Estas são algumas das perguntas que José Gomes da Silva, engenheiro agrônomo, pecuarista e presidente do Incra durante os primeiros oito meses da Nova República responde no seu livro "Caindo por Terra", lançado pela Editora Busca Vida.

Com emoção mas principalmente com muitos detalhes, o escritor relata a sua rápida trajetória pelo governo e a sua decepção com o recuo da proposta inicial do Plano Nacional de Reforma Agrária, que passou por nada menos do que 12 versões até ser assinado por José Sarney. Para falar sobre estas adulterações do Plano, que culminaram com a sua saída do governo, e também das perspectivas da reforma no Brasil, Gomes da Silva esteve em Ijuí, no dia 10 de março, a convite do Comitê de Apoio a Reforma Agrária e da Unijuf, participando da Jornada pela Reforma Agrária, que está se desenvolvendo em todo o Estado. Embora não se julgue um ingênuo por ter participado de um governo biônico, "que se diz transitório mas não transitou", José Gomes da Silva ficou surpreso mesmo foi com a reação do empresariado rural contrário ao Plano inicial. Ao invés da grande reação surgir dos latifundiários atrasados do Nordeste, diz o ex-presidente do Incra, ela veio antes de uma camada de conservadores empedernidos, que são até liberais mas não cedem em alguns pontos fundamentais. A constituinte serve como um exemplo, pois se este grupo, ou mesmo seus representantes cedem em algumas questões como licença de gestantes, não cedem nas questões fundamentais como a Reforma Agrária, que foi deixada para a legislação ordinária.

Mas não foram poucos os desapontamentos do ex-presidente do Incra. Durante todo o tempo em que foi elaborado e desfeito o Plano, José Gomes da Silva foi acumulando fatos que pavimentaram o recuo da primeira proposta, através da tática do adiamento. Com tempo suficiente para se organizarem os grandes adversários da reforma tiveram tempo ainda para levantar mais recursos do que já tinham, enquanto o próprio governo se encarregava de enfraquecer o plano, através da criação de projetos, como o Ponderi - Política Nacional de Desenvolvimento Rural Integrado, como forma de "subordinar a Reforma Agrária à política agrícola". Ainda na sua décima versão, para desespero de alguns integrantes da equipe do Incra, o plano ganhava até um advogado grileiro para assessorar na sua elaboração.

Estes fatos, juntamente com outros técnicos e políticos que Gomes da Silva tão bem explicita em seu livro, fizeram com que o autor deixasse o governo sete dias após o lançamento do Plano, em 10 de outubro de 85. Mas, se caiu por terra o Plano, o também fundador da Associação Brasileira de Reforma Agrária não deixou cair a expectativa pela Reforma Agrária. Respondendo claramente, Gomes da Silva diz que a Reforma Agrária não saiu porque faltou, antes de tudo, legitimidade a este "governo herdado que cheira a coisa imperial". Tranqüilo, o homem que já participou de tantos avanços e recuos da Reforma Agrária, afirma que hoje "ninguém tem mais ilusão de nossos adversários", pois se antes estavam apenas escondidos dentro do Palácio do Planalto, "hoje estão ligados a uma entidade registrada em cartório". É mais fácil de lutar, acredita Gomes da Silva, apostando na retomada da mobilização popular e principalmente num novo corpo legislativo que será melhor do que o atual, mesmo porque, em proporção, "pior do que este é impossível".

A Cotrijuí na Fenamilho



O stand da Cotrijuf na Fenamilho

A convite da Comissão Central da 3ª Feira Nacional do Milho, a Cotrijuf participou do evento comemorativo ao 115º aniversário de Santo Ângelo. No período de 19 a 27 de março, em estande no Pavilhão dos Pequenos Animais, mostramos projetos de diversificação de culturas. Além de sementes e rações, os visitantes puderam ver de perto exemplares do marreco de Pequim, suínos Wessex, galinhas Plymouth (carijó) e as vedetes

do espaço ocupado pela cooperativa: os aquários com algumas carpas e o Pacu, espécie originária do Norte do país que está sendo introduzida na região.

A Fenamilho, pela sua abrangência, serviu para difundir ainda mais o conceito das sementes beneficiadas e distribuídas pela Cotrijuf, bem como confirmar a larga aceitação das rações e concentrados que a cooperativa fabrica e distribui.

Pedagogos descalços

Uma atividade definida política e ideologicamente, autônoma e independente das autoridades governamentais. Assim se caracteriza a estrutura de educação popular sueca, demonstrada por um grupo de educadores deste País, que esteve visitando a Cotrijuf no dia 30 de março. Incluindo também a Unijuf nesta sua viagem de intercâmbio entre a América Latina e a Suécia, promovida pelo Centro de Estudos Latino Americanos do Chile, o grupo sueco veio, principalmente, "buscar inspiração nas idéias pedagógicas libertadoras que caracterizam a educação popular latino-americana no que diz respeito ao compromisso demonstrado pelos educadores na sua difícil luta diária".

Pelo seu lado, os suecos trataram de mostrar um pouco do funcionamento das suas entidades. Na linha de frente do seu trabalho estão os 309 mil círculos de estudos, que são coordenados, na maioria, por "pedagogos descalços", ou sejam, pessoas de baixa escolaridade responsáveis pela monitoria dos grupos. Além disso, o trabalho de educação popular da Suécia conta ainda com 125 escolas populares superiores, duas mil bibliotecas e 29 mil grupos culturais de expressão artística. As escolas e as bibliotecas pertencem à Federação Nacional de Educação Popular, da qual é vice-presidente Peter Engberg, um dos integrantes do grupo. Junto com ele também visitaram a Cotrijuf, Kjell Sundeberg, presidente da comissão internacional das associações populares: Eva Thukin, responsável pelos projetos culturais; Marcos Helles, membro dos organismos eclesiais; Anders Ekman, reitor e pedagogo e Erling Andersson, agricultor e ativista de trabalhos de intercâmbio na Nicarágua.

Combate ao barbeiro

A Sucam - Superintendência de Campanhas de Saúde Pública - volta a Ijuí, depois de quatro anos, para combater o barbeiro, um inseto transmissor da doença de Chagas. A campanha de combate foi lançada oficialmente no dia 5 de abril, no Centro de Saúde e contou com a presença do superintendente da Sucam no Estado, Mário Bernd. A realização da campanha já havia sido assunto de discussão entre a Sucam e a comunidade ijuiense, representada por lideranças comunitárias e do setor de saúde em meados do mês passado. Só depois que obteve a autorização das lideranças locais é que a Sucam lançou a campanha que iniciou por Coronel Barros e Itaí.

Ijuí e Ajuricaba são os dois únicos municípios da área endêmica da doença de Chagas do Estado que ainda não receberam a campanha, pois em 1984, quando se utilizava do BHC, inseticida de poder tóxico altíssimo para combater o barbeiro, ela foi impedida de atuar nestes municípios pelas suas comunidades. Naquela época, segundo Mário Bernd, o barbeiro foi encontrado em 91,45 por cento das localidades pesquisadas em Ijuí. Ele acredita que hoje a incidência ande beirando os 100 por cento.

SECA

A pior safra

A quebra na lavoura de soja plantada na área de atuação da Cotrijuíl chega a 60 por cento. De milho foi perdido 90 por cento da safra.

As regiões Noroeste e Missões começaram a colher a pior safra dos últimos anos, quantificando em números exatos os prejuízos que já vinham sendo estimados há mais de três meses tanto pelos produtores como pelas lideranças do setor. Nem a mobilização dos agricultores e o alerta sobre as perdas, no entanto, resultaram até agora, em alguma medida, embora o Ministro da Agricultura, Íris Resende, tenha levado em mãos, ao presidente José Sarney, um documento relatando a situação.

Para que o governo voltasse a sua atenção para o que está acontecendo com as lavouras de soja e milho destas regiões formadas por apenas 37 municípios, foi preciso que a seca se espalhasse por outras regiões do Estado, causando uma quebra que, segundo a última estimativa da Fecotriço, pode ficar em 39 por cento para a soja. Já na semana passada, o chefe da Divisão de Avaliação de Safras da Comissão de Financiamento à Produção, Edison Pereira Lemos, passou por Ijuí e região, fazendo uma avaliação dos prejuízos. Na sua passagem pela Cotrijuíl, garantiu que Brasília ainda não tem uma exata dimensão do que podem representar os prejuízos da seca para a economia da região produtora de soja.

AS QUEBRAS NO ESTADO

Segundo dados levantados pela Fecotriço, o Rio Grande do Sul deverá perder mais de três milhões de toneladas de grãos em função da longa estiagem. Este levantamento representa 85 por cento da área plantada com soja e milho em todo o Estado. De acordo com os dados, já existe uma quebra real de 39 por cento na soja, passando a ter uma produção estimada de 3,9 milhões de toneladas, contra os 5,8 milhões previstas no início de formação da lavoura. A produtividade caiu de 1.700 para 1.032 quilos por hectare.

AS PERDAS NA REGIÃO

Na região de atuação da Cotrijuíl, onde até o dia 6 de abril já haviam sido colhidos 90 mil hectares de um total de 307 mil plantados com soja, a quebra, agora perfeitamente computada, já beirava os 60 por cento. De uma previsão inicial de 1.700 quilos por hectare, os produtores estão colhendo de 700 a 800 quilos. "Estamos colhendo a pior safra da história da soja na região", dizia o agrônomo e diretor de Operações e Comercialização da Cotrijuíl na Pioneira, Clóvis Rorato de Jesus, numa alusão aos prejuízos que os agricultores vão ter que administrar num ano que ameaça ser de muitas "vacas magras".

Apenas as variedades de ciclo precoce, segundo o agrônomo e diretor agrotécnico da Cotrijuíl, Léo Góí, cultivadas especialmente pelos produtores associados das unidades de Coronel Bicaco e Tenente Portela, onde a estiagem só se agravou a partir de fevereiro e março, quando as plantas já haviam superado a fase de desenvolvimento e floração, os rendimentos estão sendo razoáveis. "Nestas duas regiões, observa o Léo Góí, os produtores estão tirando um pouco mais de 1.400 quilos por hectare".

Mas nos municípios de Ijuí, Augusto Pestana, Jóia, Ajuricaba e algumas micro-regiões localizadas em Chiapetta e Santo Augusto, as quebras na lavoura de soja são mais expressivas e podem ultrapassar os 65 por cento.



O milho foi colhido para o trato da criação

É que nestas regiões, segundo o Léo, houve um plantio grande — de quase 20 por cento da área — no final de janeiro, depois da primeira chuva do ano. As plantas nasceram, mas não desenvolveram e o rendimento está sendo baixíssimo.

A situação da lavoura de milho é ainda mais dramática. A quebra está sendo estimada em 90 por cento. "O produtor só conseguiu colher alguma coisa que foi plantada no início de agosto. As lavouras formadas a partir de agosto, tiveram que ser cortadas e utilizadas como pasto para os animais, já que as forrageiras foram completamente torradas pelo sol. O reflexo da falta de pasto sobre a pecuária leiteira da região fica ressaltado na quebra de produção que hoje já chega a 30 por cento, se comparado com o volume entregue no ano passado, nesta mesma época. A tendência é da produção continuar caindo, já que as pastagens de inverno, em função da falta de chuva, não puderam ser implantadas em tempo.

RECEBIMENTO

Como a quebra na produção de soja da região de atuação da Cotrijuíl pode ficar em 60 por cento, a estima-

tiva de recebimento do produto, segundo o Clóvis de Jesus, é de pouco mais de 150 mil toneladas, contra as 300 mil entregues na safra anterior. "Se atingíssemos o volume entregue na safra 78/79 de 166 mil toneladas e que também foi dizimada pela seca, estaríamos numa situação muito boa, diz o diretor.

A LIÇÃO DA SECA

A seca que se prolongou na região desde o final de novembro até meados de março e que deixou no chão a safra de verão, está deixando uma dura lição "que vai nos levar a repensar algumas coisas em termos de agricultura na região", observa o Léo Góí. Foi possível detectar, segundo o agrônomo, que além dos problemas causados pela própria estiagem, as condições de solo das lavouras da região encontram-se bastante comprometidas. Em área de melhor fertilidade do solo, as quebras foram menos acentuadas", diz. Além disso volta-se a enfatizar a dimensão sobre o sistema de produção (especialmente o assunto diversificação).

1.481 pedidos de Proagro

Os pedidos de Proagro continuam chegando à agência do Banco do Brasil de Ijuí. Até o dia 7 de abril eles somavam 1.481 solicitações feitas por agricultores de Ijuí e Ajuricaba, totalizan-



Nereu Patussi

do 48 mil hectares de lavoura, "num movimento, segundo o gerente da agência local, Nereu Paulo Patussi, nunca visto antes na região". 1.261 dos 1.481 pedidos foram encaminhados por pequenos agricultores; 181 por médios e 39 por grandes agricultores. Todos os pedidos encaminhados ainda se encontram em fase de laudo preliminar. A agência do Banco do Brasil de Ijuí vem mantendo um levantamento diário dos pedidos e encaminhando as informações a agência Central.

Para aquele agricultor que ficou com a safra no chão e espera, agora, poder plantar trigo para equilibrar a situação até a próxima lavoura de soja, Patussi não tem boas notícias: o governo continua insistindo em só financiar a lavoura de quem plantou com recursos oficiais na safra passada. Para o gerente da agência local, o governo não deve mexer na resolução que limita a área de trigo em função do emprego de tecnologia e rotação de culturas, sob pena de colocar em jogo todo o trabalho de conscientização do agricultor que vem sendo formado nestes dois últimos anos. "O governo poderia dar a estes agricultores que perderam suas safras, um crédito de emergência, mas deixando a resolução em vigor". Ele só lamenta que agricultores que não vinham financiando a lavoura de trigo, na intenção de escapar da correção monetária, não possam, agora, recorrer a custeio do governo. "Esses agricultores, observa, realmente serão injustiçados".

Comissão busca solução para os problemas da seca

Uma comissão representativa de cerca de 40 municípios das regiões Missões, Alto Uruguai e Planalto Médio, cujas lavouras de verão foram atingidas pela estiagem, integrou-se à Comissão de Agricultura, Pecuária e Cooperativismo da Assembléia Legislativa, para buscar soluções para os problemas enfrentados pelo setor primário. As reivindicações repetem o documento entregue ao ministro Íris Resende, da Agricultura, quando da sua estada em Santo Ângelo, por ocasião da abertura da Fenamilho.

Os agricultores estão pedindo a isenção da correção monetária em seus débitos, no período compreendido entre 30 de junho de 1987 a 30 de julho de 1988; 100 por cento de financiamento para a lavoura de trigo para minis, pequenos, médios e grandes produtores; acesso ao crédito de custeio para as lavouras de trigo, independente de ter ou não financiado a lavoura do ano anterior; liberação de cinco sacos de soja por hectare destinados a manutenção da família com devolução em produto físico e que todos os débitos vencidos ou por vencer, sejam transformados em produtos físicos, com um ano de carência e três anos para pagamento.

A PRESENÇA DO PRESIDENTE

Na semana passada, a Comissão da Seca da região reuniu-se mais uma vez para

Na última reunião a presença de representantes de 40 municípios das regiões atingidas



atualizar os números dos prejuízos causados pela estiagem na região, onde as quebras chegam a 65 por cento na cultura da soja, 85 por cento na cultura do milho, e 95 por cento no feijão. A reunião, mais uma vez realizada nas dependências da Cotrijuíl em Ijuí contou com a presença de mais de 90 pessoas representantes dos municípios atingidos pela estiagem. Também presente o presidente da Comissão de Agricultura, Pecuária e Cooperativismo da Assembléia Legislativa, deputado Mário Limberger.

Uma comitiva representando a região esteve em Porto Alegre, no início da semana passada, mantendo audiência com o governador Pedro Simon e com a Comissão de Agricultura, Pecuária e Cooperativismo da Assem-

bléia Legislativa. Integraram a comitiva o prefeito de Ijuí, Wanderley Burmann; os presidentes dos Sindicatos Rurais de Ijuí e Catúpe, Reinholdo Kommers e Edson Burmann, respectivamente; Carlos Karlinski, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ijuí, e de representantes da Fetag, Farsul, Ocergs e Fecotriço.

Nesta semana a Comissão da Seca vai a Porto Alegre se reunir com os demais integrantes da Comissão de Agricultura. Nesse encontro serão confrontados os dados levantados na região com os do IBGE e a previsão da Safra de Comissão e Financiamento da Produção. Uma nova comissão será constituída para ir a Brasília, para reivindicar junto ao governo recursos para o Estado.

SECA

O pouco que sobrou

Produtores avaliam as perdas que em alguns casos chegam a 100 por cento.

A situação do agricultor Arnol- do Kovaleski, proprietário de 28,8 hec- tares de terra em Linha 22, interior de Ajuricaba, só não é pior porque ele não tem mais nada a perder. Ele perdeu a lavoura de soja, de milho, de feijão e a produção de leite já caiu pela meta- de. Plantou nesta safra 24 hectares de soja, sendo 19 com recursos próprios e cinco financiados. A maior parte da lavoura foi semeada no início de de- zembro e o restante logo depois da primeira chuva de janeiro. A seca pe- gou em cheio as duas lavouras, levando a colheita do seu Arnolde e a poupança que fez durante todo um ano, para nes- ta safra, poder ficar livre dos juros, dos bancos e das dívidas. Para azar de quem apostou tudo numa boa safra e está levando de presente uma das maiores frustrações, seu Arnolde se vê, agora, às voltas com as contas que precisam ser pagas neste final de co- lheita sem produção.

Como a lavoura mais adiantada estava feia de vida, quase sem vagens e com poucos grãos e a do milho do tarde recém florescendo no final de março, ele não quis esperar mais tempo e pediu Proagro. Pelo laudo do fiscal do banco, ficou liberado para tirar os cinco hectares financiados de onde quis- sesse, "pois achou que a lavoura não vai render nada mesmo". Prô banco está liberado. Não tenho mais o que fazer com a minha soja, a não ser tratar o gado", se queixa o agricultor incor- formado com a situação e com os pre- juízos que já começa a administrar. Seu Arnolde fez as lavouras de verão com recursos da soja ainda do ano passado e só financiou cinco hectares porque o dinheiro não chegou para toda a área. Se não fosse isso, garante que nem tinha entrado em banco para pegar di- nheiro.

Meio sem rumo, com a soja na lavoura morrendo aos poucos pela falta de chuva e com o milho por colher, onde acredita que tira "pouca coisa mais do que nada", seu Arnolde espera agora que o governo "dê uma mão", atendendo as reivindicações deste pes- soal castigado pela seca. Mas enquanto o governo não se manifesta, ele já co- meça a planejar a lavoura de trigo, mesmo sabendo que corre o risco de não conseguir financiamento por ter deixado a planta meio de lado já há algum tempo. "Tenho plantado trigo só para o gasto", diz ele na expectativa de que o governo volte atrás e deixe de lado a exigência de que só tem direi- to a custeio oficial aquele agricultor que já vinha financiando a sua lavoura. "Se o governo não nos ajudar nesse momento difícil, agricultores que nem eu, que perderam toda a produção des- ta safra, não vão ter como sobreviver até o próximo verão".

Por enquanto a família Kova- leski — trabalham na mesma terra além do seu Arnolde, mais três filhos —, vai tentar segurar as pontas com a re- ceita do leite, embora a produção já tenha caído de 30 para 15 litros diários por falta de pasto. "Daqui para frente, alerta, a situação só vai piorar. O mi- lho já está terminando e o azevém que nesta época do ano vinha crescendo, ainda nem nasceu. Se me apertar de- mais de trato para as quatro vacas de leite, largo na lavoura de soja".

49 SACOS

No finalzinho de março o seu Amadeu Bandeira, proprietário de 18 hectares de terra em Linha 24, Ajurica-

ba, estava às voltas com uma das piores colheitas que já realizou em toda a sua vida de agricultor. Dos 16 hectares de planta calculava que colhia pouco mais de 120 sacos de soja. A previsão tinha como base os resultados da lavoura que fez por conta, de oito hectares, e de onde já havia colhido uns minguados 49 sacos de produto. "Só des- ta área, conta ele, já tirou mais de 300 sacos de soja". Para a lavoura financiada, também de oito hectares, ele pediu Proagro, mas ain- da não tinha dado início na colheita. De qualquer for- ma, os prejuízos vão ser grandes também e a produção, pelos seus cálculos, pode ficar ao redor de 65 sacos. "Não espero muito mais do que isso. A planta tá ruim demais que quase nem vale a pena colocar máqui- nas na lavoura. O que se colhe quase nem cobre as despesas com o óleo", lamentava ele enquanto colhia, já pas- sado pelo sol, a produção de amendoim plantada apenas para o consumo da ca- sa.

O seu Amadeu foi tão azarado nesta safra, que as suas perdas na la- voura não aconteceram apenas por cau- sa da seca. Por incrível que parece, ele perdeu soja durante a única chuva que caiu na sua propriedade até o final de março. Toda a soja, plantada numa várzea e que vinha tendo um bom desenvolvimento, apesar da falta de chuva, foi perdida. "Essa safra foi de desacorçoar qualquer agricultor. Nem com a seca de 85, quando só consegui colher 600 sacos, andei tão mal como agora".

POUCAS SAFIDAS

Para o seu Amadeu, oito filhos e três trabalhando na mesma terra do pai, o agricultor, principalmente aque- le que perdeu toda a planta com a seca, tem poucas saídas e todas nas mãos do governo. "Entendo que o governo vai ter que nos ajudar", diz ele pedindo um ano de carência para pagamento das dívidas e uma alívada na correção. "Quando tempo não colabora, a cul- pa não é do colono. Se não temos produção porque o tempo não colaborou, como vamos pagar as nos- sas dívidas? O Proagro, diz ainda, co- bre apenas 80 por cento das minhas lavouras. O restante da dívida, tenho de pagar".

"Estou colhendo um pouquinho de soja do cedo, diz o seu Pedro Borto- lini da Rosa, 68 anos e proprietário de 42 hectares de soja em Rincão da Laje, interior de Ijuí, calculando uma média de seis sacos por hectare. É uma produção que não cobre nem as despe- sas com o óleo da máquina". Três dos nove filhos do seu Pedro trabalham na mesma terra, em conjunto com o pai.

POUCA ÁGUA

A primeira seca na região de Rincão da Laje, segundo o seu Pedro, durou mais de 60 dias e começou ainda em novembro. Ela só foi aliviada por uma pancada de chuva que pouca coisa resolveu. Até o final de março, com mais de 60 dias sem chuva, até o abas- tecimento de água já começava a ficar comprometido, e o gado, com o pasto torrado pelo sol, estava sendo tratado com soja colhida na lavoura.

A lavoura de milho do seu Pe- dro era para 250 sacos, mas a seca



Seu Alvisio, Mário e Anselmo: 100 por cento de perdas

reduziu a colheita para 20 sacos. O milho plantado no cedo foi todo colhi- do para o trato das vacas e dos porcos. "O milho é o esteio da propriedade. Sem ele não temos ovos, carne e nem leite", diz o agricultor prevenido desde agora um ano de muita carência.

O João Carlos Vieira da Cunha, vizinho do seu Pedro, também anda enrolado com os prejuízos da soja e do milho. Ele é arrendatário de oito hectares e planta em mais três de pro- priedade da mãe. Fez toda a lavoura de soja com recursos próprios e está achando que não vai colher grande cois- a. "Não vou ficar devendo para os bancos, mas também vou perder todo o dinheiro que apliquei na lavoura. A minha situação, dizia ele no final de março, é ainda pior do que a daqueles agricultores que financiaram suas la- vouras e perderam tudo.

100 POR CENTO DE PERDA

"Plantei toda a minha soja no dia 18 de janeiro. Não vou colher nem um grão. O meu prejuízo vai ser de 100 por cento", lamentava o seu Alvisio Müller, proprietário de 16 hectares de terra em Alto da União.

A lavoura de soja, de 10 hecta- res, foi feita com o dinheiro do trigo e da horta, que é de responsabilidade dos filhos, o Mário e o Anselmo. Para a dona Terezinha, esposa do seu Alvisio, eles teriam ganho mais se tivessem deixado o dinheiro da lavoura na pou- pança, rendendo juros.

O seu Alvisio tem sete filhos. Dois deles estão trabalhando na cida- de, outro em Caibaté e quatro ainda estão em casa. Dois deles lidam com hortigranjeiros, plantando de tudo um pouco. A lavoura grande fica por conta do seu Alvisio, mas tudo é dividido en- tre todos, inclusive os prejuízos. De- pois da soja perdida, os Müller já pen- sam no trigo, mas com certa prudência, "pois não temos dinheiro para tornar a lavoura", dizem eles. Tem um pouco de semente guarda em casa, mas estão assustados com o preço do adubo. "De onde vamos tirar Cz\$ 25 mil para pagar uma tonela- da de adubo, indaga o seu Alvisio, que ainda não sabe como vai fazer pa- ra cumprir o contrato que fez com a Cotrijuí comprando calcário em troca de soja.



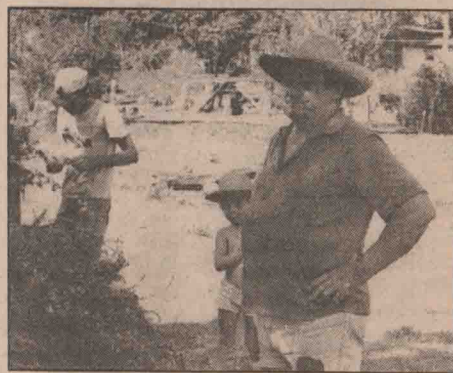
Arnolde: pediu Proagro



Pedro Rosa



João Carlos



Amadeu: perdas com a seca e a chuva



Mariano: só hortaliças

Ganhando com a seca

O agricultor Mariano Sartori, proprietário de oito hectares de terra em Ijuí, lida praticamente só com hortaliças. Planta pepino, cenoura, beterraba, repolho, couve-for e al- guma coisa de milho, mandioca e batata-doce. Até o final de março, a estiagem só tinha pego em cheio o milho do seu Mariano, reduzindo a colheita para 10 sacos de uma produção estimada em 100 sacos. A mandioca estava salva e a batata- doce a meio caminho.

O que salvou as hortaliças do seu Mariano foi a irrigação, embora ali pelo final de março a água já estivesse dando sinais de escassez. Estou produzindo beterraba meio sozinho na região", dizia ele satis- feito com as 100 caixas da horti- ça entregue no hortigranjeiro do Cotrijuí. Também estava vendendo cenoura "ainda da produção velha", mas garante que em poucas semanas já começa a colher a produção nova. "A não ser por causa das perdas com o milho, não posso me queixar muito da estiagem. Os preços estão bons, compensando a trabalhadora", ressal- ta o agricultor que neste ano fez uma experiência plantando feijão no meio da cenoura.

Os votos da eleição

O novo conselho de administração da Cotrijuí foi eleito com o apoio de 90,58 por cento de votos.

O novo Conselho de Administração e Fiscal da Cotrijuí foi eleito com o apoio de 90,58 por cento dos associados votantes. A eleição, que movimentou 4.492 associados que participaram da votação nas três Regionais da Cotrijuí — Pioneira, Dom Pedrito e Mato Grosso do Sul —, aconteceu durante a realização da assembléia geral ordinária para apreciação do balanço do exercício 87, do relatório da administração e de outros assuntos que estiveram em pauta no dia. A chapa única, liderada por Oswaldo Meotti, obteve 4.069 votos de um total de 4.492. 358 votos foram dados em branco e 65 nulos.

Além de Oswaldo Meotti, diretor-presidente da Cotrijuí, foram reconduzidos aos seus cargos Celso Bolfvar Sperotto, reeleito para vice-presidente da Pioneira, Nedy Rodrigues Borges e Lotário Beckert, para os cargos de vice-presidente e superintendente, respectivamente para a Regional de Mato Grosso. Para o cargo de superintendente da Pioneira foi eleito Walter Frantz. Oscar Vicente e Silva foi eleito vice-presidente da Regional de Dom Pedrito e Eduardo Augusto Pereira de Menezes para o cargo de superintendente. Tanto o Walter Frantz como Oscar Silva e Eduardo Menezes, estão chegando pela primeira vez à diretoria executiva da Cotrijuí através do voto direto do associado.

Estavam aptos para votar nesta eleição 13.383 associados que entregaram a sua produção no ano passado. Deste total, participaram da votação 4.492 associados, num índice de 33,56 por cento. Na Pioneira compareceram às urnas 3.570 associados de um total de 10.434 aptos, alcançando um índice de 34,20 por cento. Em Dom Pedrito votaram 302 associados de um total de 920 aptos. O índice de votação foi de 32,83 por cento. Na Regional de Mato Grosso votaram 620 associados de um total de 2.029 em condições de votar. A maior participação ficou com a Regional Pioneira, com 34,20 por cento dos votos, seguida por Dom Pedrito com 32,83 por cento, enquanto Mato Grosso teve o menor índice de presenças: 30,55 por cento.

Também o Conselho de Administração foi renovado em 12 integrantes e o Fiscal em dois. O número de conselheiros é proporcional ao número de associados, ficando, portanto, a Regional Pioneira com nove conselheiros, o Mato Grosso com cinco e Dom Pedrito com três. No Conselho Fiscal cada



A posse da nova diretoria

conselheiro representa uma das regionais.

Para a realização das eleições deste ano foram colocadas 180 urnas à disposição do quadro social e a assembléia geral ordinária da Cotrijuí teve a duração de três dias. No dia 28, à tarde, os representantes apreciaram o balanço, destinaram as sobras do exercício — as sobras serão proporcionais ao exercício de cada Regional e depositadas na conta capital dos associados —; fizeram as autorizações de costume à diretoria e debateram outros assuntos que integravam a pauta do dia. A condução dos trabalhos foi feita pelo associado, representante da unidade de Santo Augusto, Ivo Oliveira. No dia 29, durante todo o dia, 180 urnas percorreram todo o interior dos municípios que integram a área de atuação da Cotrijuí para que os associados pudessem votar.

No dia 30 aconteceu a posse da nova direção, conforme asseguram as normas da Estrutura do Poder. A direção executiva tem mandato de três anos, enquanto que os Conselhos de Administração e Fiscal, são renovados parcialmente a cada ano por ocasião da realização da assembléia geral. O resultado da eleição foi lida antes do encerramento da assembléia, pelo associado Pedro Fava, representante da Regional de Mato Grosso.

APELO

Ao ser empossado como presidente da Cotrijuí pela segunda vez consecutiva, Oswaldo Meotti fez um apelo à unidade do quadro social, convidando a todos para trabalharem em benefício da cooperativa. "A democracia, não é sinônimo de consenso. É a busca de consenso", disse o presidente reconhecendo que os votos brancos e nulos devem funcionar como um puxão de orelhas "no sentido de aperfeiçoarmos o nosso trabalho".

Meotti considerou o resultado da eleição significativo, dizendo que



A contagem dos votos

o quadro social avançou politicamente em relação a esquemas existentes em outras cooperativas, quando a eleição ainda aconteceu na base do senta e levanta. "Votaram aqueles associados que efetivamente participam da vida da Cooperativa." Lembrou das prévias que antecederam a eleição para a escolha dos candidatos a superintendente na Pioneira e Dom Pedrito. "O resultado, disse ele, deve ser aceito por todos como um exercício da democracia". Agradeceu o trabalho dos que se desligavam da diretoria e convidou a todos para permanecerem lutando pela cooperativa.

Celso Sperotto, reeleito vice-presidente da Pioneira, agradeceu a colaboração do quadro social nestes três anos de gestão passada e o trabalho de Antoninho Boiarski Lopes, que deixava o cargo de superintendente e disse esperar o mesmo apoio durante os próximos três anos. Antoninho Boiarski Lopes desejou sucesso aos novos eleitos, se colocando à disposição da Cooperativa. "Não é só dentro da Cooperativa que se pode trabalhar por ela", disse, Nedy Borges e Lotário Beckert, vice-presidente e superintendente da Regional de Mato Grosso e Oscar Silva, vice da Regional de Dom Pedrito, também manifestaram agradecimentos ao apoio recebido, convidando a todos para trabalhar em benefício da Cooperativa. Tânio Bandeira, que deixava a vice-presidência da Regional de Dom Pedrito e Zeno Foletto também se colocaram à disposição da Cooperativa para trabalhar em seu favor.

Os novos eleitos

Oscar Vicente e Silva, eleito vice-presidente da Regional de Dom Pedrito, nasceu em 16 de setembro de 1914, no lugar denominado Cruz de São Pedro. Fez seus estudos preliminares em Dom Pedrito e cursou, em Porto Alegre, na década de 30, o Curso Superior de Comércio no Colégio Rosário. Mas em seguida retornou às atividades agrícolas, trabalhando ao lado do pai. Ao lado das atividades agrícolas, se dedicou a política. Petebista histórico, militou no partido desde os primeiros tempos de Getúlio Vargas. Foi diretor-presidente do Instituto Sul-Riograndense de Carnes, em Porto Alegre, de onde saiu para dirigir a Prefeitura de Dom Pedrito no período de 1959 a 1963. Está hoje ligado ao PDT pedritense, o qual preside. É proprietário da Estância São Luiz do Upacará, no 3º subdistrito; da Estância São Joaquim, também localizada no 3º subdistrito, da Estância Picada das Pedras, no 2º subdistrito; da Cabanha Vista Alegre do Ponche Verde, especializada em melhoramentos da raça Aberdeem Angus e de uma cabanha para melhoramento de ovinos especializada na raça Corriedale. É ainda cultivador de 1.000 hectares de terra onde cultiva arroz, trigo, pastagens e forrageiras. Está ligado ao cooperativismo desde os tempos da Pedritense. Na Cotrijuí vinha ocupando o cargo de superintendente desde fevereiro de 1987.



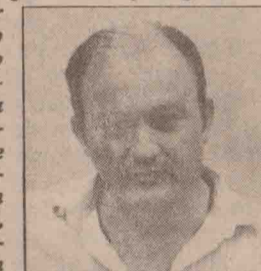
Oscar Silva

Eduardo Augusto Pereira de Menezes é o novo superintendente da Regional de Dom Pedrito. Nasceu em Pelotas, onde cursou agronomia. Atuou como agente de Extensão Rural na Associação Sulina de Crédito e Assistência Rural, a antiga Ascar, em Estrela; foi presidente da Associação para o desenvolvimento Rural de Estrela; desempenhou as funções de subgerente de Crédito Rural; de Gerente Adjunto e gerente no banco Lar Brasileiro S/A. No Banco de Boston, em Porto Alegre, ocupou o cargo de Gerente Adjunto. Foi presidente da Cooperativa Central Gaúcha de Telecomunicações Rurais e conselheiro da Organização das Cooperativas do Rio Grande do Sul. Na Cotrijuí, onde atuou por mais de quatro anos, desempenhou as seguintes funções: de coordenador de comercialização e de diretor Regional em Dom Pedrito. É membro do Conselho de Administração da Valurugui e associado da Cotrijuí desde 1977. É proprietário de 400 hectares, onde cria e engorda gados bovinos e ovinos e planta arroz, sorgo, milho e pastagens.



Eduardo Menezes

Walter Frantz foi eleito para ocupar o cargo de superintendente da Cotrijuí na Pioneira. Filho de agricultor, nasceu em 1949, em Linha Central, interior de Santo Cristo. Em 1969 saiu do meio da família para buscar sua independência e vida própria, aproveitando sua formação escolar. Em 1975, obteve, através da Igreja Evangélica da República Federal da Alemanha, uma bolsa de estudos, que lhe permitiu realizar aperfeiçoamentos de cooperativismo na área de educação e organização do quadro social na Universidade de Münster, na Alemanha Ocidental. Na tese de conclusão de curso falou sobre a experiência da Cotrijuí. Desde 1979 está ligado ao trabalho de educação rural, ao cooperativismo e ao sindicalismo em Ijuí e região. Foi professor na Unijuí e na Cotrijuí assessorou o trabalho de organização de núcleos até 1985, quando assumiu o comando da Assessoria de Desenvolvimento de Recursos Humanos da Pioneira. É agricultor desde 1967 e proprietário de 14 hectares de terra em Saltinho, Ijuí, onde desenvolve uma agricultura diversificada. É casado com Maria Helena Zancan Frantz e pai do Rafael, do Vicente e da Marília.



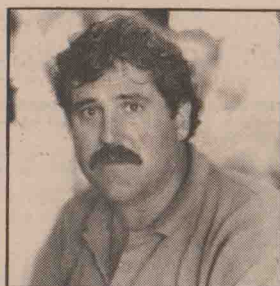
Walter Frantz

QUADRO GERAL DE PARTICIPAÇÃO NAS ELEIÇÕES DA DIRETORIA													
Unidades Regionais	Nº de Assoc.	Delxaram de votar	Aptos a votar	Votaram	% votantes s/ aptos	Votos válidos	% votos vál. s/ votantes	Votos brancos	% votos brancos s/ votantes	Votos nulos	% votos nulos s/ votantes	Não aptos a votar	Urnas
Ijuí	3.686	2.245	3.202	957	29,85	740	77,30	173	18,09	44	4,60	484	48
Santo Augusto	1.092	493	933	440	47,16	430	97,73	7	1,59	3	0,68	159	11
Tenente Portela	2.554	1.452	1.975	523	26,48	498	95,22	24	4,59	1	0,19	579	18
Jóia	719	436	579	143	24,70	137	95,80	6	4,19	0	0,00	140	11
Coronel Bicaco	664	315	564	249	44,15	245	98,39	3	1,20	1	0,40	100	7
Chlapetta	591	305	496	191	38,51	181	94,76	8	4,19	2	1,04	95	8
Ajuricaba	1.382	834	1.269	435	34,28	403	92,64	27	6,20	5	1,15	113	10
Augusto Pestana	1.502	784	1.416	632	44,63	566	89,56	60	9,49	6	0,95	86	26
Total Pioneira	12.190	6.864	10.434	3.570	34,20	3.200	89,63	308	8,63	62	1,74	1.756	139
Chlapetta	1.514	618	920	302	32,83	285	94,37	16	5,30	1	0,33	594	20
Maracaju	411	187	286	99	34,61	92	92,93	7	7,07	0	0,00	125	3
Sidrolândia	275	153	206	53	25,73	45	84,90	8	15,09	0	0,00	69	4
Rio Brillhante	497	205	324	119	36,72	117	98,32	2	1,68	0	0,00	173	3
Dourados	638	368	465	97	20,86	90	92,78	6	6,18	1	1,03	173	6
Bonito	239	105	179	74	91,89	68	41,34	6	8,11	0	0,00	60	4
Caarapó	207	100	139	39	28,06	38	97,43	1	2,56	0	0,00	68	3
Ponta Porã	304	111	163	52	31,90	51	98,08	0	0,00	1	1,92	141	3
Montese	295	180	267	87	32,58	83	95,40	4	4,60	0	0,00	28	2
Total MS	2.866	1.409	2.029	620	30,55	584	94,19	34	5,48	2	0,32	837	28
Total Geral	16.570	8.891	13.383	4.492	33,56	4.069	90,58	358	7,97	65	1,45	3.187	187

Estes são os integrantes dos conselhos de Administração e Fiscal



Egon Elckhoff



Jorge Alberto Sperotto



João Santos da Luz



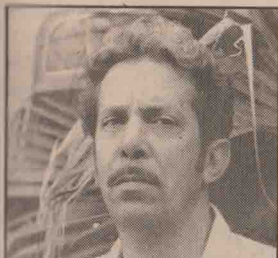
Félix Gotardo



José Ataídes Concelção



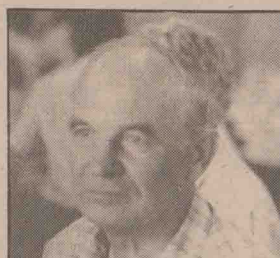
José Jorge Rieth de Oliveira



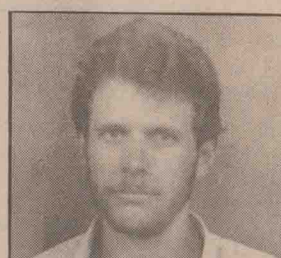
Iranil do Santos Amaral



Deniz Espedito Serafini



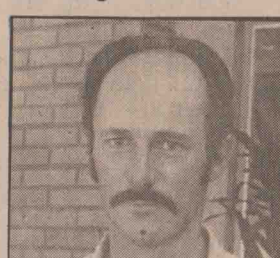
Oscar Otto Hoerle



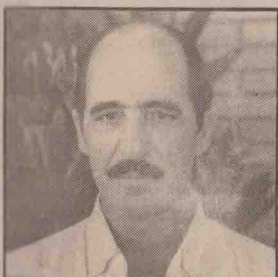
Luiz Carlos Roos



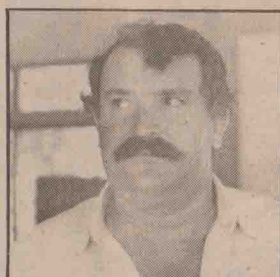
Leonildo Anor Pötter



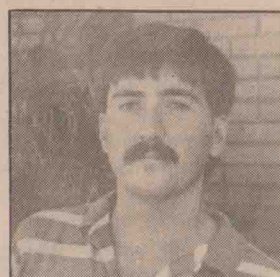
Luiz Forcin



Edgar Severo



Realdo Cervi



Pedro Afonso Perelra



Jayme Wender

O Conselho de Administração conta com nove associados representantes da Pioneira, cinco de Mato Grosso e três de Dom Pedrito. Cada uma das regionais tem um representante no Conselho Fiscal. Os conselheiros Olívio Moraes, Frederico Antônio Stefanello, Paulino Stralioetto e Nilton Vieira de Souza, não aparecem nas fotos acima porque não puderam vir a Ijuí para a assembléia.

Uma agricultura frágil

Para Oswaldo Meotti, uma agricultura frágil, não gera desenvolvimento. Acredita que é hora de acabar com o jogo de cabra cega das importações de alimentos.

A Comunidade Econômica Européia mantém em estoques enormes quantidades de alimentos. Só no ano passado a CEE gastou 23 bilhões de dólares como subsídio para sustentar os preços do campo e deverá aplicar outro tanto dos mesmos recursos neste ano, pois ninguém pensa em diminuir a produção. É tão forte e segura essa política de subsídio ao campo na cobertura das diversas culturas, que os Estados Unidos tentaram-na anular no ano passado, sem obter resultados.

Mas se não deu e nem vai dar certo junto a forte e desenvolvida comunidade européia de nações, a pretensão dos norte-americanos dará certo nos países do Terceiro Mundo, especialmente na África e América do Sul. Aliás, no Brasil, a política de recessão agrícola sugerida por Washington já está sendo aplicada no trigo, quando o governo adota a postura de frear a expansão do cultivo.

Para o presidente da Cotrijuf, economista Oswaldo Olmiro Meotti, observador atento do comportamento mundial do mercado de grãos, o processo em causa e cuja política está sendo aplicada agora, tinha sido apresentado pelos Estados Unidos em setembro do ano passado em Genebra, durante a reunião do GATT (Acordo Geral de Comércio e Tarifas). O plano apresentado naquela oportunidade previa a eliminação gradual de todos os subsídios governamentais à agricultura nos próximos dez anos e a extinção de todas as barreiras nas importações.

Como os norte-americanos geralmente dizem uma coisa pensando em outra, ou induzem algo para efeito in-

terno mas com prática diferente para os outros países, continuam subsidiando as suas lavouras, enquanto farão pressão nos países do Terceiro Mundo, para que estes reduzam os subsídios. **NÃO HÁ DESENVOLVIMENTO COM AGRICULTURA DÉBIL.**

O presidente da Cotrijuf entende que não pode haver desenvolvimento real enquanto se pratica uma agricultura débil, do ponto-de-vista estrutural. E nós nem ao menos contamos com a garantia de uma política agrícola definida, diz ele.

Lembrou que estudos feitos pelo Banco Mundial demonstraram que todos os países possuidores de forte setor agrícola são justamente aqueles bem mais capacitados a desenvolver outras áreas da economia. E dá como exemplo mais significativo o da própria agricultura americana, que nos últimos 50 anos passou por grandes transformações, viabilizando o desenvolvimento industrial e, sendo por este, igualmente influenciada.

Nesse sentido é preciso lembrar a nossa triticultura, que surgiu frágil e tímida no final da década de 50, e estimulou a formação de um parque industrial de máquinas que colocam a nossa agricultura entre as mais modernas do mundo. Tem-se como certo que qualquer que seja a política dedicada à agricultura de um país, seus objetivos deverão ser, única e exclusivamente, possibilitar o desenvolvimento do setor, com aumento da produção e da produtividade.

A agricultura é a única forma pura de geração de riqueza. Por ser renovável e dar respostas contínuas aos esfor-

ços do trabalho, significa a matriz econômica que se basta por si mesma. Sabedores disso, governos de alguns países chegam a realizar gastos públicos para subsidiar os insumos mais importantes, a concessão de prêmios e doações sobre os dispêndios nas propriedades rurais e a concessão de incentivos fiscais.

MESMO AQUI NO BRASIL JÁ FOI DADO O EXEMPLO

Oswaldo Meotti lembra que mesmo em nosso país já foi dado o exemplo. Apesar de que a intenção maior fosse viabilizar culturas para a exportação — no caso, a soja — não se pode deixar de reconhecer que os governos brasileiros da década de 70, prestigiaram a agricultura nacional com incentivos financeiros. E o resultado dessa política foi a expansão das lavouras, a instalação de uma infraestrutura de armazenagem para grãos, o incremento da indústria de transformação, o incremento nos transportes e a maior agilização na comercialização.

Foi pena que faltaram outros coadjuvantes para alicerçar na sistematização de uma prática constante, a manutenção daquela política. Tanto que, bastaram as primeiras dificuldades financeiras motivadas pela crise acelerada a partir de 1983, para que o governo passasse a cortar os subsídios.

Penso até ser compreensível que cortem subsídios quando se possui excedentes de produção ou quando determinados produtos não são de primeira necessidade. Mas o que não se concebe, não se pode admitir em sã consciência, é que se desestimule a produção de alimentos, visando a importação

deles. É o caso do trigo nacional, pelo que se tem revelado das atitudes e atos do governo. Chegamos a essa conclusão, depois do compromisso assumido com os argentinos.

IMPORTAÇÃO BARATA É CAVALO DE TRÓIA

O crédito rural tem sido a mola mestra da agricultura brasileira. Aliás, o Banco do Brasil, ao fundar a Creal, consolidava essa filosofia ainda no início dos anos 50. Pode-se dizer que, a rigor, crédito nunca faltou à agricultura. O que seguidamente tem faltado é preço compensador para os produtos e também créditos aos produtores, a juros compatíveis, para que eles possam reter o produto em seus armazéns, livrando-se da ação nefasta dos intermediários.

Nossa preocupação está sempre presente é quando se necessita importar alimentos. O argumento de alguns de que é compensador importar produtos quando são mais baratos, é entrar no jogo da cabra cega. Verdadeiro cavalo de Tróia, a importação traz em seu bojo uma carga maléfica, cujos efeitos imediatos são inumeráveis. Os mais graves são o dispêndio de divisas, a desarticulação da produção interna, a paralisação da economia paralela e o efeito econômico escalonado da produção. Tudo isso tem o efeito de agir como esmeril corrosivo na economia nacional, quando se opta por industrializar e comercializar produtos cujas matérias-primas são importadas. Para Oswaldo Meotti, a chamada vantagem da importação barata é um verdadeiro cavalo de Tróia.

O relatório do Conselho

Conselho de Administração faz um relato das atividades desenvolvidas durante os três anos de mandato.

Este relatório e esta Assembleia encerram também o triênio de mandato do atual Conselho de Administração. Foi em abril de 1985 que, por indicação e delegação de nosso corpo associativo tivemos a honra e a responsabilidade de gerir, por este período, os destinos de nosso grupo.

Tempos muito difíceis, missão espinhosa. A conjuntura econômica nacional manteve-se, durante todo esse tempo, e mantém-se até agora, como a mais conturbada da história brasileira.

Num clima permanente de incertezas, tensão social, conturbações políticas, com uma dívida interna astronômica que comandando a espiral da inflação em ritmo galopante, via juros e correções monetárias, e com uma dívida externa que, somente seus encargos anulam nosso superávit da balança comercial e, ainda, põe em risco as reservas monetárias do país, o governo, na tentativa de encontrar soluções, edita pacotes, choques econômicos e mudanças administrativas. Todas estas atitudes no seu cômputo geral, pelo menos até aqui, só contribuíram e contribuem para aumentar essas incertezas para o amanhã, desagregando todos os setores econômicos, especialmente a agropecuária, tornando cada vez mais difícil a tarefa de administrar.

O setor agrícola, indiscutivelmente, tem sido o mais atingido pela política econômica oficial. Achatam-se os ganhos dos consumidores e transfere-se ao produtor a responsabilidade de, embora dependendo de insumos e créditos cada vez mais caros, produzir alimentos baratos. Ao se discutir a eficácia ou a viabilidade de um novo congelamento, aceitam-se exclusões de muitos produtos e serviços (especialmente os de origem oficial-siderurgia, combustíveis, energia elétrica, comunicações, etc), mas nunca se exclui a chamada "cesta básica".

Com isto, a renda do setor agrícola, há muitos anos vem se mantendo negativa.

A nossa Cooperativa, por consequência, também sofre o impacto desses desajustes econômicos.

Tomando-se por base somente o último triênio, e considerando-se nosso recebimento e comercialização de grãos que respondem em torno de 80 por cento de nossas receitas, tivemos a seguinte situação:

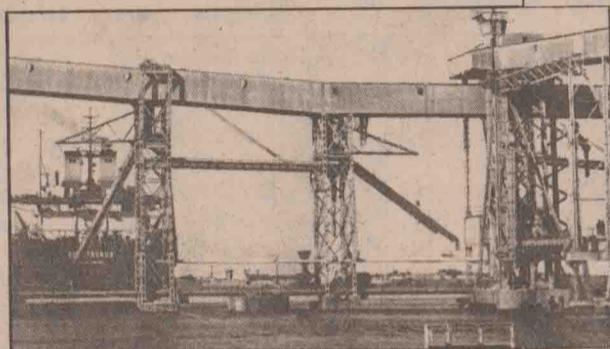
Ano	Toneladas	Fat. OTN	Fat Dólar
1985	957.111	23.149.441	157.171.346
1986	893.679	27.704.092	222.171.946
1987	1.105.213	20.951.104	153.183.531

Considerando-se, assim, o faturamento em moedas fortes (OTN ou dólar) observa-se que, em 1985, para um volume físico de 957.111 ton de produtos, apuramos uma receita de 23.149 milhões de OTNs, ou US\$ 157.171 milhões de dólares.

Excluindo-se 1986, ano totalmente atípico, quando tivemos o Plano Cruzado, com congelamento de nossos ganhos e também de nossos custos, já em 1987, com significativo acréscimo da produção recebida (+ 15,4 por cento em relação a 1985 - 1.105.213 - 957.111), nossa receita decresceu em 9,5 por cento se considerarmos a moeda OTN (20.951.104 para 23.149.441), e 2,5 por cento se considerarmos sua conversão em dólar (153.183.531 para 157.171.346).



O setor de lojas e mercados alcançou 14,87 por cento da receita bruta (acima). A nova fábrica de rações, inaugurada em outubro (ao lado). O Terminal de Rio Grande foi decisivo para a redução da dívida (foto abaixo).



No entanto, mesmo com todas as condições adversas enfrentadas, numa demonstração inequívoca do espírito de união, trabalho e muita fé naquilo que realizam, direção, produtor e equipe de funcionários de nossa cooperativa vêm, conjuntamente, enfrentando com muito denodo, com muita galhardia, todas as dificuldades que a conjuntura nos impõe, procurando sempre, preservar e reforçar esse patrimônio que é a nossa Cotrijuf, colocando-o, cada vez mais, com toda a transparência necessária a serviço dos interesses de nosso corpo associativo.

Estão lembrados que, ao assumirmos a direção administrativa de nosso grupo, há três anos passados, tínhamos, em nosso modesto plano de trabalho, algumas metas a perseguir, dentre as quais destacamos a mais abrangente, "consolidação política e patrimonial" de nossa cooperativa, trabalho este, em parte já iniciado pela administração que nos antecedeu.

No campo político, inauguramos no período de gestão que hoje finda, um novo estilo administrativo. O crescimento horizontal de nossa cooperativa, com incorporações de novas áreas de situações geográficas distantes entre si e com peculiaridades produtivas distintas tendia a gerar distorções econômicas internas. Para contornar as possíveis dificuldades se fazia necessário que o poder decisório político e operacional estivesse junto ao produtor associado, que se evitasse, tanto quanto possível, o distanciamento direção/associado.

Essa visão política felizmente chegou a tempo em nosso Grupo. Numa atitude pioneira no sistema praticamos a "Estrutura de Poder", entre ofícios e oficialmente já há oito anos em nossa Cotrijuf. E, a partir de nossa gestão, as administrações eleitas, vice-presidentes, superintendentes, conselheiros de administração e fiscal em cada Regional sem qualquer sombra de dívida representou um grande salto qualitativo na conduções de nosso des-

finho. Se as falhas ainda existirem, num e no outro processo (Legislativo/Estrutura de Poder, ou Executivo/Conselho de Administração) estas por certo serão, gradativamente sanadas se continuarmos contando com o nível de participação de nosso corpo associativo conforme até aqui tem acontecido. Trata-se, pois, de um processo que nunca se consolida, por ser permanente, e que sempre deve ser renovado, adaptando-se às novas conjunturas político-econômicas sociais.

No campo econômico, era de vital importância o saneamento financeiro. As dívidas em grande monta, de vencimento imediato e de altos encargos, corroíam e ameaçavam a liquidez de nosso patrimônio e isto redundava em descrédito junto a credores, poderes constituídos, e dívidas e até desconfiança de nosso corpo associativo. Na busca de soluções aceleramos processo iniciado pela administração anterior: plano de desmobilizações; reestruturações internas dos diversos setores produtivos; reestruturação e motivação do corpo funcional; reavaliação total das empresas subsidiárias e renegociação das dívidas de curto prazo foram as metas principais no caminho do saneamento financeiro.

A tentativa de desmobilizações (Terminal/IRFA) foi incrementada no primeiro ano de nossa gestão-1985. Não sendo possível sua concretização, redirecionamos nossa política. Passamos a nos auto-prestigar e a acreditar mais na nossa própria força de trabalho, tomando aqueles empreendimentos setores lucrativos, hoje com boa parcela de contribuição na recuperação financeira do Grupo. As demais subsidiárias, as eminentemente prestadoras de serviço ao Grupo - os Hospitais, Transcooper, Cotridata, Cotriseguros e Cotriexport são todas auto-sustentáveis, mesmo aquelas que no passado dependiam de subsídios da Cotrijuf para sua subsistência.

A reestruturação interna dos diversos setores é um processo contínuo e evolutivo. Os resultados numéricos

até aqui obtidos atestam o acerto das medidas e nos incentivam a continuar nesse caminho.

A renegociação das dívidas foi concluída em sua primeira etapa. Para a consolidação final resta apenas a assinatura do termo com um dos credores (Banco do Brasil-Cayman). E o que é muito importante: não aconteceu apenas a protelação dos compromissos, mas também os pagamentos das prestações pactuadas que estão sendo honrados em seus respectivos vencimentos, sendo que uma das dívidas renegociadas em 1985 já está totalmente quitada (Barrisul).

Esta recuperação da saúde financeira da cooperativa não é total. Persistem, ainda, compromissos, embora todos vincendos e sob o mais absoluto controle. Ela é apenas parcial, e resulta de um somatório de atitudes, dentre as quais reputamos como a mais importante, sem a qual o processo não se viabilizaria: - a participação coesa de todo o corpo associativo da entidade, seja no aspecto político, criticando e sugerindo medidas, no econômico, através da comercialização de suas safras e abastecimento de insumos, e também na confiança que sempre dispensou à direção, incentivando-a, dando-lhe apoio a que seguisse e desenvolvesse as metas programadas. Tudo isso possibilitou esta recuperação parcial das finanças de nossa cooperativa, inclusive, sem incorrerem a sacrifícios extras de parte de nossos associados, via capitalização. Pelo contrário, como resultado de campo, de trabalho realizado pelo próprio corpo associativo, durante período aproximado de oito meses, em 1986 (Conselho de Representantes e Administração) concluiu-se pela redução da alíquota de capital, de 3,0 por cento para 2,0 por cento em todos os produtos. Esta medida, sem dúvida, trouxe benefícios a todos. Aos associados, pela redução do investimento, e à cooperativa pelo crescente recebimento de produtos, eis que, em 1987 registramos novo recorde, com 1.105.213 ton.

O resultado do exercício 1987

1987 começou tumultuado, como reflexos das medidas econômicas do ano anterior. Produtos agrícolas iniciaram o ano com expectativa de mercado onde o "preço mínimo" do governo mais se caracterizou como "preço máximo". Em alguns casos, como da soja e milho, não se encontrava compradores pelo "preço máximo".

TRIGO

Fatores climáticos, avanços da tecnologia de cultivo, com aplicação adequada de insumos e sementes selecionadas contribuíram para que registrássemos em 1987 uma das melhores safras de trigo. A Cotrijul recebeu e comercializou no período 400.472 ton do produto, contra 328.853 ton no ano anterior, com um incremento em torno de vinte e dois por cento. A Regional do Mato Grosso do Sul foi responsável por sessenta por cento desse volume, com 240.529 ton; Regional Pioneira com trinta e nove por cento, 158.056 ton e Dom Pedrito com um por cento, 1.887 ton. Com isso, continua o trigo, a exemplo do exercício anterior, a se destacar como o principal produto de nosso faturamento de 1987, respondendo por 39,19 por cento de nossa receita bruta.

SOJA

No ano anterior havíamos enfrentado condições de clima adversas no Rio Grande do Sul, o que redundou em baixo recebimento. No exercício em análise, o recebimento voltou a crescer, atingindo a 500.366 ton, contra 441.526 ton em 1986. A Regional Pioneira foi responsável por 52,7 por cento, com 263.706 ton, Mato Grosso do Sul por 46,5 por cento, com 232.987 ton e Dom Pedrito por 0,8 por cento, com 3.674 ton. A comercialização da safra, foi uma das mais tumultuadas dos últimos tempos, sofrendo, ainda, conseqüências do Plano Cruzado de 1986. No início da colheita o mercado sequer remunerava o preço mínimo estabelecido pelo Governo. Pequena reação de mercado veio a ocorrer em fins de abril e maio, mas especialmente para negócios futuros que, posteriormente, sofreram as conseqüências da maior inimiga do produtor em 1987: a famigerada tablita, que chegou a ser denominada pelo próprio Ministro da Agricultura como "imortal". Felizmente, para os associados que confiam à Cooperativa a comercialização de suas safras (a exemplo do que já havia ocorrido na safra anterior, quando da mudança cruzeiro/cruzeiro), não ocorreram prejuízos individuais, pois a Cooperativa, por decisão da maioria de seus Delegados Representantes em Assembléia Geral, definiu-se por honrar "integralmente" os contratos futuros firmados, embora sem contar com o mesmo respaldo de parte de seus clientes, as indústrias esmagadoras. Com isto a cooperativa absorveu em seus resultados, em valores agosto/87, um déficit de Cz\$ 19,5 milhões na conta soja. Este produto contribuiu no exercício, com 25,06 por cento na receita bruta geral.

LOJAS E MERCADOS

Como conseqüência da remuneração negativa dos produtos primários, já citada neste relatório, e da queda do poder aquisitivo do consumidor geral, nossas lojas não ficaram imunes ao reflexo negativo da economia do país. Em valores reais, ou seja, se abatermos de seu movimento bruto a taxa de inflação oficial de 1987, que foi de 365,97 por cento, o setor teve um crescimento negativo em tor-

no de 32 por cento. Este fenômeno, infelizmente, ocorreu em 1987 com todas as empresas do gênero (supermercados, magazines, etc). Mesmo assim este setor representou para a cooperativa no exercício em análise 14,87 por cento de nossa receita bruta.

ARROZ

Outro produto com recebimento recorde pela Cooperativa no exercício 87, com 105.361 ton, contra 78.721 ton em 1986, com um acréscimo de 33,8 por cento. Mato Grosso do Sul recebeu 52,2 por cento do volume, com 55.044 ton; Dom Pedrito 46,6 por cento com 49.191 ton e o saldo recebido pela Regional Pioneira. Também enfrentou e ainda vem enfrentando um festival de distorções no mercado, o que tem dificultado, sistematicamente, sua comercialização. Para o arroz irrigado, produzido por nossa Regional de Dom Pedrito, ainda como reflexo das desnecessárias importações de 1986, já prevíamos em nosso relatório do exercício anterior que as conseqüências daqueles desacertos continuariam sendo sentidas por muito tempo, e isto vem ocorrendo. Por absoluta falta de poder aquisitivo do consumidor e pela falta de decisões, ou por decisões intempestivas dos órgãos competentes quanto a procura de mercados alternativos, estamos às vésperas de colheita de nova safra e com problemas de armazenagem e comercialização da safra anterior ainda pendentes. O mesmo ocorre com o arroz do sequeiro, de nossa Regional Mato Grosso do Sul, cuja produção no exercício 87 encontrou apenas um comprador, o governo. Este produto representou 5,33 por cento do movimento geral financeiro da Cooperativa em 1987.

FÁBRICA ÓLEO E RAÇÕES

Nossa indústria de óleos de Ijuí teve funcionamento regular no exercício para atender, basicamente, necessidades internas dos derivados de soja — o óleo para abastecer nossas lojas e o farelo para nossas indústrias de rações —, com excedentes para atendimento de alguns clientes preferenciais (farelo a cooperativas co-irmãs). Na produção de rações aconteceram, durante o exercício, a entrada em funcionamento em Ijuí (outubro/87) da nossa indústria destinada a dar suporte ao plano cooperados de suínos, e, também, a entrada em funcionamento de pequena fábrica em Dom Pedrito, onde a suinocultura começa a se desenvolver. A antiga indústria de Ijuí foi transferida para a nossa Unidade de Dourados-MS, onde está em fase de instalação, devendo entrar em funcionamento durante 1988. O setor óleo/rações contribuiu, no exercício, com 2,93 por cento da receita bruta da cooperativa.

FRIGORÍFICO

Embora a acentuada redução no consumo de carnes registrada no período, houve um equilíbrio nos abates em relação a 1986. No exercício em análise foram abatidos e comercializados, respectivamente, 20.114 bovinos, 4.690 ovinos e 97 bubalinos, totalizando 24.901 cabeças, contra 24.439 no período anterior, com um acréscimo no volume de bovinos

(20.114 para 17.766) e uma redução no abate de ovinos (4.690 para 6.673). O setor representou 2,58 por cento do faturamento bruto da Cooperativa.

TERMINAL

Tem sido constante e contínua nossa busca de alternativas para suprir a ociosidade armazenadora e operacional de nosso Terminal de Rio Grande. No exercício em análise esse esforço foi em parte compensado, quando obtivemos, entre soja, trigo, óleo e farelo, uma das melhores movimentações dos últimos anos, com volume expressivo de 1.356.498 ton, contra 738.025 ton no ano anterior, com um incremento de 83,8 por cento. Com isto, o Terminal contribuiu decisivamente na redução do endividamento real da Cooperativa, com participação de 2,2 por cento de nossa receita geral.

LEITE

Produto de significativa expressão para o equilíbrio da receita, especialmente do pequeno produtor, a produção leiteira tem crescido a cada exercício que examinamos. Em 1987 foram recebidos e entregues à Cooperativa Central 29.192.334 litros contra 24.092.731 litros em 1986. O crescimento foi de 21,16 por cento. Contribuiu com 2,16 por cento da receita global do período.

MILHO

A política oficial, VBCs, e preços mínimos, foi nitidamente dirigida à produção de alimentos básicos, onde o milho assumiu a maior expressão. Reflexo disso, a pronta resposta do produtor, o que proporcionou que recebêssemos e comercializássemos o volume mais expressivo de todos os tempos, 94.143 ton, contra apenas 20.970 ton no ano anterior, com o significativo incremento de 338,9 por cento. Destaque para o recebimento pela nossa Regional do Mato Grosso do Sul com 73.800 ton, 78,3 por cento do todo. Representou 2,11 por cento da receita bruta da cooperativa.

SUÍNOS

Ressalvados alguns percalços momentâneos de mercado, fenômeno sempre presente na produção de bens vivos (suínos, bovinos, aves, etc), podemos afirmar que a produção de suínos, especialmente na Regional Pioneira e, em fase inicial também em Dom Pedrito, secundado por sólida política de assistência técnica, fornecimento de rações e comercialização via Cooperativa Central Gaúcha de Carnes Ltda., já proporcionou em 1987 uma produção de 63.698 cabeças, triplicando a performance do ano anterior que atingiu 20.933 cabeças. O faturamento direto desta produção atingiu a 1,09 por cento do movimento bruto do exercício.

CAPITALIZAÇÃO

Já citado no início deste relatório, no exercício de 1987 foi unificada a taxa de capitalização para todos os produtos comercializados em 2,0 por cento com redução, portanto, de 1 (um) por cento, já que, para a maioria dos produtos era de 3,0 por cento. Na Assembléia de Representantes que decidiu o assunto, propugnávamos que o diferencial corresponden-

te a essa redução, se houvesse um trabalho de conscientização partido de cada associado, poderia, a médio prazo ser compensado com um aumento de recebimento de produção. Com satisfação podemos observar que, efetivamente, isto vem ocorrendo. Basta que não enfrentemos quebra por condições climáticas desfavoráveis, que vamos acumulando recordes de recebimentos a cada exercício. Em 1987, conforme já citamos em outro tópico deste relatório, recebemos 1.105.213 ton de produtos e temos potencial para crescer.

No exercício obtivemos de capitalização direta cento e vinte e oito milhões de cruzados. Os investimentos atingiram a duzentos e doze milhões de cruzados. O diferencial foi coberto por resultados positivos e/ou por financiamentos.

RESULTADO DO EXERCÍCIO

Ratificando afirmações anteriores e embora o momento adverso que vivem todos os setores da economia nacional, tornando cada vez mais difícil a tarefa de conduzir empresas, especialmente as que se dedicam a atividade rural, como é o caso de nossa Cooperativa, entendemos que o desempenho apresentado pelo Grupo tenha sido satisfatório. Isso vem refletir com fidelidade nossa afirmativa de que o entrosamento da direção, corpo associativo e quadro funcional traria, por conseqüência, resultados favoráveis que, se ainda incipientes, pelo menos nos tranquilizam e nos animam a percorrer este caminho, o que certamente nos levará a atingir as nossas metas a que nos propomos.

Tão, ou mais importante que um eventual resultado operacional, é o equilíbrio econômico e financeiro de qualquer empresa. Em parte, como atestam os números a seguir apresentados, esta meta foi atingida. Não alcançamos ainda a meta ideal porque a recuperação total é um processo demorado. Não podemos pensar em nossa Cooperativa exclusivamente como uma empresa. Devemos acima de tudo ter a consciência de que a situação econômica-financeira da entidade reflita com fidelidade a situação econômica-financeira dos associados que a compõe. Assim temos agido e assim nos propomos a agir.

CONCLUSÃO

Com este relato, e se considerarmos que todos os assuntos que envolvam o interesse do Grupo já o foram e vêm sendo objeto permanente de discussão com o corpo associativo, através dos múltiplos canais de contatos com os produtores, esperamos ter sintetizado um pouco de tudo o que ocorreu em nosso triênio de administração e, especialmente, no exercício 1987.

Ao concluirmos, queremos deixar registrado nosso mais profundo reconhecimento a todos aqueles que de forma direta ou indireta conosco participaram da gestão que hoje concluímos, e especialmente o nosso corpo associativo, ao Conselho de Representantes, conselheiros Fiscais e ao nosso dedicado e abnegado quadro funcional.

Conselho de Administração

Em busca da democracia

O X Congresso Brasileiro de Cooperativismo realizado muito oportunamente em Brasília, numa época de definições constitucionais sobre os melhores caminhos buscados pelo país, no dizer de Roberto Rodrigues, presidente da Organização das Cooperativas Brasileiras, se constitui num marco

histórico para a prática do processo democrático. As diretrizes para uma nova política do cooperativismo brasileiro, à luz de um modelo representativo em consonância com as bases legítimas, que são o arcabouço de qualquer sistema duradouro, foram ali implementadas.

No que se refere a participação do Rio Grande do Sul, é imperioso que se diga que, mais uma vez, foi de suma importância para o êxito do Congresso. A Constituinte Cooperativa, instalada em Porto Alegre no começo de 1987, visando a formação de um conjunto de idéias a serem levadas ao Congresso Nacional Constituinte, significou o embasamento inicial de uma nova concepção cooperativista a ser implementada no país.

O sistema cooperativo, que tem sido considerado no Brasil até como um modelo marginal no conjunto da economia — sem leis definidas e durações, sujeito a intervenções do governo e submetido ao efeito de críticas inconseqüentes e abusivas — desperta agora para a realidade de sua verdadeira dimensão. Ele quer ocupar o espaço a que tem direito, numa sociedade dinâmica e organizada.

Os degraus a serem definitivamente conquistados pelo sistema, constantes do documento final do congresso de Brasília, estão divididos nos seguintes itens principais: organização social e gestão participativa, educação e capacitação, autonomia financeira e política de crédito, relações cooperativa-sociedade civil, relação Cooperativa/Estado e representação.

A necessidade de organizar o material proposto de forma didática e objetiva, fez com que a ordem dos temas e seu aproveitamento fosse agregado por semelhança ou aproximação. O resultado foi a apresentação de seis grandes temas, que expressam as preocupações básicas de todo o sistema cooperativista nacional.

Os primeiros passos

Uma avaliação do Congresso Brasileiro de Cooperativismo e a definição dos próximos passos a serem dados em direção a elaboração da lei ordinária e da Constituinte Estadual, foram os assuntos do encontro reunindo a Mesa diretora da Constituinte Cooperativa e os coordenadores regionais da Fecotrigo e das Comissões do Estatuto Padrão e da Lei Ordinária. A reunião aconteceu na sede da Fecotrigo no dia 7 de abril.

Os participantes da reunião classificaram o X Congresso Brasileiro de Cooperativismo como o melhor já realizado pelo sistema cooperativista, tanto pela sua organização como pela atuação e participação dos delegados presentes. A delegação gaúcha, que durante os seminários da Fecotrigo e da Ocergs já havia definido suas propostas, graças a um trabalho firme e maciço, conseguiu ver mais de 70 por cento de suas propostas aprovadas. "E estas, observa Rui Polidoro Pinto, diretor de Recursos Humanos da Cotrijuí, oriundas, na sua maioria, da Constituinte Cooperativa". Rui Polidoro Pinto, Antonino Almeida Irigaray, associado de D. Pedrito e ainda a dona Gertrudes Commandeur, produtora rural de Ijuí, representaram a Cotrijuí no X Congresso Brasileiro de Cooperativismo em Brasília.

OS PRÓXIMOS PASSOS

Mas a reunião também serviu para serem traçados os próximos passos a serem dados com vistas a elaboração da lei ordinária e da Constituinte Estadual. Como passo imediato ficou estabelecido que os constituintes cooperativos irão trabalhar na elaboração de um anteprojeto de estatuto que deverá contemplar os itens já discutidos em questionários distribuídos entre os associados e as resoluções aprovadas no Congresso.

Mas além de dar continuidade aos trabalhos que já vêm sendo realizados no Estado, a Constituinte Cooperativa pretende gestinar a inclusão de um representante junto a Comissão criada na organização das Cooperativas do Brasil e que cuidará da elaboração de anteprojeto da legislação ordinária. "Vai tratar também, explica Polidoro, de promover um maior esclarecimento tanto para o quadro social das Cooperativas como para o público externo, principalmente aos legisladores estaduais". A direção da Constituinte Cooperativa consubstanciou em relatório a ser enviado a todos os delegados constituintes e dirigentes de cooperativas, todos os avanços até aqui alcançados.



A venda de peixe vivo atrai a atenção do pessoal da cidade

Peixe para pescar e comprar

Quem passou, durante a semana que antecedeu a Páscoa, pelas lojas Cotrijuí das unidades de Ijuí, Ajuricaba, Augusto Pestana e Chiapetta, se deparou com uma novidade: peixe vivo à disposição do consumidor. Bastava pescar. Esse, por sinal, é o segundo ano em que a Cotrijuí coloca peixe vivo à venda em suas lojas durante a Semana Santa. A primeira vez aconteceu no ano passado, mas foi uma experiência colocada em prática apenas na loja de Ijuí e muito bem aceita pelo consumidor. A Cooperativa repetiu a dose, expandindo a experiência para mais três unidades e em todas elas, a comercialização de peixe vivo foi a atração das Feiras do Peixe.

Só neste ano, durante a Semana Santa, foram comercializados pela Cotrijuí em todas as lojas da Pioneira, 14.500 quilos de peixes — carpa e tilápias — produzidos na região pelos associados que integram o programa cooperado. De peixes ainda vivos, a

Cooperativa vendeu quase 2.200 quilos. Em 1987, a Cotrijuí vendeu, durante a Semana Santa, 10.473 quilos de peixes e em 1986, 9.308 quilos. O aumento no volume comercializado este ano em relação a 87 foi de 40 por cento. "Se tivéssemos mais três toneladas de peixes, observa o gerente do Suprimento das Lojas Cotrijuí na Pioneira, Alfonso Conrad, teríamos vendido".

Essa procura do peixe produzido na região — que já se transformou até numa tradição — e que leva o respaldo do programa cooperado de peixes, dá, segundo Conrad, uma perspectiva de garantia de produção. "Conseguimos, neste ano, garante, absorver toda a produção da região, embora não tivéssemos produção suficiente para atender a demanda do mercado local e de outros municípios." Essa procura também leva a garantia de sanidade do produto comercializado pela Cooperativa.



UNIMED-IJUÍ

SOCIEDADE COOPERATIVA DE SERVIÇOS MÉDICOS LTDA.

PLANO COOPERATIVO DE SAÚDE COTRIJUI-UNIMED

Os associados da COTRIJUI, ainda não beneficiados e que desejarem participar do Plano Cooperativa de Saúde COTRIJUI-UNIMED, poderão inscrever-se no referido Plano no período de 01.05.88 a 30.06.88, nas Unidades em que entregam sua produção.

Os beneficiários que desejarem cancelar sua inscrição no Plano, deverão fazê-lo até 30.06.88.

O Plano oferece ampla assistência médica e hospitalar, com direito do usuário escolher médicos, laboratórios, hospitais e clínicas de sua confiança nos 34 municípios da área de ação da UNIMED que conta com 303 médicos, 36 hospitais e 34 laboratórios.

O Plano oferece aos seus usuários os seguintes atendimentos:

- 1 - Consultas em horário normal de consultório, fora-de-hora, em plantão hospitalar com todos os médicos da área pioneira da COTRIJUI, num total de 303 médicos, abrangendo todas as especialidades médicas existentes na área;
- 2 - Exames de laboratório: atendimento por 34 laboratórios;
- 3 - Exames especializados: eletrocardiogramas, eletroencefalogramas, colposcopias, endoscopias, exames anátomo-patológicos, retossigmoidoscopia, esofagogastroduodenoscopia, etc;
- 4 - Fisioterapia;
- 5 - Exames de Raio X;
- 6 - Atendimentos de urgência diretamente nos pronto-socorros;
- 7 - Hospitalizações em quarto semi-privativo ou privativo mediante acoplamento com INAMPS, englobando todas as áreas médicas: clínica, cirurgia e obstetrícia (parto e cesareanas);
- 8 - Medicamentos hospitalares: quando a internação hospitalar ocorrer exclusivamente através da UNIMED.

Maiores informações sobre o Plano, como participações nas consultas, complementação de honorários em acomodação hospitalar superior, carência, etc., encontram-se no folheto COTRIJUI-UNIMED à disposição nas Unidades da Cooperativa.

ASSISTÊNCIA ODONTOLÓGICA

Os usuários podem utilizar a assistência odontológica em Ijuí, pelo sistema de Serviços Prestados, pagando o custo pela tabela da UNIODONTO CENTRO OESTE - Sociedade Cooperativa de Serviços Odontológicos Ltda.

O sistema funciona da seguinte maneira:

- 1 - O usuário, de posse da Carteira de Beneficiário da UNIMED, se dirigirá ao dentista de sua escolha que fará o orçamento do tratamento a ser realizado;
- 2 - De posse do orçamento, o usuário se dirigirá a UNIMED onde pagará previamente o custo orçado.

SAÚDE **Convênio filantrópico**

O Hospital Santa Líbera de Jóia vem atendendo pelo sistema filantrópico desde o início de março.

O Hospital Santa Líbera, administrado pela Cotrijuf, vem prestando atendimento filantrópico à comunidade de Jóia desde 1º de março, quando colocou em prática o convênio assinado com o Inamps em fins de janeiro. Esse convênio que vem sendo assinado com a maioria dos hospitais considerados comunitários, Santas Casas ou filantrópicos, cujo objetivo é o de assistir às populações sem visar lucros, é o resultado da reformulação feita pelo próprio Inamps, na sua política de convênios com os prestadores de serviços. "Através destes convênios, explica Gustavo Drews, gerente administrativo da área de Saúde da Cotrijuf, o Inamps está oferecendo aos hospitais uma remuneração mais justa em troca de atendimento às populações previdenciárias, sem qualquer custo aos pacientes". O hospital ainda se compromete em garantir aos pacientes atendimento médico de forma mais dinâmica e sem grandes custos.

O convênio de filantropia oferece aos usuários vários portes de atendimentos e é dentro destes portes com seus limites, segundo o Gusta-

vo, que cada hospital vai se estruturar e prestar serviços. Os atendimentos, no entanto, são apenas para casos de urgência. Casos mais simples, como consultas normais, são de competência de outros tipos de atendimentos. "Atendendo apenas os casos de urgência, o próprio hospital vai ter condições de distribuir melhor os serviços oferecidos", diz ainda o gerente administrativo, garantindo que hoje todo o usuário, seja ele previdenciário ou não, urbano ou rural, recebe atendimento em qualquer hospital que esteja operando através do convênio filantrópico.

O ATENDIMENTO EM JÓIA

O Hospital Santa Líbera de Jóia está oferecendo à comunidade 11 portes de atendimento, "desde que os casos sejam realmente de urgência", deixa bem claro Dione Carla Protti, enfermeira do hospital. Ela explica que um caso só é considerado de urgência quando existe necessidade imediata de atendimento médico hospitalar, como por exemplo uma fratura ou uma hemorragia. "Consultas, esclarece a enfermeira, só são atendidas por problemas agu-

dos crônicos/graves". Uma crise hipertensiva ou uma desidratação, por exemplo, poderiam ser classificados como um caso de urgência e enquadrados dentro de qualquer uma das possibilidades de atendimentos. "Casos rotineiros, sem a presença de gravidade e possível de ser avaliado pela própria enfermagem, segundo a enfermeira, não poderão ser atendidos através do convênio de filantropia.

Pelo porte I, o hospital está prestando atendimento filantrópico para pacientes com problemas de pressão ou que desejam fazer injeções ou curativos. Para esse porte, o convênio assinado com o hospital de Jóia está oferecendo aos usuários 12 atendimentos por mês. "Esse é o nosso limite, explica a Dione. E é por esses 12 atendimentos que o hospital vai ser remunerado no final do mês. Se ele ultrapassar este limite, não recebe pelo atendimento prestado a mais. Se fechar o mês em apenas oito atendimentos, vai ser remunerado apenas pelos atendimentos feitos.

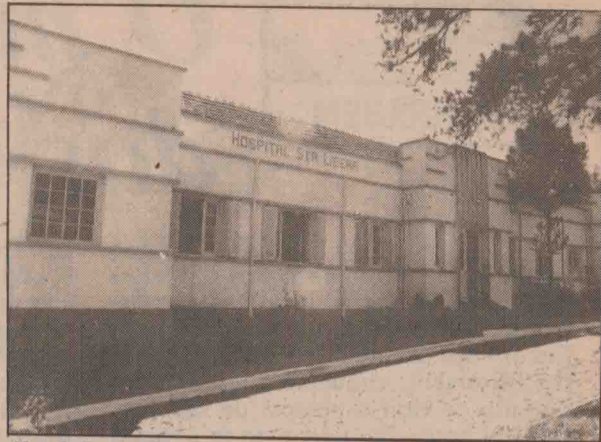
Pelo porte VIII, por exemplo, o hospital pode fazer até 31 atendimentos (Ver matéria abaixo). Neste caso

se enquadram as pequenas cirurgias ambulatoriais, tais como suturas, retiradas de corpos estranhos e aplicação de soro.

Em qualquer um dos portes o usuário não tem que pagar diferenças ao hospital ou ao médico. Ele só irá desembolsar dinheiro se tiver que recorrer a anestesia, isto porque não existem médicos anestesistas conveniados pelo Inamps. Mesmo pagando baixa, desde que em enfermagem, ele não tem despesas a pagar. "Ele só vai pagar diferença, explica a Dione, se optar por acomodações diferenciadas".

AGORA SÃO 80 AIHS

O atendimento pelo convênio filantrópico no hospital de Jóia é feito durante as 24 horas do dia, embora diariamente sejam colocadas 14 fichas do Inamps para consultas à disposição da comunidade. 10 fichas são distribuídas pela manhã e as demais para serem atendidas à tarde. Através das Ações Integradas de Saúde, o hospital realiza atendimentos básicos, desde



Hospital de Jóia aumentou capacidade de Internações

curativos até aplicação de injeções e inaloterapia. Também neste caso, o atendimento dentro do hospital acontece durante as 24 horas do dia.

O Hospital Santa Líbera fechou o primeiro mês de convênio com 111 atendimentos e aumentou de 48 para 80 o limite de internações mensais cobertas pelo sistema previdenciário.

Atendimento pelo convênio

Portes	Atendimentos	Nº de atendi
I	Pressão, injeções e curativos	12
II	Consultas médicas	196
III	Consultas médicas mais curativos	140
IV	Consulta médica mais exames laboratoriais ou nebulização ou ainda aplicação de soro	134
V	Consulta médica mais exames laboratoriais (hemogramas e mais ainda procedimentos que incluem o Porte IV	45
VI	Consulta médica mais Raio X	61
VII	Consulta médica imobilizações, + Raio X	23
VIII	Pequenas cirurgias ambulatoriais: suturas, retiradas de corpo estranho, drenagem, aplicação de soro	31
IX	Cirurgias ambulatoriais - não incluídos no Porte VIII	22
X	Consultas ortopédicas e tratamento com gesso no pescoço e/ou membro superior - braços	20
XI	Consulta ortopédica e tratamento com gesso no tórax e membros inferior - pernas	20

FIBROCEL, O NOVO TELHÃO RIOPEL.

SOB MEDIDA PARA



GRANDES IDÉIAS.

A PAREDE SE CONSTRÓI DA MESMA MANEIRA COMO O TELHADO, COMEÇANDO COM A PRIMEIRA FILEIRA DE BAIXO.

A VENDA NAS LOJAS COTRIJUÍ

TRANSPASSE 7cm USANDO RIPAMENTO NA DISTÂNCIA DE 60cm, CAIMENTO 15% MÍNIMO.

PARA ESCLARECIMENTO TÉCNICO: FÁBRICA E VENDAS: AV. BEIRA RIO, 400, C.P. 02, FONES (0512) 88-1887 E 88-1888, GRAVATAÍ/RS



BARRAGEM

O medo da invasão das águas

Foi no dia 11 de junho do ano passado, que a vida de alguns agricultores de São Valentim, localidade do distrito do Salto, interior do município de Ijuí e seus vizinhos do outro lado do rio Caxambu, virou um caos danado, a ponto de tirar o pessoal do sossego. Pois foi neste dia, enquanto os agricultores do lado de cá do rio, com moradias em São Valentim, participavam de um velório, que o seu vizinho de Entre-Rios, recebiam a visita de um pessoal da cidade de Panambi. Eram os técnicos da Hidrelétrica Panambi S.A. Com pouca conversa, o pessoal da cidade chegou pedindo para ver o rio.

Dias depois chegaram para acampar. Disseram que precisavam fazer um levantamento naquela região. Mediram o mato e as lavouras. Toda essa movimentação dos técnicos era acompanhada pelos agricultores, que mesmo sem entender direito o que estava acontecendo, já pressentiam que poderiam vir problemas pela frente. O que corria pelas vizinhanças era apenas um zum-zum de que estava sendo projetada uma barragem para o rio Caxambu, perto de suas terras.

PAROU NO OUTRO LADO

A notícia de que um pessoal da cidade estava fazendo um levantamento na região para construção de uma barragem cruzou o rio e foi bater nos ouvidos dos moradores de São Valentim, que já andavam inquietos com tanta movimentação do outro lado. A notícia foi confirmada e a desconfiança dos agricultores se espalhou tão rápido quanto uma infestação de pragas. A palavra barragem virou pesadela e o assunto principal das conversas de domingo, dos encontros entre vizinhos e até das horas de trabalho, entre uma enxadada e outra. Tão logo foram chegando, os técnicos puderam perceber que, do lado de cá do rio, agricultor nenhum queria saber de levantamento nas terras. "Nossas terras não precisam de medição, pois elas não estão à venda", foram logo dizendo. E técnico nenhum pode entrar nas lavouras. Resultado: o trabalho parou na metade.

INDIGNAÇÃO

Indignados com a situação, os agricultores dos dois lados do rio hoje não fazem outra coisa senão pensar no que poderá acontecer, caso o governo autorize a construção da tal barragem. A indignação ronda desde o agricultor mais velho ao mais novo, assim como o seu Fiorello Bonini. Rodeado pelos nove filhos e outro tanto de netos, seu Fiorello, um agricultor de 61 anos, não consegue esconder o seu nervosismo e



Cecília Stochero: até o parreiral

irritação com o que está por acontecer. E não é para menos tanta preocupação. Ele mora na terra, de 52 hectares, há mais de 40 anos. Toda a sua área de terra está localizada numa grande várzea, bem na divisa do Arroio Tropeiro, um afluente do rio Caxambu. "A minha terra foi feita a mão", costuma dizer seu Fiorello numa alusão ao trabalho que teve, anos atrás, para tirar o capão de unha-de-gato e taquaruçu que tomava conta da área. "A minha terra está paga e muito bem paga".

Com a construção da barragem, as terras do seu Fiorello vão desaparecer debaixo d'água, alagando inclusive as três moradias — a do seu Fiorello e dos filhos Jurandir e Aldonir, os galpões e os chiqueiros. Toda a rede elétrica, puxada há pouco tempo, vai ficar embaixo d'água. O próprio Arroio Tropeiro, sempre que cai uma chuva grande costuma sair fora do leito e chegar até perto da propriedade, "mas isso apenas por algumas horas", conta o agricultor. Imagine agora se represarem o rio. Vou ficar sem onde morar", reclama.

TERRA FÉRTIL

A terra da família Bonini é fértil e toda aproveitada para lavoura. "Aqui, costuma dizer com certo orgulho, não preciso de curva de nível nas lavouras, tão plana é a terra". Além do soja e do trigo, os Bonini plantam milho, feijão, cana-de-açúcar, pastagens para o gado de leite e ainda lidam com suínos e galinhas. Mas é da fertilidade da sua terra que seu Fiorello mais gosta de falar. Conta que há uns três anos atrás conseguiu colher, de uma área de 36 hectares de lavoura, 1.600 sacos de soja, que foram plantados sem adubo.

Para os Bonini não existe dinheiro que possa cobrir tantos anos de trabalho e de investimentos na propriedade, como a construção de chiqueiros, das três moradias, da rede elétrica e do extenso pomar formado pelo parreiral, pessegueiros, laranjeiras, limoeiros, entre tantas outras árvores frutíferas. Inconformado, seu Fiorello fica a se perguntar quem vai indenizar os 150 mil quilos de calcário que foram deixados na terra para correção do solo no final do ano passado.

Aliás, esta história de barragem no rio Caxambu não é novidade para o seu Fiorello, só que o assunto nunca tinha chegado tão perto de casa como agora. Em 1943, segundo o agricultor, correu um boato pela região de que estava sendo projetada a tal de barragem. Nenhum agricultor levou a questão a sério que também não avançou. "Mas agora, observa, a situação é bem diferente. Parte do trabalho de levantamento já está pronto e não podemos dormir no ponto". Se sair a barragem, seu Fiorello já está prometendo juntar a família e acampar em terras alheias. "Justiça, justiça, é uma coisa que tem que existir para todos. E se houver justiça, essa barragem não sai".

Do outro lado do rio, na localidade de Entre-Rios, mora o agricultor Luís Bonfada, 49 anos e seis filhos. Ele é proprietário de 24 hectares de terra e calcula que com a tal barragem, possa perder a casa de moradia, os chiqueiros, a estrebaria, o pomar, parte da lavoura de soja, o poteiro e toda uma área de um hectare e meio, recém envaletada, destinada ao cultivo do arroz. Ele integra as duas comissões de agricultores.

"A nossa esperança agora, é de

Quando os técnicos de uma empresa de Panambi desembarcaram na localidade de Entre-Rios pedindo para dar uma olhada no Rio Caxambu, nenhum agricultor desconfiou que aquela visita só poderia resultar em problemas, e que por trás de toda conversa, estava a construção de uma barragem. Da barragem propriamente dita, pouca coisa os agricultores podem falar, pois ela ainda está envolta em muitos segredos. Mas o pouco que sabem e desconfiam, é que ela vai inundar terras férteis e algumas propriedades. Do lado de cá do rio, em São Valentim, os agricultores calculam que 33 famílias poderão ser atingidas, perdendo para as águas do rio represado em torno de 500 hectares de terra.

que o pessoal de São Valentim continue sentando o pé e impedindo a entrada dos técnicos nas suas áreas, assegura Luís, lamentando, ao mesmo tempo o fato de terem se deixado iludir pela conversa do pessoal da cidade. O Luís foi um dos primeiros agricultores visitados pelo pessoal da empresa encarregada de fazer o levantamento. Ele conta que o pessoal chegou pedindo para ver o rio, "o que achei natural". Nem mesmo as conversas dos técnicos, quase sempre em alemão, deixaram o Luís desconfiado.

Tudo o estrago na propriedade do seu Alfredo Sartori, um agricultor de 60 anos, cinco filhos e proprietário de 21 hectares de terra em Entre-Rios, vai depender da altura da barragem. "A gente pouco sabe ainda a respeito desta barragem". Seu Alfredo é mais um dos agricultores daquela localidade que, assim como o seu Luís, foram levados pela conversa dos técnicos e se encontram hoje na expectativa de perderem suas terras. "Os técnicos fizeram o trabalho de medição nas mi-ás terras por conta. Só me pediram licença quando tiveram que entrar no pátio", reclama. Lamenta amargamente o fato de não terem se dado conta, em tempo, do que estava acontecendo. "Daqui para frente, afirma, temos é que brigar para que a barragem não saia. A questão está nas nossas mãos e o impedimento da construção vai depender da nossa mobilização".

METADE DA TERRA

A terra do Jorge Bonfada, de 40 hectares, fica a pouco mais de mil metros de distância do rio Caxambu. De 30 hectares, calcula que perde 15. Os outros 10 hectares vão ficar ilhados do outro lado do Arroio Tropeiro. As águas podem não chegar



Antônio Bonfada, Jorge Casali e Jorge Bonfada

A barragem vai aproveitar a queda da água do rio Caxambu

até a moradia, mas mesmo assim, ele já está computando seus prejuízos.

O Jorge, um agricultor de 22 anos, solteiro, também faz parte da comissão de São Valentim. No início do mês de março, deixou a serviçama da lavoura de lado para acompanhar seus vizinhos a uma verdadeira "via sacra" por Ijuí, em visita ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais, a Prefeitura Municipal, a Câmara de Vereadores, a Unijuf, a Cotrijuf, entre outras, em busca de apoio para a causa dos agricultores vizinhos ao rio Caxambu.



Fiorello Bonini

Como mora pertinho do rio, o Jorge foi um dos primeiros agricultores do lado de cá a se avistar com os técnicos. Já sabendo o que tinha se passado do outro lado do rio, ele sentou o pé

e não permitiu o levantamento nas suas terras. E para que o bate-boca não ficasse por aí, os agricultores da redondeza se reuniram e vieram a Ijuí registrar queixa na polícia. "O pessoal da hidrelétrica está, agora, ameaçando entrar na justiça para ganhar direito de invadir nossas terras", explica. O Jorge e os demais agricultores de São Valentim não permitiram o levantamento com o seguinte argumento: as nossas terras não estão à venda. "Essa barragem não vem nos favorecer em nada. Ela é apenas mais uma forma de um grupo de pessoas ganhar mais dinheiro às nossas custas. Essa energia, diz ainda, não vai ser nem utilizada na região. Ela será vendida para outros municípios".

Em situação semelhante, encontram-se os 35 hectares de terra de propriedade da dona Ana Bonfada, a mãe do Jorge. A água poderá cobrir até 70 por cento da área, deixando a propriedade ilhada e sem safra. "O que mais dói é saber que as águas vão inundar terras férteis, deixando tantas famílias que moram por aqui há mais de 60 anos meio sem rumo".

INDECISO

O Antônio Bonfada, 28 anos, sem filhos, vive hoje dias de incerteza. Proprietário de 38 hectares de terra que margeiam o rio Caxambu, ele se encontra naquela situação de que se correr o bicho pega e se parar o bicho come. Como está construindo casa nova, ao lado da igreja, não sabe se continua as obras ou se pára e espera o desenrolar dos fatos. "Sei que a água não vai chegar até aqui porque a moradia fica no alto da coxilha, mas de que adianta ficar meio sozinho? O jeito vai ser pegar a estrada da mesma forma que os outros", afirma. Mas se até a igreja, recém construída e ainda por inaugurar está sujeita ao abandono, imagine o que pode acontecer com a maior parte das terras do Antônio que ficam em baixadas. Ele acredita, sem muita convicção, "pois ainda não sabemos a extensão da barragem", que possam escapar uns 10 hectares de terra para continuar plantando e sustentando a família.

Mais para cima da coxilha e um pouco mais longe das vistas do rio, mora o Jorge Casali. Ele tem 31 anos, dois filhos e é proprietário de 25 hectares de terra. Ele não vai ter prejuízos diretos com a barragem, mas está solidário com seus parentes, amigos e vizinhos,



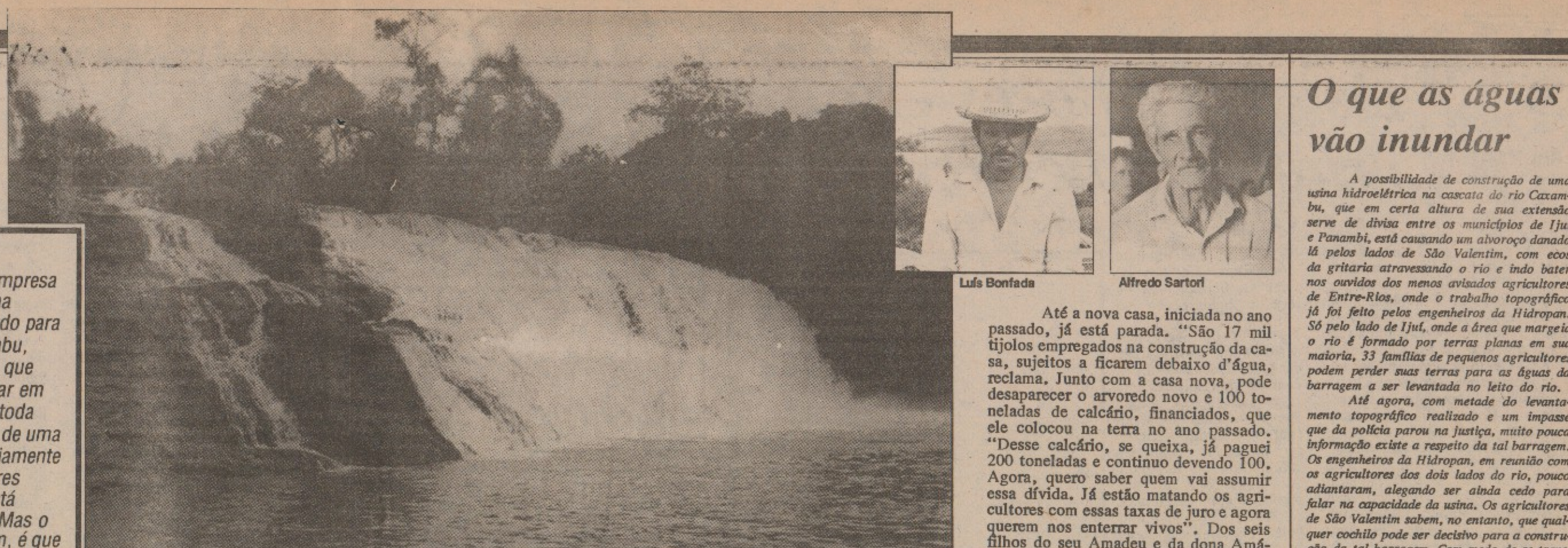
Amadeu e Amábile: até o porão da casa

integrando inclusive, a comissão de agricultores de São Valentim. A sua luta é em defesa dos agricultores que não querem que suas terras "produtivas" sejam inundadas pelas águas do rio. "Sabemos", explica, que a queda d'água é totalmente viável para a construção de uma barragem, mas não é por isso que vamos entregar tudo de mão beijada. Precisamos de nossas terras para trabalhar e vamos lutar até o fim contra a barragem". Ele lembra da situação de muitos outros agricultores, como aqueles que perderam suas terras para a barragem do Passo Real, como um exemplo do que poderá acontecer em São Valentim e Entre-Rios. "Tem muita gente, assinala, que até hoje continua atirada na beira das estradas porque não tem terra para trabalhar".

Além dos prejuízos econômicos, o Jorge lembra que o próprio meio-ambiente vai passar por uma mudança total. "Os peixes que ainda sobrevivem por aqui, não vão mais poder subir o rio na época da desova. Em outras palavras, isso significa o desaparecimento de certas espécies como o dourado, por exemplo. O próprio mato que margeia o Arroio Tropeiro vai desaparecer entre as águas.

NA BEIRA DA CASA

Na casa do seu Amadeu Stochero, 45 anos e seis filhos, ninguém mais consegue pregar os olhos descansados durante a noite, tanta é a preocupação em relação a tal barragem. Ele já sabe que se ela sair mesmo, pouca coisa vai sobrar da propriedade, que fica a 200 metros do Arroio Tropeiro. Segundo a dona Amábile, inconformada com o que está acontecendo, a água represada poderá chegar até o porão da casa, inundando chiqueiros, estrebarias e o próprio poteiro. Podem sobrar três hectares de terra, de um total de 18. Um outro pedaço no alto da coxilha, não vai ser atingido, mas vai ficar ilhado e perdido para planta.



Luís Bonfada



Alfredo Sartori

Até a nova casa, iniciada no ano passado, já está parada. "São 17 mil tijolos empregados na construção da casa, sujeitos a ficarem debaixo d'água, reclama. Junto com a casa nova, pode desaparecer o arvoredo novo e 100 toneladas de calcário, financiados, que ele colocou na terra no ano passado. "Desse calcário, se queixa, já paguei 200 toneladas e continuo devendo 100. Agora, quero saber quem vai assumir essa dívida. Já estão matando os agricultores com essas taxas de juro e agora querem nos enterrar vivos". Dos seis filhos do seu Amadeu e da dona Amábile, três já foram trabalhar de empregado porque a terra é pouca para o sustento da família.

Para a dona Amábile, a barragem vai transformar os agricultores da região em novos afogados, sem um pedaço de terra para trabalhar e sem condições de apresentar e oferecer um futuro digno para os filhos. "Não é à toa, observa que as cidades estão cheias de favelados. Eles já foram agricultores ou filhos de agricultores como nós, aqui de São Valentim, mas que por ganância de grupos, perderam o que tinham e foram tentar sobreviver na cidade. E neste caso, complementa seu Amadeu, o rumo é a marginalidade".

Mas seu Amadeu garante que não vai afrouxar assim no mais. "Não vamos nos entregar por qualquer coisa", diz lamentando que terras tão produtivas possam parar debaixo d'água "e gerar lucros para poucos". No ano passado, por exemplo, bem na época em que começou o zum-zum da barragem, ele plantou um pedaço de lavoura com trigo destinado ao pastoreio do gado. "Não coloquei adubo e nem nada. O trigo levantou bonito que desisti do pasto e ainda colhi 10 sacos por um de planta".

Um pouco mais adiante e mais para perto do rio, mora o seu Fortunato Fiorindo Stochero, 54 anos e cinco filhos. Ele mora numa área de 20 hectares há mais de 22 anos. Toda a propriedade é cercada pelo rio e faz parte da área que poderá ser alagada. "Pelo que estamos sabendo, conta a dona Cecília, vamos perder o parreiral, os chiqueiros e provavelmente a casa de moradia". Metade da terra de lavoura vai desaparecer. "O pessoal comenta que a queda d'água tem força suficiente para viabilizar uma barragem, só que nós precisamos de nossas terras para continuar trabalhando". A pouca terra já mandou para o Paraguai um dos filhos do casal e outros três para a cidade, trabalhando de empregados. Em casa, agora, só o casal e uma filha. "Nós não temos safra senão lutar contra a barragem. Se a gente não brigar, amanhã ou depois estaremos nas estradas, acampados, assim como já aconteceu com tantos agricultores de outras regiões que tiveram suas terras alagadas", reforça.

O que as águas vão inundar

A possibilidade de construção de uma usina hidroelétrica na cascata do rio Caxambu, que em certa altura de sua extensão serve de divisa entre os municípios de Ijuí e Panambi, está causando um alvoroço danado lá pelos lados de São Valentim, com ecos da gritaria atravessando o rio e indo bater nos ouvidos dos menos avisados agricultores de Entre-Rios, onde o trabalho topográfico já foi feito pelos engenheiros da Hidropan. Só pelo lado de Ijuí, onde a área que margeia o rio é formado por terras planas em sua maioria, 33 famílias de pequenos agricultores podem perder suas terras para as águas da barragem a ser levantada no leito do rio.

Até agora, com metade do levantamento topográfico realizado e um impasse que da polícia parou na justiça, muito pouca informação existe a respeito da tal barragem. Os engenheiros da Hidropan, em reunião com os agricultores dos dois lados do rio, pouco adiantaram, alegando ser ainda cedo para falar na capacidade da usina. Os agricultores de São Valentim sabem, no entanto, que qualquer cochilo pode ser decisivo para a construção da tal barragem. Com medo de se transformarem em afogados de uma hora para a outra, eles estão se mantendo mobilizados, sem abrir mão do direito de impedir a entrada dos engenheiros da Hidropan em suas terras. O assunto barragem, hoje, faz parte do dia-dia dos agricultores que, no final do mês de março, com o apoio do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ijuí, fizeram um levantamento dos seus possíveis prejuízos.

Como as circunstâncias exigem rapidez, o levantamento foi feito em poucos dias, mostrando que por São Valentim, 33 famílias que juntas somam 173 pessoas, são proprietários, daquela localidade, de 863 hectares de terras férteis e produtivas. Deste total, atirando por baixo, já que não existem informações a respeito da altura da barragem, 555 hectares podem ficar sob as águas. A produção agrícola destas 33 famílias chega a 24.710 sacos de soja; 12.300 sacos de trigo e 3.320 sacos de milho. O rebanho de gado bovino chega a 373 cabeças e a produção leiteira a 630 litros diários. Ainda existem na região 302 suínos; 20 casas de moradias, alguns recém construídas ou em construção e 68 beifeitorias — galpões, pocilgas, estrebarias, entre outras.

Pelo lado de Entre-Rios, 109 pessoas poderão perder parte de suas terras com a construção da usina e a área atingida poderá alcançar 81 de um total de 342,3 hectares. O levantamento foi coordenado pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Panambi e segundo o presidente, Ilmo Springer existe na região uma produção de 7.700 sacos de soja; 3.420 sacos de trigo; 1.830 sacos de milho. O rebanho bovino chega a 239 cabeças e a produção leiteira a 483 litros diários.

APOIO

O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ijuí está apoiando a decisão dos agricultores de lutar contra a barragem, orientando-os na forma de mobilização. "Nós estamos respeitando a decisão dos agricultores", diz Carlos Karlinski, presidente do STRI, garantindo o apoio na organização do movimento de mobilização. Para o Mirko Frantz, assessor do Sindicato, a Hidropan está ignorando o fato de que os agricultores de São Valentim formam uma comunidade estruturada e que não querem saber da barragem porque ela vai desalojá-los de suas terras, provocando, inclusive, problemas sociais.



Área inundada pode passar de 500 hectares



BARRAGEM

Os agricultores estão criando polêmica

A afirmação é do diretor presidente da Hidropan, Otto Knorr.

“Os agricultores estão criando polêmica em cima de dados que ainda nem existem”, diz Otto Willy Knorr, diretor-presidente da Hidroelétrica Panambi S.A., a firma autorizada pelo governo para levantar um complexo hidrelétrico no leito do rio Caxambu e que vem causando um rebuliço danado entre os agricultores de Entre-Rios e São Valentim, os prováveis futuros afetados. A Hidropan é uma firma concessionária desde 1926.

Otto Knorr admite que sua empresa errou na medida em que quis adiantar os serviços de levantamento sem ter ainda em mãos a autorização do Ministério das Minas e Energia que só foi publicada no Diário Oficial no final do mês de dezembro, quando os trabalhos topográficos pelo lado de Entre-Rios já estavam concluídos. “Esse foi o nosso erro. O resto é polêmica política criada pelos agricultores pelo lado de Ijuí, que não estão permitindo a entrada do pessoal técnico em suas terras para concluir o trabalho de levantamento”. Para sair do impasse, o diretor presidente da Hidropan só vê um caminho: o do judiciário. “Ou então, adverte, vamos fazer o levantamento via aérea. Então, nenhum agricultor vai nos impedir de realizar o trabalho”.

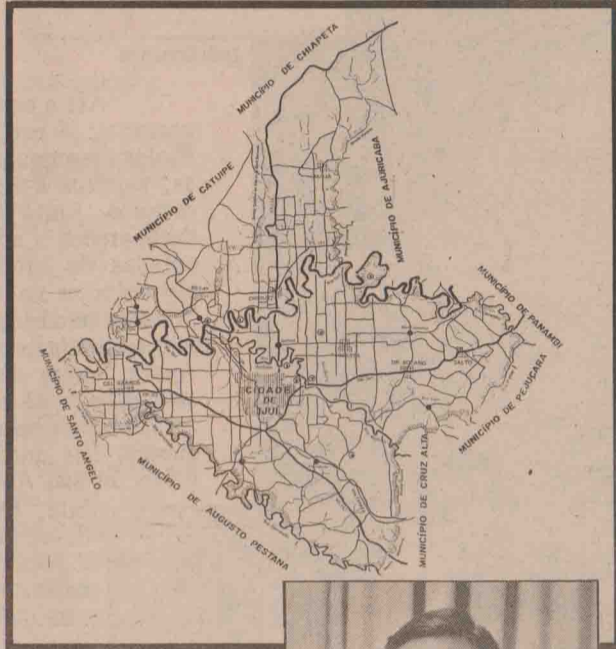
FALTAM RESPOSTAS

Segundo Otto Knorr, os agricultores precisam entender que a Hidropan recém está fazendo os primeiros estudos e “ainda não temos as respostas para as suas perguntas. Só vamos poder falar em área alagada e altura de barragem, depois que estivermos com o levantamento concluído”. Mas garante que os agricultores não precisam se preocupar com as terras alagadas. Diz que as indenizações serão de acordo com os valores reais das terras

“e de responsabilidade da empresa. Ninguém vai ficar na dependência de receber indenização do governo”.

Ele também não descarta a possibilidade de fazer trocas de áreas com os agricultores que terão suas terras alagadas pelas águas da barragem. “O próprio agricultor fará a sua opção, escolhendo onde se fixar, que tanto pode ser pela região como em outros Estados”. Embora não goste de falar em desapropriação por considerar uma etapa para frente, Otto Knorr acredita que esta é, na verdade, a maneira mais tranqüila de negociar com os agricultores. Assegura também que a área alagada não deverá passar do 300 hectares. “Se fosse tanto assim como os agricultores estão comentando, o ônus para a empresa seria tão alto que a construção do complexo hidrelétrico se tornaria completamente inviável.

Mesmo alegando ser impossível fornecer qualquer detalhe referente a construção da barragem, o diretor-presidente da Hidropan já adianta que a capacidade de produção da usina é para 3.000 KWA. E o grande custo não será com as desapropriações dos agricultores, “que representam apenas 10 por cento das despesas”, mas com a construção de todo o complexo. “É isso que os agricultores precisam entender. Não tem essa de não querer vender suas terras, pois a usina tem que sair na

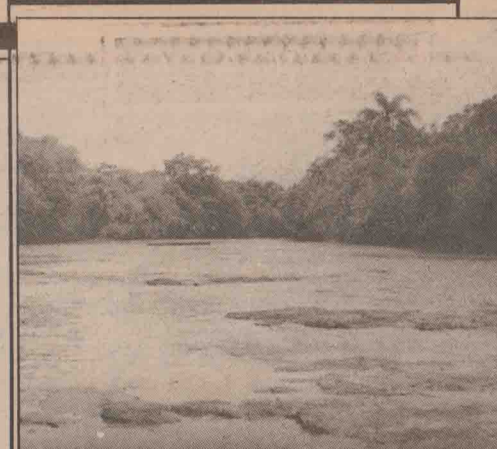


O rio Caxambu fica bem na divisa entre os municípios de Ijuí e Panambi, conforme mostra o mapa acima. Ao lado Otto Knorr



quele local e não pode ser deslocada. Mas para os agricultores esse é até um processo quase que normal”, diz garantindo que muitos deles até que gostariam de mudar para outras regiões.

A energia gerada pela futura usina hidrelétrica será levada para Panambi, e distribuída na região, para os interessados na sua aquisição. “Ela vai gerar um benefício global e quem está assumindo este ônus é uma empresa particular séria”, finaliza.



O rio em São Valentim

Um rio sem detritos

O rio Caxambu nasce no interior do município de Santa Bárbara, vindo desembocar no rio Ijuí, bem na divisa dos municípios de Ijuí e Panambi. Em toda a sua extensão ele drena uma bacia de 550 quilômetros quadrados — 55 mil hectares — e se depara com três tipos de solos: Santo Ângelo, Passo Fundo e Charveta. Não recebe qualquer tipo de resíduo de fábrica ou urbano.

Dados colhidos pelo Altamir Antonini, do Centro de Treinamento da Cotrijul, revelam que o Caxambu é um rio, considerando a agricultura praticada na região, que contém, em média, de 100 a 200 miligramas de solo em suspensão por cada litro d'água analisado. Essa é uma informação importantíssima e que, segundo o Altamir, nem sempre é levado em consideração toda a vez que se escolhe o leito de um rio para construção de uma barragem. O próprio Potiribu, por exemplo, é hoje considerado o rio mais barrento do Brasil. A barragem do Passo Real, construída há pouco mais de 20 anos, é um exemplo do que pode acontecer quando barragens são levantadas em rios poluídos demais. Hoje a sua capacidade de água está completamente limitada em função de grandes quantidades de resíduos em suspensão que se depositaram no fundo do rio, assim que a barragem foi levantada.

Pela margem esquerda, o rio Caxambu tem como afluentes o Arroio Tropeiro, o rio Branco, o Lajeado Taipa, o Lajeado Passo Liso e o Arroio Louro. Pela margem direita são afluentes os Arroios Emancipação, Farinheiro, Farinheirinho, Gramado e o Arroio dos Suévios.

O APOIO DOS VEREADORES

O movimento deflagrado pelos agricultores de São Valentim contra a barragem já não é mais um fato isolado. A comunidade de Ijuí comprou a briga e está do lado dos agricultores que até conseguiram que a Câmara de Vereadores fosse a São Valentim para uma sessão especial. Da reunião, realizada na capela da comunidade, saiu um manifesto contra a barragem e que deverá ser encaminhado à Câmara dos Deputados, ao presidente José Sarney, ao Ministério das Minas e Energia, ao prefeito municipal e à Câmara de Vereadores de Panambi. O manifesto é assinado pela Comissão de Agricultores da Comunidade de São Valentim — formada por Cesarino Stochero, Amadeo Stochero, Antônio Bonfada, José Vilani, Jorge Bonfada e Jurandir Bonini —, pelo Executivo Municipal de Ijuí, Câmara de Vereadores, Movimento pela Retomada do Desenvolvimento, Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ijuí, Associação Comercial, Unijul, Cotrijul e Sindicato Rural.

O manifesto rechaça a idéia da construção da barragem, sob a justificativa de que ela poderá trazer sérios problemas econômicos e sociais para os proprietários dos 55,4 hectares sob a ameaça das águas.

Apoio de todos os lados

O prefeito Wanderley Burmann, de Ijuí, só tomou conhecimento da intenção de se construir uma barragem sobre o leito Caxambu através da publicação no Diário Oficial, de uma portaria assinada pelo Ministério das Minas e Energia, em dezembro do ano passado, concedendo autorização para que a Hidropan iniciasse os trabalhos de levantamento topográfico na região. “Em nenhuma ocasião fomos procurados pela direção da empresa para discutir o assunto”, afirma o prefeito, que só ficou sabendo de maiores detalhes sobre a barragem através dos agricultores de São Valentim durante a primeira visita que fizeram à Prefeitura, pedindo apoio do poder público.

Tão logo se inteirou da situação, o prefeito designou um advogado para representar os agricultores na questão, já que considera a implantação da barragem uma agressão à comunidade de São Valentim que se caracteriza por pequenos agricultores, com propriedades que variam de 5 a 30 hectares. “Ela vai atingir famílias que estão fixadas naquela região há muitas gerações”, observa. O problema mais sério, no entanto, segundo o prefeito, são as desapropriações. “O que se teme, esclarece, é que aconteça uma simples desapropriação das terras, com valor venal, trazendo sérios prejuízos aos agricultores que levaram toda uma vida trabalhando na formação da sua propriedade”. Ele acha que a própria Hidropan deve procurar o melhor entendimento com os agricultores, “mas não é com desrespeito à propriedade que vai resolver o seu problema”.

BEM ESTUDADA

A construção de uma usina hidrelétrica,



Wanderley Burmann



A comissão dos agricultores de São Valentim em visita a Cotrijul

segundo o prefeito Burmann, exige um estudo aprofundado de sua viabilidade e implicações sociais e econômicas para a comunidade. Conta que a Prefeitura de Ijuí já teve uma experiência nesse sentido, quando andou às voltas com estudos para a construção de duas usinas, uma em Coronel Barros e outra na Linha II Oeste, ambas sobre o rio Ijuí. “Após a conclusão dos estudos realizados por técnicos de uma empresa de Porto Alegre, conta o prefeito, tomamos conhecimento de que a queda d'água nas duas localidades era inexpressiva, inviabilizando a construção das barragens e alagando grandes extensões de terra. Isso representaria um investimento enorme de recursos, o que nos obrigou a abandonar a idéia”.

AÇÃO CAUTELAR

Parece que os agricultores de São Valentim ainda vão ter muitas dores de cabeça daqui para frente, já que a direção da Hidropan, como vinha prometendo, ingressou, no dia 29 de março, na justiça local, com uma ação cautelar, pedindo a concessão de liminar que permita a realização do levantamento naquela comunidade. O pretor José Antônio Daltoé César, da 1ª Vara Cível da Comarca de Ijuí, vem se mostrando favorável a concessão da liminar por entender que o primeiro passo já foi dado com a obtenção pela empresa, da autorização do Ministério das Minas e Energia para a realização da obra.

Os preços na corda bamba

Prof. Argemiro Luís Brum
Montpellier — França

A soja novamente está no centro das atenções! Neste mês de março começa de forma intensa a colheita no cone sul da América do Sul. Sozinha, esta região (Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai) deverá colher, nesta safra, mais de 30 milhões de toneladas. Um recorde que representa em torno de 57 por cento da colheita média norte-americana dos últimos anos. Somente o Brasil deverá colher entre 19 e 20 milhões de toneladas (cerca de 65 por cento do total sul-americano) se tudo correr bem até o final da colheita.

Frente a importância histórica do fato vamos, neste artigo, analisar novamente o comportamento do mercado internacional do produto. Exatamente três meses após nossa última análise para este jornal (artigo publicado na edição de dezembro/janeiro, páginas 10 e 11) consideramos necessário verificar a tendência que está assumindo este mercado.

Assim, abordaremos a evolução do mercado internacional da soja e de seus derivados nestes últimos meses e sua tendência para os meses futuros, período de interesse, pois os produtores estarão em plena comercialização.

1 — UMA EVOLUÇÃO ALTISTA QUE PARECE PERDER O FÔLEGO NO INÍCIO DE MARÇO

Encerramos nosso artigo anterior sobre a soja indicando que a tendência altista do mercado era instável. Na época, dependia-se de novas compras da União Soviética (URSS) e de um acordo dos Sete Grandes países desenvolvidos do mundo (Estados Unidos, Japão, Alemanha Ocidental, França, Grã-Bretanha, Itália e Canadá), o qual poderia evitar a continuidade da crise financeira que havia se abatido sobre o mundo pela ocasião do "crak" do dia 19.10.87. Sem falar do mercado interno brasileiro que, com o fracasso do Plano Cruzado, voltava a uma realidade inflacionista, fato que poderia elevar significativamente as cotações internas da soja devido as fortes desvalorizações mensais do cruzado em relação ao dólar. O que significa, no fundo, um aumento de preços irreal, pois tende apenas a acompanhar a inflação interna.

Três meses após verificamos que, com relação ao mercado externo, assunto deste nosso artigo, os fatos evoluíram de forma significativa.

1. 1 — No longo prazo: retorno a uma tendência altista

Assim, se olharmos o comportamento do mercado através de uma tendência a longo prazo, por exemplo, entre o segundo semestre de 1979 e os primeiros três meses de 1988 (conforme os gráficos n°s 1, 2 e 3 e a tabela n° 1), verificamos o seguinte:

a) Que as cotações do grão de soja na Bolsa de Chicago alcançaram seus pontos máximos no segundo semestre de 1980 e de 1983 (respectivamente 301 e 298 dólares/tonelada). Após 1983, elas sofrem uma queda significativa (a mais importante em todo o período considerado) alcançando seu ponto mínimo no segundo semestre de



Soja: a euforia dos preços pode não continuar

1986 com 182 dólares/tonelada em média semestral. Enfim, a partir desta data, o mercado do grão começa uma lenta, mas segura recuperação, alcançando uma média de 226 dólares/tonelada nestes primeiros 68 dias do ano de 1988. Evidentemente estamos ainda longe dos melhores níveis, porém, o mercado gira atualmente um pouco acima da média do período que é de US\$ 222,00/tonelada.

b) Quanto ao farelo de soja na Bolsa de Chicago, o comportamento de suas cotações é quase idêntico. Seu ponto máximo foi alcançado no segundo semestre de 1980 (US\$ 261,00/tonelada em média), caindo após gradativamente até o primeiro semestre de 1985 (US\$ 143,00/tonelada). Em outras palavras, o farelo não conseguiu alcançar seus melhores níveis quando da forte recuperação das cotações em 1983, porém, iniciou sua recuperação, lenta é verdade, 18 meses antes que o grão. No início de março suas cotações giravam em torno de US\$ 204,00/tonelada. Igualmente longe dos melhores momentos, porém, acima da média do período que se situa em US\$ 196,00/tonelada.

c) Enfim, temos o comportamento das cotações do óleo de soja na Bolsa de Chicago. Este derivado teve um outro comportamento. Após um período de queda entre 1979 e o segundo semestre de 1982, este produto alcança seu ponto máximo no primeiro semestre de 1984 (US\$ 688,00/tonelada em média), consequência das fortes altas acontecidas no ano anterior. Após, constatamos uma queda significativa, da ordem de 52 por cento, fato que traz as cotações do óleo ao fundo do poço (US\$ 32,99/tonelada em média) no segundo semestre de 1986. Suas cotações alcançam hoje uma média de US\$ 470,00/tonelada. Isto significa uma forte recuperação (da ordem de 43 por cento) em relação ao ponto mínimo, porém, ainda abaixo da média do período US\$ 492,00/tonelada.

Em outras palavras, ao olharmos esta tendência de longo prazo te-

mos a confirmação de que o "complexo soja", no que tange a suas cotações na Bolsa de Chicago, está numa fase de alta e que existiria ainda um espaço para continuar este movimento, sobretudo para o óleo.

1. 2 — No curto prazo: a confirmação de que o movimento de alta não é seguro

Ao olharmos a tendência de curto prazo entretanto, a qual interessa mais no que diz respeito a comercialização da atual safra, a característica do mercado nos parece diferente.

Assim, com a ajuda dos gráficos n°s 4, 5 e 6 observamos o comportamento do mercado entre outubro de 1987 até os primeiros 8 dias de março, data da elaboração deste artigo. Podemos resumir nos seguintes pontos nossa análise sobre este período conjuntural:

a) No que tange ao grão, após uma significativa elevação nas cotações no mês de novembro passado, verificamos que a tendência altista dos preços continuou, porém, de forma fortemente instável. Entretanto, nestes últimos três meses (após nosso último artigo datado de 8 de dezembro) as cotações do grão ainda ganharam um espaço chegando a US\$ 6,35/Bushel no início de março, o que representa um aumento de 8,2 por cento em relação a cotação de 8 de dezembro. Entretanto, se olharmos com mais atenção, verificamos que as cotações da segunda semana de março são inclusive mais baixas que as alcançadas em meados de janeiro passado. Pode ser um sinal de perda de fôlego que começa a aparecer.

b) No que tange ao farelo, a situação é mais evidente ainda. Apesar de uma recuperação importante no mês de fevereiro, as cotações deste derivado da soja, em Chicago, estão ainda longe de atingirem os bons momentos vistos no início do mês de dezembro

A soja novamente está no centro das atenções. Neste mês de março começa de forma intensa a colheita no cone sul. Sozinha, esta região — Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai — deverá colher, nesta safra, mais de 30 milhões de toneladas. Um recorde que representa em torno de 57 por cento da colheita média norte-americana dos últimos anos. Somente o Brasil deverá colher entre 19 e 20 milhões de toneladas — cerca de 65 por cento do total sul-americano — se tudo correr bem até o final da colheita.

de 1987. Inclusive, após o dia 8 de dezembro as mesmas caíram significativamente, chegando no final de janeiro praticamente aos mesmos níveis das registradas no início de outubro de 1987. Em outras palavras, tudo o que o farelo ganhou entre outubro e dezembro, ele perdeu em seguida. Resta saber se alenta a recuperação iniciada em fevereiro terá fôlego para continuar, fato que não é nada certo.

c) Por sua vez, o óleo de soja teve um comportamento diferente. E aliás, graças a ele é que as cotações do grão se mantiveram até agora! Assim, suas cotações em Chicago se elevaram constantemente a partir de outubro passado até meados de janeiro de 1988. As mesmas passaram de 16,82 a 22,70 centavos de dólar/libra-peso. Isto significa um aumento extraordinário de 35 por cento em três meses e meio (precisamos levar em conta que a inflação anual, acumulada nos Estados Unidos, gira em torno de 5 por cento atualmente). Entretanto, a sequência é menos feliz! A partir de meados de janeiro as cotações do óleo caem, sendo que na segunda semana de março (última cotação que levamos em conta para este artigo) as mesmas haviam voltado aos níveis de meados de dezembro passado. Em outras palavras, uma perda de 11 por cento em relação ao pico alcançado dois meses antes.

A pergunta que fica no ar agora é a seguinte: qual será o comportamento deste mercado para os próximos meses, digamos até julho próximo?

2 — O PERÍODO DE EUFORIA PODE MUITO BEM JÁ TER PASSADO

Evidentemente, é muito difícil analisarmos o que irá acontecer no

Euforia pode já ter passado

mercado internacional da soja para os próximos meses. Entretanto, pelas informações que possuímos atualmente, nos parece que o período de altas em Chicago pode ter chegado praticamente ao fim. O óleo já enfraqueceu significativamente e o farelo, apesar da recuperação, está ainda longe de oferecer garantias de continuidade. Com isto, qualquer novo enfraquecimento nas cotações do farelo, aliado ao do óleo, trará para baixo as cotações do grão.

Quais são as informações que podem comprovar ou desmentir esta nossa observação?

2. 1 - Do lado da comprovação de nossas afirmações. . .

Os dois principais motivos que levaram a alta das cotações no final de 1987 já não estão mais presentes no mercado.

Por um lado, o impacto da crise financeira mundial já foi absorvido e os especuladores e investidores voltaram a aplicar nas bolsas de ações. Evidentemente isto não significa que a crise financeira internacional terminou e

que o "crak" de outubro tenha sido apenas um "fogo de palha". No entanto, este não é nosso assunto neste artigo.

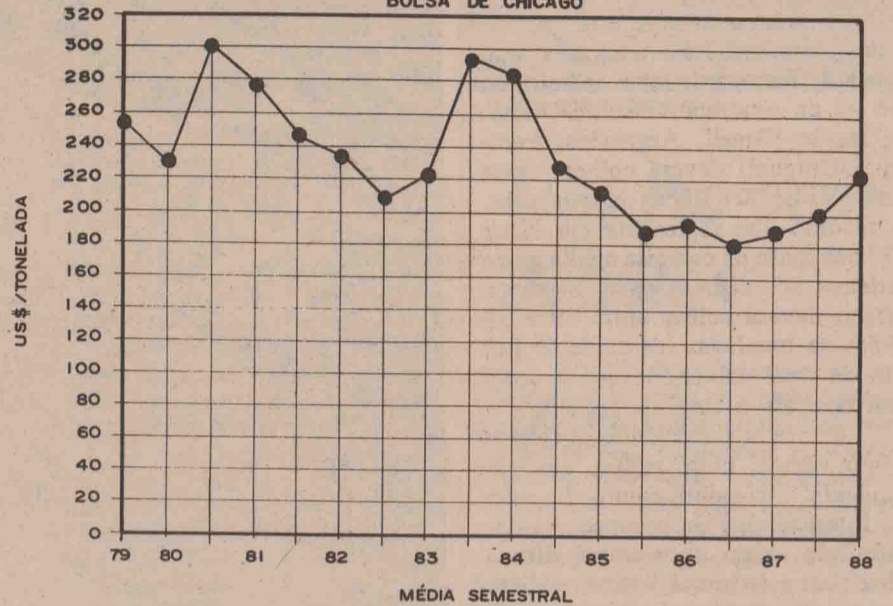
Por outro lado, a URSS, confirmando, ao menos por enquanto, nossas inquietudes lançadas no nosso artigo de dezembro, não se apresentou mais no mercado.

Como a Comunidade Econômica Européia (CEE) continua com sua tendência de diminuir seu consumo de soja importado (em 1987 a queda nas importações de farelo atingiu 10 por cento), o mercado depende muito atualmente dos soviéticos e dos outros países do Leste Europeu. Por enquanto, nenhum movimento importante foi feito após as fortes compras feitas no final de 1987 (lembramos que a URSS comprou neste período 400 mil toneladas de grãos e 1,35 milhão de toneladas de farelo de soja). Pode ser um sinal de que os soviéticos contam com uma baixa nas cotações em Chicago.

Um outro ponto significativo, no qual o mercado muito se baseou

GRÁFICO Nº 1

EVOLUÇÃO DAS COTAÇÕES DO GRÃO DE SOJA BOLSA DE CHICAGO



Gráficos: Luiz Carlos Peres

Tabela nº 2: OFERTA E DEMANDA DE GRAOS DE SOJA NO MUNDO - Em 09.02.88 - (em milhões de toneladas)

	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)
1986/87							
EUA	14,60	52,80	0	32,09	34,93	20,60	11,87
Resto do Mundo	8,58	45,17	29,15	52,21	66,47	8,06	8,36
Total Mundial	23,18	97,97	29,15	84,30	101,40	28,66	20,23
1987/88							
EUA	11,87	51,84	0	32,11	34,72	20,68	8,30
Resto do Mundo	8,36	49,58	28,97	54,71	69,39	8,20	9,32
Total Mundial	20,23	101,42	28,97	86,82	104,10	28,89	17,62

(1) Estoques iniciais (2) Produção
(3) Importações (4) Esmagamento
(5) Consumo (6) Exportações
(7) Estoques finais

Fonte: USDA/EUA

Tabela 1: EVOLUÇÃO DAS COTAÇÕES DO COMPLEXO SOJA NA BOLSA DE CHICAGO MÉDIAS SEMESTRAIS (em US\$/tonelada)

ANOS	GRÃO	FARELO	ÓLEO
1979	253	208	602
1980	230	190	487
1980	301	261	579
1981	277	240	520
1981	246	211	465
1982	234	206	427
1982	209	181	382
1983	222	196	399
1983	296	243	627
1984	285	217	688
1984	229	168	612
1985	214	143	654
1985	190	148	485
1986	195	169	394
1986	182	165	328
1987	190	169	357
1987	201	200	376
1988 (*)	226	204	470

(*) Média até o dia 8 de março

Fonte: O autor, com base nos dados da DEPECHE AGRICOLE ET COMMERCIALE.

Tabela nº 3: OFERTA E DEMANDA DE FARELO DE SOJA NO MUNDO - Em 09.02.88 - (em milhões de toneladas)

	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)
1986/87						
EUA	0,19	25,18	0	18,49	6,66	0,22
Resto do Mundo	2,70	41,08	26,17	48,19	18,80	2,95
Total Mundial	2,89	66,26	26,17	66,69	25,46	3,17
1987/88						
EUA	0,22	25,41	0	19,01	6,35	0,27
Resto do Mundo	2,95	43,04	26,35	50,52	18,88	2,94
Total Mundial	3,17	68,45	26,35	69,52	25,23	3,22

(1) Estoques iniciais (2) Produção
(3) Importações (4) Consumo
(5) Exportações (6) Estoques finais

Fonte: USDA/EUA

GRÁFICO Nº 2

EVOLUÇÃO DAS COTAÇÕES DO FARELO DE SOJA BOLSA DE CHICAGO

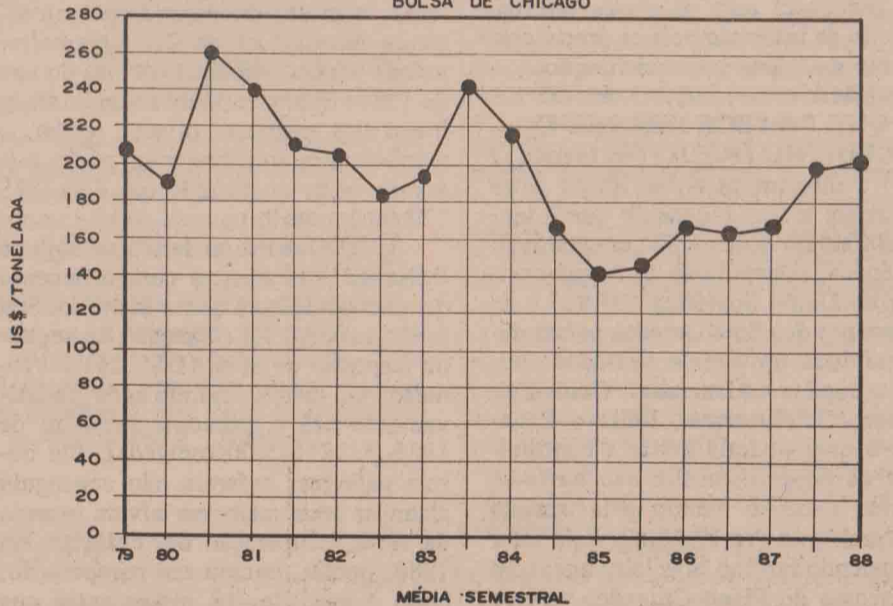
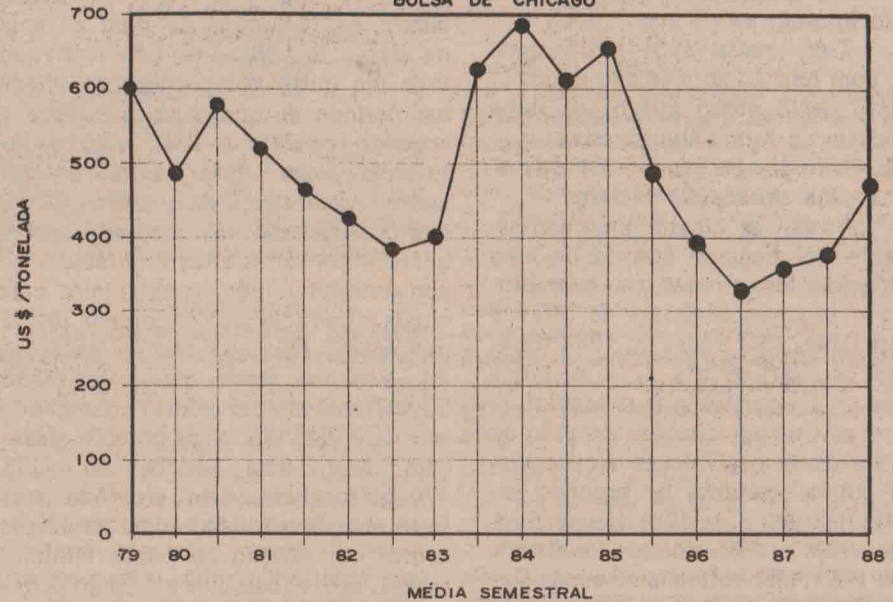


GRÁFICO Nº 3

EVOLUÇÃO DAS COTAÇÕES DO ÓLEO DE SOJA BOLSA DE CHICAGO



A produção norte-americana, calculada em 51,80 milhões de toneladas poderá surpreender. As intenções de plantio serão decisivas para dar o tom às cotações de Chicago

para justificar os recentes aumentos nas cotações, diz respeito aos estoques norte-americanos de grãos de soja. Nos parece, entretanto, que se olharmos com atenção as recentes previsões norte-americanas no que tange aos estoques de grãos e de farelo de soja, a nível mundial, a análise pode muito bem ser outra. Assim, conforme as tabelas n.ºs 2 e 3, percebemos que:

a) É verdade que o estoque norte-americano de grãos de soja diminuiu consideravelmente. Ele passa de 14,6 milhões de toneladas em outubro de 1986 a 8,3 milhões em setembro próximo. Isto significa menos de 43 por cento em dois anos.

b) Igualmente, os estoques de grãos a nível mundial caem bastante. Eles passam de 23,18 milhões de toneladas a 17,62 milhões no mesmo período, entretanto, a queda é de "apenas" 24 por cento em dois anos. Isto é, bem menos que a registrada nos EUA.

c) Por outro lado, a produção mundial de grãos cresce da mesma forma que o esmagamento. Isto significa uma maior oferta de farelo de soja. isto é plenamente comprovado pela tabela n.º 3. Os estoques de farelo crescem, no período considerado, na ordem de 11,4 por cento, passando de 2,89 milhões de toneladas a 3,22 milhões. Este aumento pode compensar em parte o receio pela queda nos estoques de grãos.

d) É preciso levar em conta que o USDA considera, para o referido cálculo, uma produção brasileira de 18,5 milhões de toneladas. Pelas informações que se tem no momento, salvo problemas climáticos no período de colheita, a mesma deverá ficar em pelo menos um milhão de toneladas acima destas previsões.

e) Enfim, a própria produção norte-americana, calculada em 51,80 milhões de toneladas (um milhão abaixo daquela registrada um ano antes), poderá surpreender. As intenções de plantio naquele país que começarão a aparecer a partir de fins de abril próximo, serão decisivas então para dar o tom às cotações de Chicago. Mas desde já alertamos para o fato de que as cotações de Chicago (em bushel = 27,21 quilos) estão cerca de um dólar acima das registradas um ano antes. Isto tende a levar os produtores norte-americanos, que igualmente estão altamente endividados, a aumentarem suas áreas de plantio e conseqüentemente o potencial de produção para 1988.

Lembramos igualmente que a pressão da safra da América do Sul ainda não se fez presente no mercado. Ela começará a fazê-lo praticamente no mesmo momento em que as primeiras intenções de plantio norte-americanas forem anunciadas. Se as duas forem na mesma linha, teremos aí um forte fator de pressão baixista no mercado.

Além disso, pelas informações extra-oficiais que possuímos, o Brasil não vive mais a euforia consumista da época do Plano Cruzado, fato que está fazendo recuar significativamente o consumo interno em geral. Segundo consta, a produção de aves deverá ser reduzida em 25 por cento em 1988. Em outras palavras, menos soja será consumida no mercado interno. Se isto se confirmar, significa dizer que o Brasil irá pressionar ainda mais o mercado externo com suas exportações de farelo

e mesmo de grãos, haja vista a sua produção recorde.

Finalmente, o inverno no hemisfério norte praticamente terminou e, com exceção dos EUA, o mesmo foi bastante ameno em relação aos últimos anos, sobretudo na Europa Ocidental. Assim, muita ração deixou de ser consumida, pois os bovinos foram para a pastagem natural bem mais cedo do que o normal.

Este conjunto de fatores nos faz reear que as cotações em Chicago poderão já ter alcançado seus melhores níveis para este primeiro semestre. Aliás, uma opinião igualmente compartilhada pelos operadores de mercado europeu com quem temos constantemente contatos.

2. 2 - Do lado da não comprovação de nossa afirmação. . .

Um fato imediato que pode modificar este panorama acima descrito é o fator climático. Problemas na colheita da safra da América do Sul, que façam diminuir os volumes previstos, poderão provocar novas altas em Chicago. Da mesma forma, no que tange ao plantio norte-americano a partir de maio próximo. Afinal, qualquer problema desta ordem se somará a baixa nos estoques de grãos mundiais que está sendo prevista pelos EUA.

A médio prazo temos ainda a possibilidade, sempre presente, de que os soviéticos voltem a comprar no mercado mundial. Se ela se confirmar, embora um tanto remota, tudo dependerá das quantidades que serão compradas. Além disso, segundo informações que circulam aqui na França, os soviéticos iriam privilegiar as compras originárias da Argentina, deixando de lado o Brasil (resultado ainda da inteligente decisão argentina - não seguida pelo Brasil - de fornecer soja aos soviéticos em 1980, em substituição aos EUA, que aplicaram um embargo nas exportações desta oleaginosa no início daquele ano, em direção da URSS, em represália à invasão soviética no Afeganistão).

Finalmente, não podemos esquecer que 1988 é um ano de eleições presidenciais nos EUA. Este fato pode manter artificialmente as cotações de Chicago em alta, ou pelo menos, mantê-las nos níveis em que estão atualmente, até o dia 8 de novembro próximo, data das referidas eleições. Ligado a isto, está a necessidade, expressa pelos EUA e outros países desenvolvidos, de aumentarem os preços das matérias-primas agrícolas negociadas no mercado internacional a fim de dar uma maior solvabilidade a seus produtores. Resta saber a que níveis de preços! Em todo o caso, os europeus afirmam que, acima dos atuais níveis de preço, eles começam a eliminar a soja da composição de suas rações, pois a mesma não seria mais rentável. Lembramos que esta atitude era praticamente impossível há três anos por absoluta incapacidade técnica das indústrias de rações.

Pelo sim e pelo não, não será surpresa se viermos a ter um mercado externo em baixa para os próximos meses. Infelizmente não temos condições, daqui da Europa, de apontarmos em que direção e amplitude esta situação faria o mercado interno brasileiro oscilar, haja vista a completa instabilidade da economia brasileira.

GRÁFICO Nº 4

VARIAÇÃO DAS COTAÇÕES DO GRÃO DE SOJA

BOLSA DE CHICAGO - OUT. 87 / MAR. 88

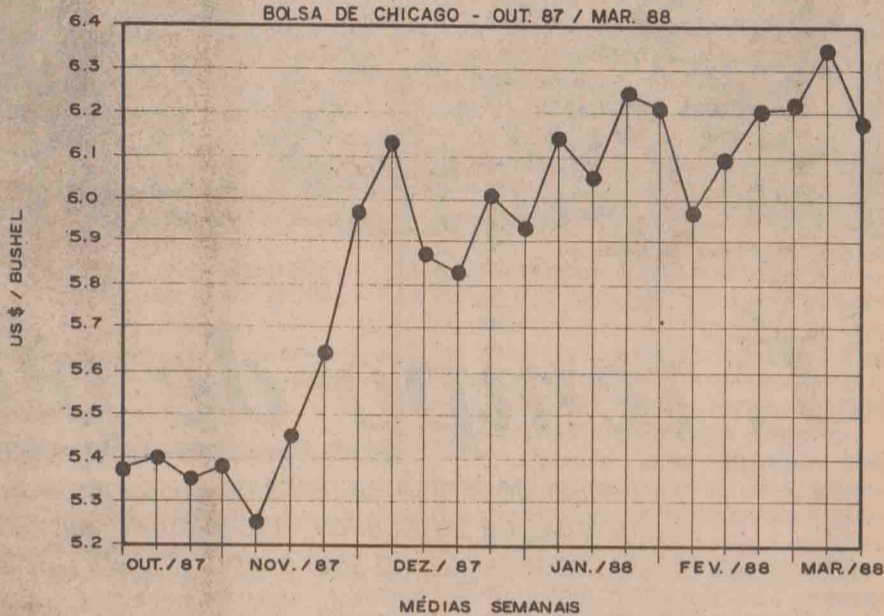


GRÁFICO Nº 5

VARIAÇÃO DAS COTAÇÕES DO FARELO DE SOJA

BOLSA DE CHICAGO - OUT. 87 / MAR. 88

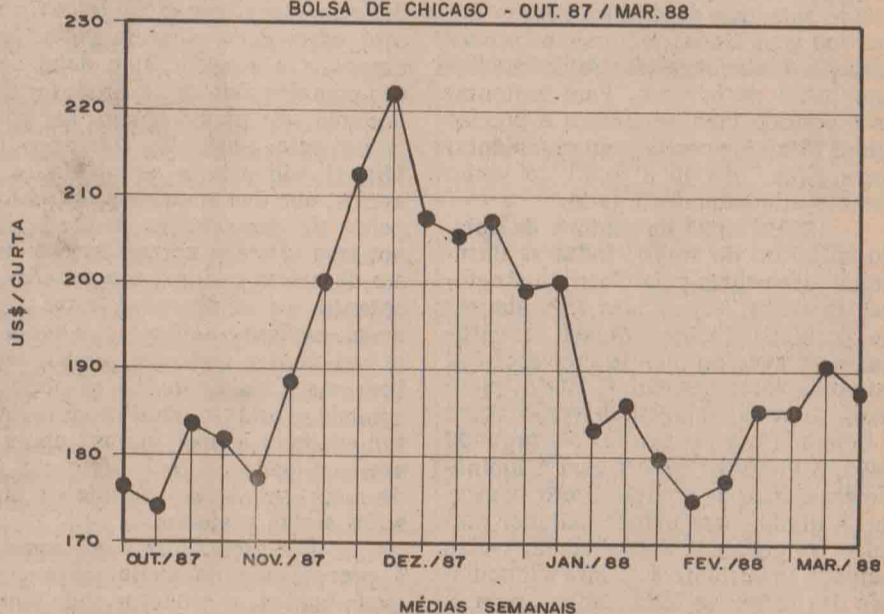
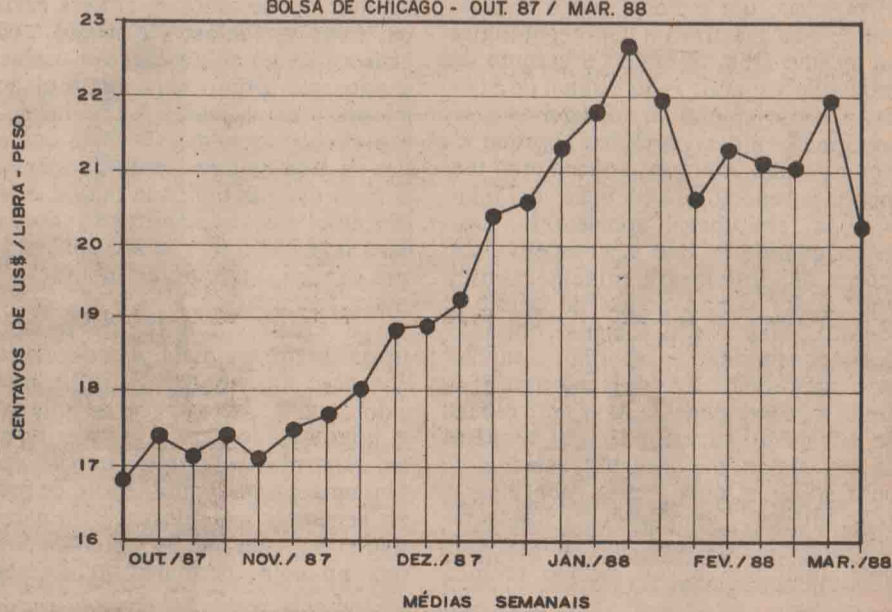


GRÁFICO Nº 6

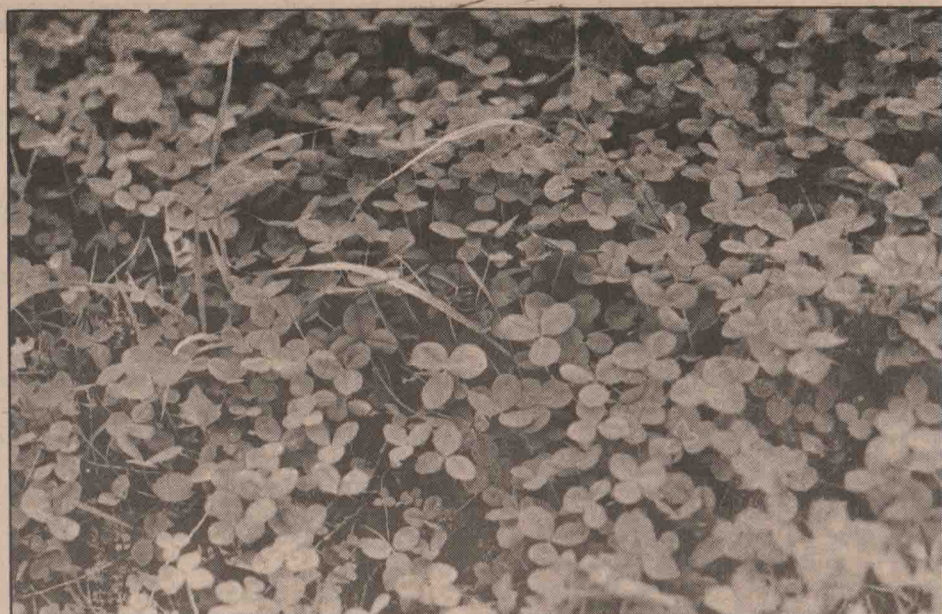
VARIAÇÃO DAS COTAÇÕES DO ÓLEO DE SOJA

BOLSA DE CHICAGO - OUT. 87 / MAR. 88





Os bons resultados da aveia. . .



. . . podem ser melhores ainda, se for consorciada com os trevos

É tempo de plantar forrageiras

Apesar do atraso na colheita da soja e do milho, por causa da seca, já chegou a hora de formar as áreas de forrageiras, que além de alimentar o gado são fundamentais para o trabalho de conservação do solo e ainda trazem um bom retorno como produção de sementes.

Como todo o produtor sabe, o inverno sempre exige uma preocupação maior com a alimentação do gado de leite ou de corte, pois é nesta época que o pasto escasseia, e quem não estiver preparado pode contabilizar sérios prejuízos. Este ano, então, com a seca, a necessidade de plantar forrageiras aumentou mais ainda, deixando ao produtor, quase que uma obrigação em formar pasto de inverno. Para enfrentar este período com segurança é preciso que o produtor comece agora a plantar forrageiras, que já a partir de junho estarão alimentando o gado.

Cultivadas na resteva da soja, do milho ou do sorgo, todas as forrageiras oferecidas pela Cotrijul, Regional Pioneira, sejam elas leguminosas ou gramíneas também podem ser cultivadas através do plantio convencional ou ainda sobre-semeadas, isto é, plantadas sobre as pastagens de verão, como a bermuda e a pensacola. No segundo caso, o produtor deverá usar maquinário específico de plantio direto ou mesmo a grade, para evitar qualquer prejuízo na grama já estabelecida. Outro cuidado importante é quanto a inoculação das sementes leguminosas, para as quais a Cooperativa já tem à disposição o produto específico para cada forrageira.

Mas, os melhores resultados deste plantio de inverno, tanto para pastagens, como para adubação verde, virão mesmo com a consorciação de forrageiras, um método muito fácil de juntar uma gramínea e uma leguminosa na mesma área. Segundo o gerente de produção vegetal, João Miguel de Souza, a consorciação de forrageiras proporciona grandes vantagens, porque as leguminosas, embora apresentem um menor potencial de produção em relação as gramíneas apresentam uma maior qualidade, isto é, possuem altos teores de proteínas e principalmente, uma maior concentração de cálcio e fósforo. Mas não é somente por isso que a consorciação é importante, salienta o agrônomo. "As leguminosas têm ainda a propriedade de fixar um volume de nitrogênio superior às suas necessidades, sendo o excedente assimilado pelo solo". Dessa forma, continua o João Miguel, "se o produtor fizer uma consorciação, ele terá um pasto de melhor qualidade e, ao mesmo tempo,

poupará aplicações de nitrogênio oriundos do petróleo".

MATERIAIS DISPONÍVEIS

Para fazer uma escolha mais segura sobre a consorciação é sempre bom estar a par das características de cada uma das forrageiras. Pelo lado das gramíneas, por exemplo, a Cotrijul está oferecendo a aveia preta, aveia branca e o azevém, que dependendo das combinações que o produtor fizer, poderão, em pouco tempo, ser consumidas pelo gado. De início, o João Miguel salienta as propriedades das aveias, que das gramíneas são as forrageiras de menor ciclo de produção, e por isso também apresentam um volume de massa maior que o azevém. No entanto, se comparadas entre uma e outra, explica o agrônomo, a aveia preta vai contar mais um ponto, pois é bem mais resistente ao pisoteio dos animais. Portanto, se o produtor plantar as duas aveias juntas, agora em abril, o gado já terá pasto no final de maio, sem que o rebrote da planta sofra algum prejuízo.

Da mesma forma que aproveita a precocidade da aveia preta com a aveia branca, o produtor pode também fazer com o azevém, que entre as três forrageiras é a que apresenta o ciclo de produção mais longo. No caso de optar pelo plantio do azevém com aveia preta, terá então, um maior período de utilização da pastagem.

Da parte das leguminosas, o produtor pode escolher entre a ervilhaca, trevo vesiculoso ou yuchi, trevo branco, trevo subterrâneo e o sincho, sendo este último com distribuição limitada para semente. A ervilhaca, que é uma das leguminosas mais conhecidas na área de atuação da Cooperativa, é mais do que indicada para a consorciação. Pelo seu hábito trepador, destaca o João Miguel, o seu cultivo sempre exigirá o plantio em conjunto com outra forrageira.

Quanto aos trevos, as opções ficam entre os mais precoces; como é o caso do subterrâneo e do branco, e do yuchi, que apesar de apresentar o ciclo mais longo de todos — floresce em dezembro e produz em janeiro — tem uma grande vantagem: a de produzir sementes mais duras. Esta característica faz com que as sementes ao caírem no solo, permaneçam dormentes

até o próximo inverno, quando voltam a germinar naturalmente.

Já o trevo subterrâneo é o mais precoce, pois produz sementes logo em setembro, que por serem graúdas apresentam um rápido crescimento. Quanto ao trevo branco, que embora seja uma forrageira perene, se comporta como anual na região, não é tão precoce como o subterrâneo, mas é um pouco mais que o yuchi, produzindo semente no mês de novembro. Por ser uma planta mais rasteira, este tipo de trevo é dos mais resistentes ao pisoteio do gado.

Por fim, o sincho, que é conhecido como uma forrageira de alta qualidade, é muito recomendado para a silagem de gado e de suínos, além de dar ótimos resultados se consorciado com as aveias e podendo ainda ser utilizado como pastagem direta. Conhecendo todos os ciclos de produção de cada uma das forrageiras, o produtor pode dar início às diversas consorciações, que podem ser feitas entre duas ou mais plantas.

CONSORCIAÇÕES MAIS INDICADAS

De acordo com o João Miguel, uma das melhores combinações são feitas através da aveia preta com a ervi-

lhaca ou com o trevo branco, ou ainda com o subterrâneo. Mas, de qualquer um destes cultivos pode fazer parte o azevém, sendo que a melhor combinação para esta gramínea é o trevo yuchi, em função da semelhança dos seus ciclos de produção. É possível ainda, segundo o João Miguel, plantar os três trevos juntos e ganhar com a precocidade do subterrâneo e a longevidade do trevo yuchi.



Azevém: recomendado para todas as consorciações

Trevo yuchi mais barato

O ano de 87 registrou o maior recebimento de sementes de forrageiras, especialmente da aveia preta, recebidas pela Cotrijul, Regional Pioneira, o qual foi comercializado até o final de março. Isto vem demonstrar, segundo o gerente de produção vegetal da Cotrijul, João Miguel de Souza, que a estratégia de comercialização teve pleno sucesso e principalmente comprovou o amplo potencial do mercado de terceiros que existe.

Avaliando este potencial de comercialização, a Cooperativa também já tem calculado o volume de sementes a ser produzido pelo quadro social, no próximo inverno. Por isso, todas as unidades da Regional Pioneira terão, a partir de agora,

a sua cota de produção para cada espécie de forrageira.

TRATAMENTO DE SEMENTE

Devido ao ataque de "antrecnose" (doença fúngica), a ervilhaca para semente foi tratada com fungicida específico, o qual deverá refletir em um pequeno acréscimo no custo desta semente. Por outro lado, a facilidade de multiplicação e adaptação do trevo yuchi na região, está proporcionando a comercialização desta forrageira, ao quadro social, com um preço bastante inferior à venda realizada a terceiros: "de forma a incentivar a disseminação deste trevo na área de atuação da Regional Pioneira", acentua o gerente de produção vegetal.

De olho no inverno

Eliminar as áreas descobertas no inverno, através da adubação verde e rotação de culturas. Este é o grande desafio para colher melhor no verão e nos próximos invernos.

Como obter melhores resultados de produtividade reduzindo os gastos? Muitos produtores já sabem que a resposta está na prática de conservação do solo, poucos porém, têm se decidido a fazer desta verdade uma linha de trabalho para sua lavoura. Por esta razão é que alguns produtores da Unidade de Ijuí, principalmente os que estiveram visitando a região de Mamborê e Campo Mourão no Paraná, realizaram uma reunião junto com o departamento técnico, no dia 24 de março. De olho no inverno, os participantes da reunião discutiram o que plantar e como plantar nesta época, para ganhar mais no verão. O passo inicial é, sem dúvida, a rotação de cultura que, aliada a adubação verde, torna o solo mais fértil e preparado para o plantio direto. Mas, de início é bom verificar as condições do solo, através de uma análise, e adotar para sempre, a prática do acompanhamento de resultados safra a safra.

PORQUÊ ROTAÇÃO
Para o gerente do CTC, engenheiro agrônomo Volney Viau, a adubação verde é uma prática muito antiga que surgiu como uma alternativa para repor a fertilidade do solo, de forma mais barata do que a dos insumos derivados do petróleo. A própria escassez do petróleo foi decisiva para a recomendação da adubação verde e rotação de culturas, pois ocasionou um aumento tão significativo dos custos nos insumos, que, se em 1983, um produtor pagava seis sacos de soja por uma tonelada de fertilizantes, em 86, ele já precisava de 20 sacos para comprar a mesma quantidade do insumo.

Estes números, continua o Volney, "só tendem a aumentar, pois, neste ano ou no próximo, não sabemos o quanto de soja irá pagar os insumos, mas, certamente, teremos que gastar muito mais do que antes". Por causa

Viagem ao Paraná

Os números de produtividade obtidos pela região de Xanxerê, Campo Mourão e Mamborê, no Paraná, continuam surpreendendo os produtores que visitam aquela região. Em fevereiro, produtores das unidades da Cotrijul, Regional Pioneira, de Ijuí, Augusto Pestana, Ajuricaba, Santo Augusto e Coronel Bicaco estiveram naquele estado, onde observaram o rendimento das lavouras produzidas através de práticas conservacionistas, como adubação verde em rotação de culturas. Além disso, os produtores da Cotrijul, tiveram a oportunidade de conhecer o próprio comportamento dos produtores de lá, que há mais de 15 anos conhecem os benefícios do plantio direto.

MELHORES RESULTADOS
Seis mil quilos de milho por hectare e três mil de soja. Estes

destas projeções que indicam um desembolso cada vez maior, é que a rotação de culturas e adubação verde se confirmam como a melhor alternativa tecnológica, independente dos produtos derivados do petróleo. Reduzindo o gasto com nitrogênio, que é um dos elementos mais caros e necessários à lavoura, a adubação verde poderia reduzir também o gasto com herbicidas e fungicidas.

BALANÇO ENERGÉTICO
A importância destas práticas de conservação já foi comprovada inúmeras vezes, através de diversos trabalhos científicos e também por meio de resultados práticos obtidos por alguns produtores da região. Através de um balanço energético de cada cultura, por exemplo, (ver o quadro), pode-se observar o quanto é gasto em energia por cada uma delas. Em outros trabalhos, pode-se verificar o valor de certas plantas, como as leguminosas, que proporcionam a incorporação de nitrogênio no solo, de forma gratuita.

Fundamentais para a alimentação do gado de leite ou de corte, as forrageiras leguminosas são as plantas que possuem o maior poder de incorporar o nitrogênio no solo. Enquanto a soja, por exemplo, tem a capacidade de incorporar de 90 a 100 quilos de nitrogênio por hectare ao ano, a alfafa, que é uma das forrageiras mais importantes para a atividade leiteira, consegue incorporar até 460 quilos deste elemento por hectare ao ano. Esta diferença positiva para a alfafa representa nada menos do que uma tonelada de uréia por hectare ao ano que o produtor

resultados que já encontraram outros produtores também foram verificados de perto pelo Lorimar Wadas, da localidade de Barreiro, em Ijuí, que participou desta última viagem ao Paraná. "Pelo que se vê lá, dá para dizer que existe um investimento maior na terra", diz o produtor analisando as altas produtividades de grandes lavouras, onde são utilizados cerca de 500 quilos de adubo por hectare. Para que se alcance esses níveis de produtividade, o Wadas pensa que o produtor daqui teria que se aplicar muito nas práticas conservacionistas. "Temos que plantar mais aveia e ervilhaca no inverno", afirma o produtor que também se surpreendeu com o maquinário utilizado para o plantio direto naquela região. "Não vi máquinas nova por lá, conta o produtor, e sim máquinas

incorpora ao solo, ou seja um investimento em fertilização equivalente a 24 mil cruzados.

Mas a vantagem de se utilizar a alfafa como adubação verde, dentro do esquema de rotação de culturas, não param por aí. Um trabalho realizado pelo CTC, em 1982 também procurou avaliar o quanto esta mesma área de alfafa deixou de nitrogênio no solo, para as culturas das próximas safras. Foi constatado, segundo o Volney, que a forrageira deixou nitrogênio suficiente para produzir milho e feijão durante três anos. É claro, ressalta o agrônomo, que estas vantagens não pertencem apenas a alfafa. Com eficácia semelhante, o tremoço, trevo, ervilhaca e o sincho, têm capacidade de incorporar o nitrogênio.

EVITANDO DOENÇAS
Importantes para a incorporação do nitrogênio no solo, certas coberturas verdes que participam da rotação de culturas, ainda evitam o ataque de alguma doenças fúngicas, como o mal do pé e as podridões do sistema radicular, que têm bastante incidência no trigo. Mas, os melhores resultados oriundos desta prática vem mesmo das diferenças de rendimentos que se pode observar entre áreas que já estão sendo trabalhadas com a rotação de culturas e áreas que ainda não receberam a prática. Além disso, é sempre bom lembrar que uma soja plantada na resteva da aveia preta, apresenta melhor comportamento produtivo do que quando cultivada sobre outra cobertura verde



Lorimar Wadas

adaptadas pelo próprio produtor".
Uma das certezas que o Lorimar Wadas trouxe da viagem ao Paraná, foi a de que a sua região pode alcançar aqueles níveis de produção, até mesmo porque "a própria terra daqui é melhor". Mas, para isso, destaca ele, é preciso que o produtor pense mais nas vantagens de se conservar palha, que os municípios tenham uma preocupação maior com a agricultura e que os produtores comecem a fazer na prática, aquilo que eles sabem e já observaram em outros lugares".

BALANÇO ENERGÉTICO (kg cal/ha) DE MILHO, SOJA E TRIGO NO RIO GRANDE DO SUL			
	MILHO	SOJA	TRIGO
Máquinas	—	273.000	147.000
Gasolina	—	155	—
Óleo diesel	691.688	1.285.971	536.458
Nitrogênio	381.600	49.440	98.400
Fósforo	126.000	122.130	153.750
Potássio	39.360	37.216	42.460
Adubo orgânico	81.420	—	—
Calcário	—	67.763	—
Sorventes	110.050	796.160	324.420
Herbicidas	23.200	123.200	16.800
Inseticidas	—	—	—
Fungicidas	—	—	—
Total	1.453.318	2.745.035	1.319.588

FONTE: Quesada et alii, 1987, CIÊNCIA E CULTURA, SBPC, 1987, nº 1 - Vol. 39, Jan

de inverno. Pode se lembrar ainda que o milho tem a sua mais alta produtividade, quando cultivado na resteva do tremoço branco ou da ervilhaca.

Além da aveia e de outras forrageiras, uma forte aliada das práticas conservacionistas é a colza, que mesmo tendo enfrentado alguns problemas na última safra, deve ser cultivada devido ao seu grande poder de descompactação do solo. Por apresentar um maior volume de raízes que as outras plantas, a colza é a cultura mais importante para a melhoria das condições físicas do solo. E tem mais, a sua importância também se estende ao controle de certas invasoras como amendoimbravo. Outras invasoras como a guanxuma e o cipó de veado, podem ser controladas pelo azevém e pela aveia preta.

Coberta a terra no inverno, com espécies melhoradoras do solo, o produtor pode esperar melhores produtividades das culturas de verão e até adotar práticas como o plantio direto. "Quando tivermos o solo bem preparado, descompactado, com bom nível de fertilidade e com um número reduzido de invasoras, aí então passamos para o plantio direto", afirma o Volney, salientando que "o grande desafio é a eliminação das áreas descobertas no inverno, caso se queira bons resultados para a soja, o milho e para o próprio trigo.

Financiamento de forrageiras

Desde o dia 15 de março, os associados da Cotrijul, Regional Pioneira, e especialmente os produtores de leite, estão recebendo um financiamento de forrageiras anuais e perenes de inverno. Como aconteceu em outras vezes, este financiamento é feito aos produtores mediante o pagamento em litros de leite, dependendo do tipo de forrageira que for plantada. No caso das forrageiras anuais, o pagamento pode ser feito em quatro meses, enquanto para as forrageiras perenes, o retorno devolvido a Cooperativa pode ser feito em cinco meses.

Além da semente, o financiamento de forrageiras deste ano inclui ainda outros dois insumos necessários para a segurança da atividade leiteira: o adubo e a lona plástica para fazer silagem. Isto significa que, se o produtor resolver financiar alfafa — que é uma das forrageiras anuais mais ricas em proteínas — levará junto o adubo e o material para cobertura de silagem, sem nenhum acréscimo no custo total. A inclusão do adubo no financiamento, se deve principalmente, a possibilidade de ocorrência de um frio rigoroso e com chuva, antes mesmo do desenvolvimento da planta. Portanto, quem não tiver reserva de alimentação para o gado, pode dar início ao plantio de uma área para corte, utilizando adubação pesada, para contar com as pastagens já no final de maio. Esta também é a data de encerramento do financiamento de forrageiras, que reabrirá novamente, em setembro, para o plantio de forrageiras de verão.

Novas mudas para o cooperado de eucalipto

Quando se prepara para completar um ano, o programa cooperado de eucalipto coloca à disposição dos associados um lote ainda maior de mudas de cinco espécies.



Uma alternativa de renda que diminui os prejuízos causados pelo desmatamento

Um milhão e 200 mil mudas de eucalipto. Este é, aproximadamente, o número de mudas que a Cotrijuf, Regional Pioneira está colocando à disposição dos associados, a partir da primeira quinzena de maio, através de um dos seus programas cooperados mais novos, o cooperado de eucalipto. Lançado em abril do ano passado, este cooperado já distribuiu cerca de 100 mil mudas em todas as unidades da Cooperativa, onde também foram distribuídas 500 mil mudas por vendas à vista.

Como os demais cooperados da Pioneira, o cooperado de eucalipto também está buscando uma alternativa de renda a mais para a propriedade, no momento em que traz ao produtor a possibilidade de aumentar os seus escassos lucros, seja pela comercialização da lenha ou pelo seu aproveitamento em forma de madeira para a construção de galpões, pocilgas, moirões e outras benfeitorias. Mas, além disso, o cooperado de eucalipto, que na verdade é um programa de reflorestamento para toda a região, quer minimizar os prejuízos ocasionados com os desmatamentos irracionais que aconteceram nos últimos anos, estimulando a formação de florestas energéticas.

DESENVOLVIMENTO

"Podemos considerar que o produtor respondeu muito bem ao chamado da Cooperativa em relação ao plantio de eucaliptos", afirma o supervisor de insumos de fruticultura e silvicultura da Cotrijuf, Regional Pioneira, Ilário Gasparin. A avaliação do agrônomo se refere não só ao interesse do produtor como também ao desenvolvimento da área de plantio, que tem enfrentado enchentes e secas, em alguns locais isolados. O bom desempenho das mudas plantadas durante o ano passado, segundo o Ilário, está muito ligado às próprias características do eucalipto, que é uma planta exótica bastante rústica e de fácil adaptação aos mais diferentes tipos de clima e solo.

Neste segundo lote que a Cooperativa está distribuindo aos produtores e também a terceiros, o produtor poderá optar por cinco espécies de eucalipto — o Grandis, o Saligna, o Viminalis, o Rostrata e o Alba, os quais, a exemplo do ano passado, deverão ser pagos em produto na próxima safra de verão. Ao receber as mudas, o produtor também se compromete a comercializar com a cooperativa 50 por cento da sua produção de lenha, que pode ser feita lá pelo sétimo ano de plantio. Mas, por enquanto, o volume de soja,

milho ou sorgo ainda não foi definido. No entanto, quem estiver interessado em economizar na lenha ou na madeira, já pode procurar o departamento técnico de qualquer uma das unidades para encaminhar o seu cooperado de eucalipto.

CUIDADOS

Com poucas diferenças entre uma espécie e outra, o eucalipto é a árvore mais utilizada para reflorestamento, principalmente por apresentar rebrote logo após o corte. A sua época de plantio situa-se entre os meses de maio a setembro, contudo, nas terras dobradas, que estão mais sujeitas a geadas, o plantio deve ser feito no tardar. Uma outra orientação que o produtor não pode esquecer é quanto ao espaçamento, que, de acordo com o Ilário deve ser feito numa distância de um metro e 70 centímetros entre as filas e um metro e 50 centímetros entre as plantas. Para evitar qualquer problema de estiagem, o produtor pode dar preferência para o plantio das mudas em dias chuvosos.

Depois das orientações do plantio, um dos maiores cuidados que o produtor deve ter com a sua plantação de eucalipto é em relação às formigas cortadeiras, que normalmente atacam a planta nos seus primeiros anos de cultivo. Para melhor controlar o seu ataque no inverno, basta fazer uma semeadura de linho, que servirá como um atrativo para as formigas. No verão, o mais indicado é o cultivo de feijão, milho e até mesmo da soja, que além de fazer a limpeza da área, também pode ajudar na quantidade que deverá ser entregue à Cooperativa. Por fim, se as mudas forem plantadas em solo pobre, o produtor pode utilizar a adubação, numa proporção de 50 a 100 gramas de adubo por planta, mas evitando sempre o seu contato direto com as raízes, para não ocasionar o secamento das mudas.

Espécies disponíveis

Depois de definida a área para o plantio das mudas de eucaliptos, o produtor já pode dar início ao reflorestamento. Para isso, basta optar por uma das espécies oferecidas pelo programa cooperado de eucalipto, apresentadas abaixo.

* **Eucalipto Grandis** — Considerada a melhor espécie para a produção de lenha, este tipo de eucalipto apresenta um rápido crescimento e um incremento médio de 40 a 50 metros cúbicos de lenha por hectare ao ano. Para o seu melhor desenvolvimento, deve-se evitar o seu plantio em áreas sujeitas a geadas fortes.

* **Eucalipto Saligna** — É a espécie mais encontrada nas áreas de reflorestamento já implantadas na região. O seu uso é somente indicado para a produção de lenha, porque o seu excessivo fendilhamento no tronco (cheio de fendas), o torna impróprio para a produção de madeira. Com um desenvolvimento um pouco inferior ao eucalipto Grandis, o Saligna atinge um rendimento de 40 a 45 metros cúbicos de lenha por hectare ao ano.

* **Eucalipto Viminalis** — Apresentando uma alta resistência às geadas, este tipo de eucalipto é muito recomendado para os locais mais frios, onde os dois primeiros citados acima não podem ser plantados.

* **Eucalipto Rostrata** — Uma das melhores espécies para a produção de madeira, pois apresenta um reduzido fendilhamento. Com o seu plantio, o produtor pode obter um rendimento médio de 35 a 40 metros cúbicos de madeira por hectare ao ano.

* **Eucalipto Alba** — Muito recomendado para a produção de lenha, esta espécie apresenta um desenvolvimento semelhante ao eucalipto Saligna. Como todas as outras espécies, o Alba também se adapta aos mais diversos tipos de solo, com exceção dos encharcados.

As primeiras avaliações

Reflorestar uma pequena parte da propriedade sempre foi projeto do seu Irineu Eloi Vettoratto, da Linha 3 Leste, em Ijuí. Por isso, tão logo foi lançado o cooperado de eucalipto, ele tratou de adquirir as mudas que hoje estão ocupando uma área de encosta do rio Ijuí. Mas, segundo o produtor, o interesse maior pelo reflorestamento, veio a partir do ano passado, quando construiu um galpão com madeira de eucalipto comprada do seu vizinho. Neste momento, o produtor passou a valorizar ainda mais o reflorestamento, pois concluiu que, "quem tem um capão de eucalipto não precisa comprar madeira e economiza até nos custos de serraria".

Com as setemil mudas que adquiriu pelo cooperado, seu Vettoratto plantou dois hectares de eucalipto do tipo Grandis e Viminalis. O desenvolvimento destas mudas está bastante satisfatório, apesar das inundações do rio Ijuí, em agosto do ano passado, e da atual estiagem que está tirando o fôlego de muitos produtores. Com a enchente, relata seu Vettoratto, foram perdidas 100 mudas

que ainda estavam nas caixas. Depois, com a chegada da seca, algumas não resistiram, levando o produtor a registrar uma ou perda de 209 mudas pequenas.

Mas, afóra estes atrapalhos, seu Vettoratto não enfrentou outros problemas. Nem mesmo a formiga cortadeira, que comumente ataca o eucalipto, não teve vez, pois de acordo com o produtor a inundação também se encarregou de dizimar os formigueiros. Com poucas perdas registradas, a área de eucalipto do seu Vettoratto já atingiu uma altura de 1,5 metros, sendo que nos locais onde a seca foi menos intensa, as mudas apresentaram um crescimento mais rápido.

SECA E LEBRÕES

Com um pouco menos de sorte que o seu Vettoratto, o produtor Adolfo Guilherme Ketenhuber, da Linha 8 Norte, de Ijuí, chegou a perder a metade das quatro mil mudas que adquiriu em julho do ano passado pelo cooperado de eucalipto. Esta perda de 50 por cento das mudas, segundo o seu Ketenhuber,

aconteceu principalmente por causa da seca e na parte da área, onde a terra é mais alta e pedregosa. Mas além dos danos da seca, o eucalipto do seu Ketenhuber também foi atacado pelos lebrões, que mesmo não deburrando a planta, rôm todas as folhas e parte do caule, causando com isso o seu enfraquecimento.

Já a parte da área de eucaliptos que está localizada mais próxima à margem do rio Ijuí, não apresentou maiores problemas — a não ser as formigas que foram combatidas com produtos específicos —, estando atualmente com uma altura que varia entre 1,5 metros e três metros. No entanto, os atrapalhos da seca, lebrões e formigas não esmoreceram o entusiasmo do seu Ketenhuber em relação ao reflorestamento. O produtor pretende, aos poucos, ocupar com eucalipto, todas as áreas impróprias para o plantio de soja, milho e outras culturas. "A lenha também tá ficando escassa e a gente tem que ter um pouco de tudo", diz Ketenhuber, enquanto programa o



Ketenhuber e os eucaliptos que escaparam da seca e dos lebrões



Vettoratto: maior economia com o reflorestamento

plantio de eucalipto, por conta, nas barrancas do rio e até mesmo na divisa de sua propriedade.

O novo armazém graneleiro de Jardim

A Cotrijuf começou suas atividades no município de Jardim em 1981, quando incorporou a Cooperativa Agropecuária Mista de Jardim Ltda. - Cooperjel - atendendo a reivindicação dos associados, que na época totalizavam o número de trinta, e ansiavam por melhores condições de armazenagem para sua produção.

A área incorporada da Cooperjel foi de 8 hectares, sendo que de construído havia 285 m² - duas moegas, o escritório e um secador - numa estrutura muito precária que impedia o desenvolvimento da agricultura de Jardim, e que era insuficiente até mesmo para receber o arroz, principal produto agrícola da região no início da década. O primeiro investimento da Cotrijuf na localidade foi a instalação de um mercado e loja de confecções, ferragens e produtos agrícolas e veterinários. Mais tarde foram construídos dois silos e em 86 foi construído um armazém para insumos numa área de 800 metros quadrados.

Os constantes investimentos no local, que vem ser incrementados agora com a construção de um novo armazém, possibilitaram um grande desenvolvimento da agricultura em toda região - hoje a cooperativa recebe parte da produção dos municípios vizinhos de Nioaque, Guia Lopes de Laguna e Bela Vista - que produzem soja, trigo, arroz e milho. A atividade predominante ainda é a pecuária, mas os números indicam que a agricultura está em ascensão.

Para este ano espera-se uma produção equivalente a 4.200 hectares cultivados. A previsão indica que deverá ser recebido no posto da Cooperativa em torno de 10.000 toneladas de soja, 3.000 de arroz, 1.000 de milho e 3.000 toneladas de trigo. Se confirmadas as expectativas, haverá um aumento em torno de 40 por cento com relação ao ano passado, quando a safra de grãos totalizou 12.178 toneladas.

Tendo em vista este incremento na produção de grãos da região, está sendo inaugurado agora o armazém que terá capacidade para 150.000 sacas. O graneleiro construído com fundo semi-V possui sistema de aeração, vindo completar uma lacuna importante no recebimento da produção e sobretudo realizar uma antiga aspiração dos 98 associados que a Cotrijuf possui em

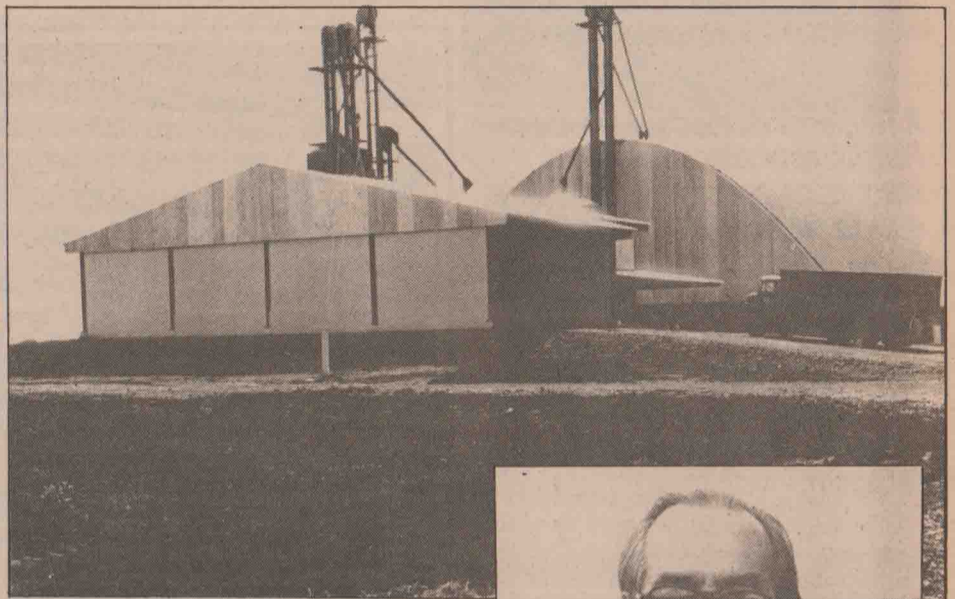
Jardim. O novo armazém faz parte do complexo que inclui ainda duas moegas para recepção e um secador de grãos, sendo esta estrutura passível de ampliação quando houver necessidade, conforme enfatiza o diretor de Operações e Comercialização da Cotrijuf, Vilmar Hendges.

O quadro social vê atendida assim, a reivindicação de três anos, continua ele, lembrando que em outras safras o posto não tinha capacidade para armazenar a produção, sendo que todo o recebimento tinha que ser transportado para Maracaju, e longas filas de produtores se acumulavam para entregar a safra no posto de Jardim.

Hoje, conclui o Diretor de Operações e Comercialização, este quadro está mudado e a inauguração das novas instalações vem atender amplamente as necessidades do associado da região.

A INAUGURAÇÃO

O ato inaugural contou com a presença de muitos associados da região, políticos, gerentes de bancos e também com a presença do presidente da Organização das Cooperativas do Mato Grosso do Sul, além de toda a diretoria da Regional da Cotrijuf. Entre os produtores presentes, era visível a satisfação. "Agora o agricultor vai ter mais tranquilidade para entregar a sua safra", diz o associado Marcos Zanette, morador do município vizinho de Guia Lopes de Laguna. Ele tem uma propriedade de 300 hectares, onde se dedica à agricultura e à pecuária. Além desta área, Zanette arrenda mais 100 hectares, e espera colher umas 4.000 sacas de soja e 500 sacas de arroz. Com a cultura do trigo, cujo plantio começa em breve no Estado, Zanette não demonstra a mesma preo-



O novo armazém graneleiro

cupação quanto a maioria dos produtores, e vai inclusive, aumentar sua área de plantio. No ano passado ele plantou 120 hectares de trigo e vai aumentar esta área para 190 hectares nesta safra. O produtor salienta ainda o seu entusiasmo quanto ao aumento de agricultura na região de Jardim, e principalmente Guia Lopes de Laguna, onde muitos agricultores desistiram da atividade em função das condições de armazenagem, e agora devem retomá-la devido a nova estrutura montada pela Cotrijuf para o recebimento e armazenamento de grãos. Já o associado e representante da Cooperativa, Henrique Bergoli, discorda de Zanette, quanto ao aumento da área agricultável na região, pois a maioria dos produtores são latifundiários que consideram a ativi-



Henrique Bergoli

dade pecuarista mais rentável e segura. Bergoli é arrendatário de 600 hectares de terra e está calculando sua colheita em torno de 20 a 25 mil sacas de soja e 2.000 sacas de arroz. Ele também demonstra sua satisfação pelas novas instalações da Cooperativa em Jardim, lembrando o quanto eram precárias anteriormente e das inúmeras reuniões feitas para reivindicar melhores condições.

Hoje o panorama está mudado e o município se insere num contexto econômico importantíssimo na região, pois é um centro estratégico para recebimento e escoamento da produção agropecuária. Bergoli enfatiza que o crescimento será acelerado com o término da construção da rodovia que ligará Jardim a Porto Murtinho no extremo-oeste do Estado, cidade que fica à beira do Rio Paraguai e que sediará um porto fluvial, por onde será escoada a maior parte da safra sul-matogrossense.

Sobre a soja, cuja colheita Bergoli deve iniciar nos primeiros dias de abril, as previsões são das melhores, e ele espera aumentar sua produtividade por hectare, que deverá ficar perto de 45 sacas, na lavoura situada no município de Bela Vista. O problema mesmo está na cultura do trigo. Segundo o associado, a maior culpa é do governo que mantém uma política agrícola deficiente e torna inviável a triticultura. Ele está indeciso quanto ao plantio do cereal e talvez não plante um único hectare neste ano. Justifica seu ponto de vista com o argumento que o custo da lavoura está muito alto em função dos juros e também por causa dos financiamentos que hoje são pagos em OTN.

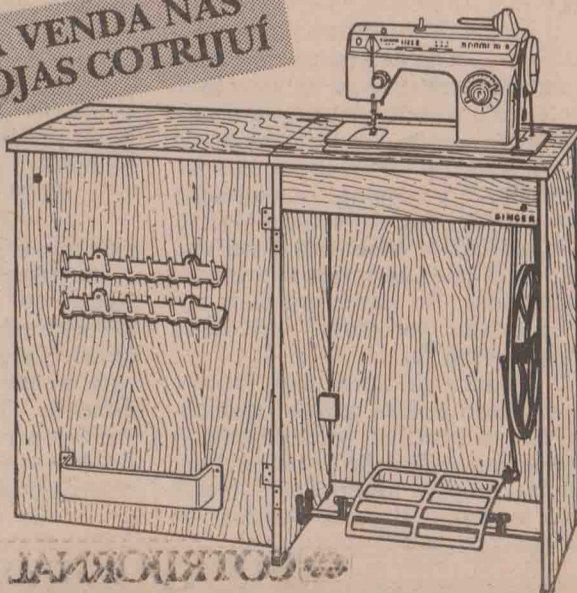
Durval Pinto, gerente da unidade de Bonito, a qual está subordinado o Posto de Jardim, considera que o graneleiro servirá de estímulo aos agricultores locais, cuja produção já vinha sendo maior do que a capacidade armazenadora e que a própria Cooperativa terá um aumento significativo em seu quadro social.



A inauguração com a presença de produtores e autoridades

AQUI ESTÃO OS PONTOS QUE MAIS EVOLUIRAM

A VENDA NAS LOJAS COTRIJUF



* Costura e borda 30 tipos diferentes de pontos, costura reta, zigue-zague, pontos semi-elásticos, caseia automaticamente, prega botões e bainha invisível. Motor de dupla velocidade com farolete. Com gabinete modelo 648 - Sanhaço - com pedal.

SINGER*

Tecnologia de ponto a ponto.

Normas de comercialização

A Regional da Cotrijuf em Dom Pedrito estabeleceu algumas normas de comercialização para o arroz, a soja, o trigo, triguilho, milho, feijão, sorgo, cevada, aveia, forrageiras, lã, suínos, bovinos, ovinos, leite, entre outros produtos. Pelas normas, o arroz com até 13 por cento de umidade, não terá custo de secagem.

Visando a maior participação dos associados na vida da cooperativa, a Cotrijuf Regional Dom Pedrito, em consonância com as lideranças representadas pelos conselhos de administração e de representantes, estabeleceu uma série de normas mais modernas e atuantes para o recebimento de produtos e a forma de remanejamento e comercialização. As medidas, que foram adotadas depois de discutido o assunto em diversas reuniões e devidamente aprovadas, têm em vista proporcionar maior tranquilidade aos produtores, que durante a colheita não terão necessidade de se preocupar com a modalidade de entrega do produto. Assim eles terão mais tempo para pensar e decidir-se sobre a melhor modalidade ou forma de comercialização da sua safra, que passa a ter a seguinte dinâmica.

O associado pode fazer a entrega dos produtos optando, mediante contrato, por qualquer uma das modalidades, a saber: preço médio, preço do dia, comercialização futura, mútuo semente, consumo próprio, confissão de dívida e preço médio com opção para fazer EGF individual.

Toda a entrega de produto será considerada como depósito, com a distribuição automática comandada por computador, de acordo com as contratações feitas pelos associados ou opção por cada modalidade escolhida. No caso de associado querer liquidar ao preço do dia para aproveitar o melhor preço, haverá mecânica permitindo essa opção.

AS MODALIDADES

Modalidade Preço Médio - Nesta modalidade o associado recebe créditos parciais em conta corrente, de acordo com a possibilidade da cooperativa captar e dispor de recursos financeiros para a operação. Os produtos serão liquidados pelos valores médios alcançados na respectiva comercialização da safra. Os períodos de liquidação serão fixados para cada produto, de acordo com os fluxos de comercialização.

Modalidade Preço do Dia - Nesta modalidade o produto permanece em depósito, na Cotrijuf, esperando a decisão do associado. É chamado de livre comercialização, conforme a vontade do associado. A opção por esta modalidade deve ser feita na nota fiscal de produtor.

Após a data fixada para opção de outras modalidades, toda a entrega será considerada como Preço do Dia, independente de anotação na nota fis-



As normas de recebimento vão atingir produtos como a soja e a lã

cal de produtor. Conforme a própria denominação, a liquidação será feita ao preço do produto no dia que o associado decidir.

Observação: O associado optante por essa modalidade, com débito vencido na cooperativa, autoriza desde a entrega do produto a liquidação automática dos produtos para a cobertura do respectivo valor.

Modalidade Comercialização Futura - Consiste na opção do associado em contratar seu produto, ou parte dele, por valor antecipadamente fixado. A contratação poderá ser feita até mesmo antes do plantio e também após a entrega. A opção é livre até mesmo quanto a moeda contratada, que pode ser cruzado ou dólar. Os prazos de pagamento serão fixados no próprio contrato.

Modalidade Mútuo Semente - Consiste na troca de produto indústria por semente certificada. O associado optante terá garantia de reserva da semente para a safra, sem se preocupar com seu preço ou forma de pagamento. A mecânica é a seguinte: o associado contrata a entrega de produto indústria, reservando a semente que vai precisar. Ele já pode antecipar as variedades desejadas. Em casos especiais poderá substituir por outras variedades da mesma espécie.

Modalidade Consumo Próprio - O associado poderá utilizar os depósitos da cooperativa para armazenar produtos para utilização futura em consumo na própria propriedade. Nesse caso o associado paga as despesas de

armazenagem e as quebras, se houverem.

Modalidade Confissão de Dívida - O produtor aceita transformar os compromissos com a Cotrijuf em produtos a serem entregues. Feita a entrega, os compromissos estarão quitados.

Preço médio com Opção para Fazer EGF Individual - Fica a opção do produtor fazer EGF/AGF em seu nome, individualmente, pegando recurso obtido e indenizando a Cotrijuf nas seguintes despesas: dois por cento de capital, taxa de secagem, taxa administrativa (que corresponde às despesas da Regional) em valores a serem estipulados, dando o mesmo retorno da modalidade Preço Médio.

A emissão do recibo de depósito e certificado de rendimento será emitido pelo rendimento médio. O produtor não poderá retirar o produto para comercializar com terceiros. O compromisso com o agente financiador será assumido pela Cotrijuf. São essas as sete modalidades de comercialização oferecidas pela Cotrijuf.

DISPOSIÇÕES GERAIS

A Cotrijuf divulgará, diariamente, os preços de liquidação no dia e contratações futuras. O produto entregue na cooperativa que não tiver especificada a modalidade, será considerado Preço do Dia, desde que conste essa modalidade nas condições de recebimento. Os produtos poderão ser entregues em qualquer unidade da Cotrijuf ou em outras cooperativas, que tenham convênio de recebimento.

Os produtos destinados a se-

mente terão bonificação especial, tendo seu valor base liquidado em qualquer das modalidades de opção ou normas de recebimento. Produtos entregues para semente só poderão ser comercializados com terceiros sob a forma de produto indústria, ressalvando o direito de bonificação, por classificação, na época oportuna.

NORMAS PARA RECEBIMENTO DA SAFRA DE ARROZ

A Cotrijuf receberá e comercializará o arroz de Dom Pedrito dentro das modalidades Preço Médio, Preço do Dia, Mútuo Semente, Consumo Próprio e Confissão de Dívida. No arroz não haverá apenas a modalidade Futuro.

DESCONTOS FINANCEIROS

Na liquidação modalidade depósito: capital, 2 por cento incidente sobre o valor do peso líquido final. Funrural, 2,5 por cento incidente sobre o valor do peso líquido final.

A tarifa de secagem, que não terá custos até 13 por cento de umidade, obedece a seguinte tabela, cobrada em OTNs:

Essa tarifa poderá sofrer alterações, sem prévio aviso, baseado nos índices cobrados pelas entidades de armazenagem oficiais.

Na modalidade preço médio, capital de 2 por cento incidente sobre o valor do peso líquido final. Funrural 2,5 por cento sobre o valor final.

COLETA DE AMOSTRA

Será coletada uma amostra (pré-amostragem) com sugador pneumático. Ele servirá para identificar a umidade, impureza, rendimento e classificação do produto. Para determinar o grau de impurezas, a Cotrijuf usará o aparelho modelo Sintel, com peneiras AMI 4x10mm e AM2 1,75x22mm.

A determinação da umidade será feita em amostras livre de impureza e matérias estranhas. Os aparelhos usados na verificação são o Dole 400 e 300, Radson, Tag e Universal EH. O laboratório testará a umidade paralela do produto.

UMIDADE

Umidade	Valor
Até 13,0	Isento
13,1 a 13,5	0,0134
13,6 a 14,0	0,0134
14,6 a 15,0	0,0134
15,1 a 15,5	0,0134
15,6 a 16,0	0,0134
16,1 a 16,5	0,0134
16,6 a 17,0	0,0134
17,1 a 17,5	0,0134
17,6 a 18,0	0,0340
18,1 a 18,5	0,0367
18,6 a 19,0	0,0393
19,1 a 19,5	0,0417
19,6 a 20,0	0,0442
20,1 a 20,5	0,0468
20,6 a 21,0	0,0497
21,1 a 21,5	0,0526
21,6 a 22,0	0,0558
22,1 a 22,5	0,0592
22,6 a 23,0	0,0627
23,1 a 23,5	0,0665
23,6 a 24,0	0,0705
24,1 a 24,5	0,0747
24,6 a 25,0	0,0792
25,1 a 25,5	0,0839
25,6 a 26,0	0,0890
26,1 a 26,5	0,0943
26,6 a 27,0	0,0999
Acima de 27,0	0,1059

CALENDÁRIO

CEBOLA

O encontro reuniu técnicos e produtores

Cerca de 50 participantes, entre técnicos e produtores da região, ouviram no dia 22 de março, os pesquisadores Lúcio Francisco Thomazelli e Djalma Rogério Guimarães, da Empasc de Ituporanga, Santa Catarina, falar sobre a cultura da cebola. O encontro realizado em Ijuí, foi organizado e coordenado pelo agrônomo Francisco Salla, supervisor da área de olericultura da Cotrijuf na Pioneira.

Os pesquisadores fizeram uma comparação da produção gaúcha com a catarinense, onde a média de produtividade chega a 8.900 quilos por hectare. No Rio Grande do Sul, onde a área cultivada com cebola chega a 17 mil hectares — o maior produtor do Brasil —, a produtividade média fica em 6.250 quilos por hectare. Uma boa produtividade, segundo os dois pesquisadores vai depender de uma boa adubação. Eles recomendam em torno de 600 quilos de adubo da fórmula 5-20-20 por hectare para a cultura. A necessidade maior de nutrientes, no entanto, ocorre no final do ciclo da cultura, quando, então, acontece maior absorção de Nitrogênio e Potássio.

As doenças que atacam a cebola também foram assunto dos palestrantes que citaram o mildio — porospora — e que ocorre em períodos de alta precipitação e temperaturas em torno de 10° como bastante preocupante. A incidência do mildio ocorre em todo o ciclo da cultura desde a sementeira até o período de colheita. A altemária é outra doença que ocorre, principalmente em períodos de altas temperaturas e umidade, provocando redução na produtividade.

A colheita deve ocorrer quando o bulbo atingir o tamanho máximo de crescimento, desejado comercialmente ou seja, por volta de 120 gramas, independente da coloração das folhas. Segundo a pesquisa, a cebola colhida com folhas verdes dá uma melhor coloração ao bulbo e uma melhor retenção de escamas. Como ponto de referência para a colheita, recomendam o "estiolamento 2". A cura deve acontecer a campo, durante dois a três dias, sempre tomando o cuidado de proteger os bulbos com as folhas da planta.

O mútuo do alho

Os produtores de alho da região, associados da Cotrijuf, vão contar a partir desta safra, com os benefícios do sistema mútuo de troca de produto comércio por semente. "A extensão desse sistema de troca para os produtores de alho, esclarece Francisco Salla, agrônomo e supervisor da área de olericultura da Cotrijuf na região, tem como objetivo facilitar a aquisição de semente de alho pelos pequenos produtores". Também é vantagem, porque o produtor vai poder fazer a retirada imediata da semente para debulha e seleção dos bulbos. "O associado vai poder efetuar o plantio na época recomendada, sem a necessidade de gastar recursos", lembra o agrônomo.

O sistema vai funcionar da seguinte forma: o produtor que retirar, por exemplo, 100 quilos de alho semente — classes 4 a 6 —, e só vai fazer o pagamento em 31 de janeiro de 1989, devolvendo à Cooperativa 160 quilos de alho curado. Metade do alho terá de ser da classe 4 e a outra da classe 5. Informações sobre o mútuo de sementes de alho junto aos departamentos técnicos.



Pesquisa lança novas cultivares

Novas cultivares de cebola

Uma boa novidade para os produtores de cebola da região: a Cotrijuf, a partir desta safra, vai trabalhar com novas cultivares de cebola recentemente lançadas pelas pesquisas. Entre as cultivares estão a Empasc 351, crioula de Ituporanga e a Empasc 352, também conhecida por bola precoce. Esta última cultivar vem se mostrando bem mais precoce que a Baía Perifome, bastante conhecida dos produtores da região. Ainda estarão sendo introduzidas novas cultivares da Embrapa-CNPFT e da EERG/Secretaria da Agricultura do Rio Grande do Sul.

15 de abril: dia da Conservação do Solo

Airton Francisco de Jesus

O que é conservação de solo e exploração agrícola? Por conservação do solo entendemos o uso racional, eficiente e produtivo do solo, e por exploração agrícola, o rompimento do equilíbrio natural existente entre solo, ambiente e vegetação.

Estes conceitos, no entanto, não condizem com a nossa realidade, pois existem dados indicando que a nível de Brasil de perdem 600 milhões de toneladas de solo. Transformada em área, essa perda pode chegar a 300 mil hectares, representando 0,5 por cento da área cultivada. O Rio Grande do Sul, por exemplo, perde a cada ano, em média, 242 milhões de toneladas de solo, o que representa 120 mil hectares em área cultivada ou dois por cento da área por ano.

Além do solo perdemos 484,4 mil toneladas de calcário; 660,7 mil toneladas de Nitrogênio; 90,5 toneladas de Fósforo e 46,1 mil toneladas de Potássio. Se este prejuízo for codificado para valores atuais, o prejuízo com estas perdas chega a 3 milhões, 601 mil e 250 cruzados por ano.

PRODUTIVIDADE x CUSTOS DE PRODUÇÃO

A produção das principais culturas exploradas — milho, soja, arroz, feijão e trigo —, está decrescendo a cada ano. Na safra 84/85, por exemplo, o Rio Grande do Sul colheu 15,06 milhões de toneladas de grãos e na safra 86/87, a produção baixou para 12,345 milhões de toneladas. A causa deste decréscimo é atribuída a problemas relacionados com o solo — manejo e fertilidade. Os nutrientes jogados fora pela erosão ou retirados do solo através das culturas não sofrem reposição. A cada ano que passa, os produtores, em sua grande maioria descapitalizados, deixam de colocar nutrientes em quantidades suficientes para manter ou aumentar a fertilidade do solo.

POLÍTICA AGRÍCOLA

Preocupado em saldar os

compromissos internacionais, o governo tem investido no setor primário no sentido de produzir grãos para o mercado externo e conseguir superavit na balança comercial. Não há interesse em definir linhas que beneficiem as propriedades físicas, químicas e biológicas de nossos solos. O que se observa é algumas entidades lutando para que este sistema de produção dê lugar para uma agricultura mais diversificada, trazendo benefícios não somente aos nossos solos, mas também ao ecossistema e toda a comunidade.

AS PROPOSTAS DA ÁREA

Todo o produtor que cultiva sua propriedade tem uma idéia de como se encontra o seu solo com relação a fertilidade, mas não tem condições de quantificar as necessidades a serem adicionadas. A análise do solo, vai indicar corretamente os valores necessários para elevar-

mos os níveis de fertilidade. Todo produtor, caprichoso e cuidadoso, deve sempre efetuar uma boa análise de seu solo.

Como o nosso solo é extremamente argiloso, sempre tem sérios problemas nas suas propriedades físicas. Somente com uma subsolagem mecânica não conseguimos eliminar os problemas. É necessário o emprego de várias práticas culturais, tais como o plantio de culturas com sistema radicular pivotante — colza, soja, entre outras —, pois além de penetrar em camadas compactadas aumentando a infiltração, trazem nutrientes das camadas inferiores até as camadas superiores, ficando estes prontamente disponíveis para as plantas.

Sem dúvida nenhuma que a atividade de grande importância para o solo continua sendo a prática de rotação de culturas. O solo em

pousio em determinadas épocas do ano não é recomendado. O solo deve permanecer o máximo de tempo possível com cobertura vegetal, independente da época do ano. A rotação de culturas diminui os problemas fitossanitários, além de elevar os níveis de produtividade das culturas subsequentes.

ADUBAÇÃO VERDE

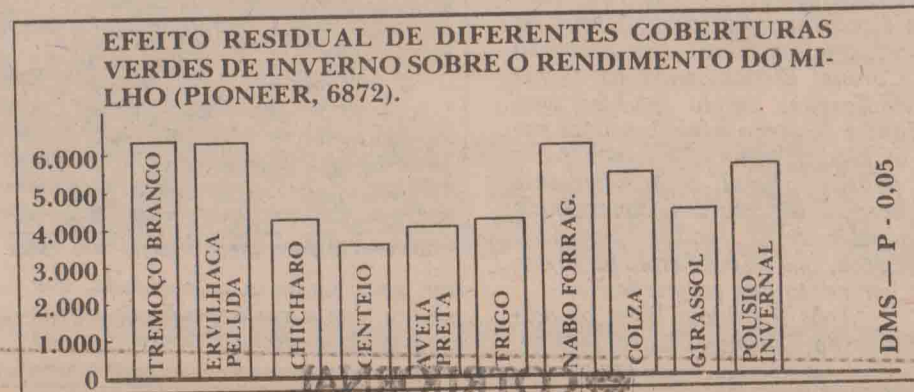
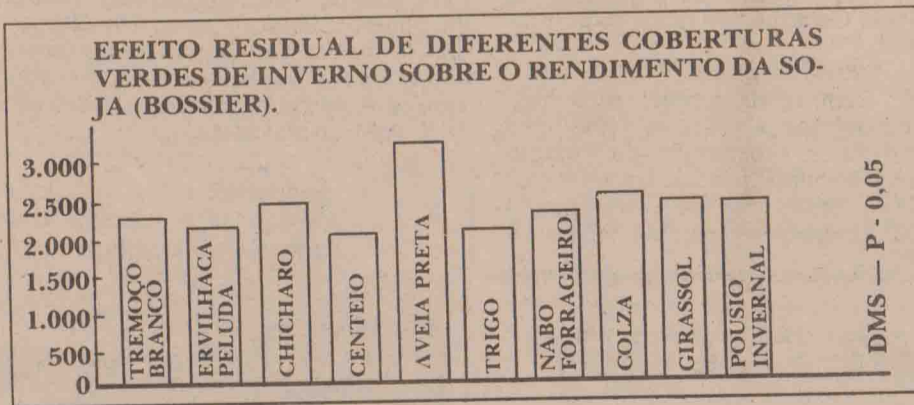
O Nitrogênio também pode ser obtido através do uso da adubação verde, ou seja, com a incorporação de leguminosas que fixam o Nitrogênio atmosférico. Entre as leguminosas mais recomendadas, o produtor pode plantar a ervilhaca e a alfafa que, além de produzir alimentos de alta qualidade, tem a capacidade de fixar até 450 quilos de Nitrogênio por hectare. Hoje, transformado, este valor representaria uma economia de Cz\$ 24.000,00. As culturas destinadas para a adubação verde protegem o solo e servem de suporte para a introdução do sistema de plantio direto, uma prática que terá grande impulso nos próximos anos em nossa região.

Para que todas estas atividades possam ser realizadas, o produtor precisa planejar com cuidado a sua propriedade, pois cada uma delas apresenta peculiaridades distintas. Alternativas viáveis devem ser empregadas de acordo com as condições de cada uma das propriedades.

PLANTIO DIRETO

O plantio direto é uma outra prática a ser utilizada, desde que o solo esteja bem estruturado, sem problemas de fertilidade e com alguma cobertura implantada. Informações da pesquisa indicam que a aveia preta apresenta o melhor comportamento sobre os rendimentos da soja. Já para a cultura do milho, os melhores rendimentos foram obtidos com ervilhaca, colza e tremoço como cobertura verde de inverno, como mostram as tabelas.

* Airton Francisco de Jesus é agrônomo e supervisor da área de solos da Cotrijuf na Regional Pioneira.



PROTESTO

Produtores voltam às ruas

A seca, os altos juros e a falta de um seguro agrícola levam os produtores a protestar contra a política agrícola do governo.

Os últimos dias de março foram decisivos para os mini e pequenos produtores de todo o Estado. Sem uma resposta para as suas reivindicações causadas pelos prejuízos da seca e cansados de esperar pelo atendimento de antigas exigências, os produtores passaram a desencadear protestos contra a política agrícola do governo, exigindo desde o fim da correção monetária nos financiamentos agrícolas até o assentamento das famílias que ainda se encontram acampadas no Estado.

As manifestações dos produtores iniciaram no dia 28 de março, "o dia de alerta", quando várias regionais sindicais ligadas a Fetag foram às ruas mostrar o seu descontentamento com os altos juros e os preços mínimos fixados abaixo do custo real de produção. Ao protesto, juntaram-se as reivindicações da seca, como a prorrogação imediata de todos os compromissos financeiros assumidos por mini e pequenos produtores, por 24 meses, com 12 de carência e isentos da correção monetária, além da liberação de crédito de emergência para atender todas as famílias atingidas pela seca.

ABAIXO ASSINADO

Em Ijuí, por causa da chuva, mais de mil produtores que vieram de Ajuricaba, Augusto Pestana, Ióia, Santo Augusto, Catufpe e Panambi e demais municípios que fazem parte da Regional da Fetag, não foram às ruas, mas superlotaram as dependências do cinema América. Depois de realizarem uma tribuna livre, os produtores aprovaram um abaixo-assinado, endereçado inicialmente a Secretaria da Agricultura e autoridades estaduais. No documento, os produtores desta região exigem a eliminação da correção monetária dos empréstimos agrícolas que vencem neste ano, aos agricultores que trabalham em regime de economia familiar; crédito de emergência no valor de um salário mínimo, sem juros e correção, durante seis meses, por unidade familiar atingida pela seca; adoção a nível nacional de uma política diferenciada que beneficie o pequeno produtor, constando de crédito subsidiado para custeio e investimentos e garantia de aquisição pelo governo, dos produtos das culturas básicas.

Estas últimas reivindicações, na verdade, fazem parte do projeto de política agrícola para a viabilização social e econômica, elaborado pela Fetag, e que será lançado no dia 25 próximo, em Porto Alegre, com a presença dos coordenadores regionais da entidade, mulheres e jovens rurais, lideranças cooperativistas, Executivo e Legislativo estadual.



Em Ijuí, mais de mil produtores se reúnem no Cinema América

SEGUNDO ATO

Feito o alerta no dia 28 de março, a nível estadual, mais de 25 mil mini e pequenos produtores se encarregaram de dar um recado mais forte ao governo, quando, a partir do dia 5 de abril passaram a fechar bancos, cooperativas e comércio, para no dia 7, bloquear as rodovias federais BR-472, que liga Três de Maio a Boa Vista do Buricá, BR-386, que dá acesso aos municípios de Palmeira das Missões e Iraf, BR-153, que dá acesso a cidade de Erechim e a RS-404, através do trevo que liga o município de Sarandi ao de Ronda Alta. Promovido a nível nacional, pela Central Única dos Trabalhadores, Comissão Pastoral da Terra e pelo Movimento Sem Terra, o protesto atingiu 17 estados e não se realizou em outros locais do Estado, devido ao forte esquema policial acionado para impedir as manifestações. Um acidente ficou registrado neste dia, quando um caminhão que conduzia 60 colonos até a BR-153, capotou próximo a divisa de Santa Catarina, deixando quatro feridos.

SEGURO AGRÍCOLA

Com reivindicações semelhantes em relação a seca, os produtores pedem ainda a cobertura de Proagro para as lavouras financiadas e indenização a fundo perdido, conforme a UBC. Querem ao mesmo tempo, o

reassentamento de três mil famílias de agricultores sem terra, que ainda se encontram acampadas no Rio Grande do Sul; a suspensão dos leilões referentes às pequenas propriedades e a resolução dos conflitos de terras com a punição dos mandantes. Também exigindo uma política agrícola diferenciada para quem possui até cinco módulos rurais, ou seja, de 70 a 80 hectares no Rio Grande do Sul, eles reivindicam crédito rural subsidiado para as culturas básicas e, especialmente, a implantação de um seguro agrícola que cubra o custeio agrícola, pecuário, mão-de-obra, produtos agrícolas e benfeitorias.

A proposta do seguro agrícola, aliás, também defendida pela Fetag, que a entende como uma prioridade, deixou de ser referendada novamente pela Assembleia Legislativa do Estado. De autoria do deputado do PT, Adão Pretto, o projeto foi aprovado no final do ano passado pelo Legislativo, mas recebeu logo depois, o veto do governador Pedro Simon. No último dia 7, apesar das 10 mil assinaturas de produtores rurais que exigem o seguro, a Assembleia continuou mantendo o veto do governador.

NOVAS MANIFESTAÇÕES

Mesmo com a manifestação contrária da maioria do Legislativo, os produtores continuam confiantes. Segundo o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Tenente Portela, Lauro Brum, "a grande mobilização dos produtores pela sua aprovação já foi uma vitória". Além disso, prossegue o sindicalista, "ficou agora o compromisso por parte do governador de lançar alguma proposta conciliatória". Avaliando o movimento do protesto do dia sete, o sindicalista de Tenente Portela — município onde a seca atingiu 50 por cento da maioria das propriedades — diz que os resultados aconteceram dentro das expectativas, mas não descarta uma nova manifestação para o final de maio, caso o governo não atenda as suas reivindicações.

Da mesma forma a Fetag também está alertando o governo em relação as suas reivindicações. De acordo com o assessor Silvino Grechi, "se o governo não se manifestar até o final da safra, os produtores poderão tomar outras atitudes, como boicote à comercialização da produção, através do bloqueio de movimentação do produto".

O protesto em Bicaco

Aproximadamente 200 produtores foram à praça Presidente João Goulart, de Coronel Bicaco, participar do dia de alerta convocado pela Fetag. Como em outros municípios, a chuva que tanto fez falta nestes três primeiros meses do ano, caiu justamente na hora em que os manifestantes se encontravam na rua, fazendo com que a manifestação fosse transferida para a Câmara de Vereadores.

Além da prorrogação imediata de todos os compromissos finan-

ceiros, assumidos pelos mini, pequenos e médios produtores, isentos da correção monetária, a manifestação de Coronel Bicaco, entre as outras reivindicações exigiu também uma garantia do preço mínimo oficial para os produtos que não fazem parte da política oficial, e especialmente a liberação do crédito de emergência para atender as famílias atingidas pela seca, que no município perfazem 70 por cento das propriedades.

Após a tribuna livre, os produtores de Coronel Bicaco realiza-



Produtores querem preço mínimo para todos os produtos

ram uma passeata pela cidade, que contou com a participação de várias escolas do município, da Cotrijul, da

Associação dos Empregados no Comércio, Prefeitura, Câmara de Vereadores e comércio em geral.



SUPLEMENTO INFANTIL

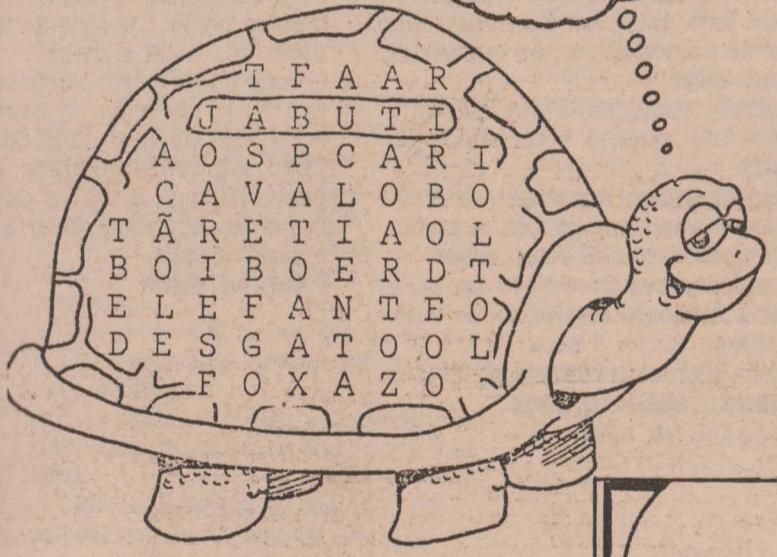
ELABORADO NA ESCOLA DE 1º GRAU FRANCISCO DE ASSIS - FIDENE IJUI

Elaboração: Mariluz dos Santos da Silva
Datilografia: Derci Fátima Marioni

CAÇA-PALAVRA

Procure e marque no diagrama de letras todos os nomes da relação abaixo. Um deles já foi encontrado e marcado pra você como exemplo. 3

- Olhe o Passo do:
- BODE
 - BOI
 - CÃO
 - CAVALO
 - ELEFANTE
 - GATO
 - JABUTI
 - PATO



LIGA-PONTO

Vou iluminar meu quarto 3

Ligue os números de 1 a 15 e fique sabendo o que Anita está levando para iluminar seu quarto.



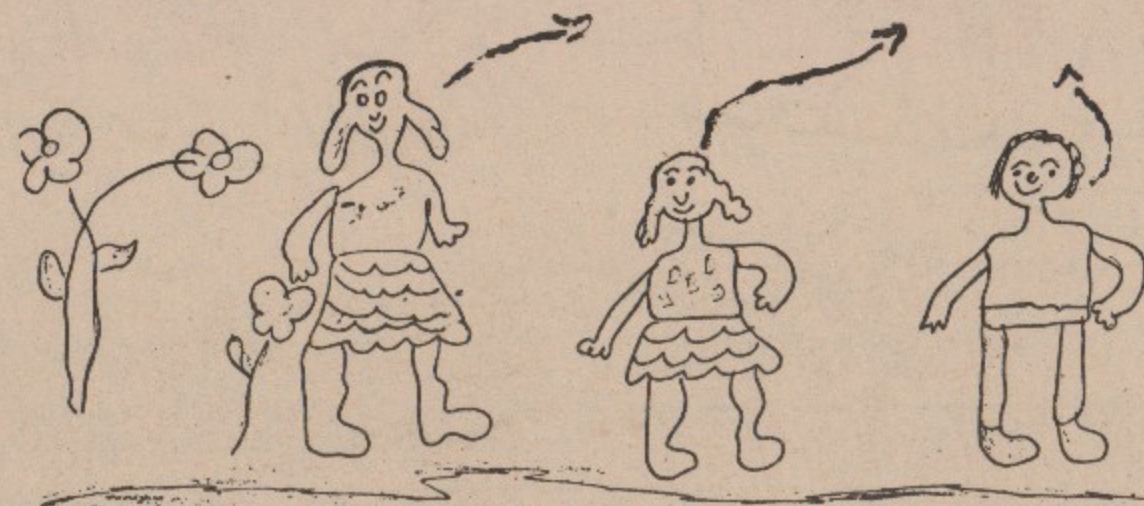
Este sensacional passatempo consiste em encontrar o maior número de palavras no diagrama de letras. Você forma as palavras seguindo em todas as direções, sempre ligando as letras em seqüência, sem pular. Anote as palavras que for encontrando. Só valem palavras de três letras ou mais.

ESCREVA AQUI AS PALAVRAS QUE ENCONTRAR:

C A F
A S E
P T I
R O G
U E S
M A R

P a s s a t e m p o

Página do leitor



Ederson, Carla, Rosani e Antônio
C. E. de 1º Grau Anchieta

O SOLO

O solo é muito importante para os seres vivos, principalmente para nós. Sem ele os humanos não teriam plantas, vegetais, etc. . . A minhoca é muito útil ao solo, ela amacia a terra, cava túneis subterrâneos para entrar água da chuva e outras. O solo necessita de plantas e adubos para ficar forte para produzir melhor. Os humanos estão desmatando muito, isto está prejudicando o solo. Deus nos deu este presente para preservarmos e trabalharmos em cima dele.

Paulo Roberto Felix

EU SOU A ESCOLA

Quase todos os dias os alunos e a professora chegam de manhã e vão entrando para a sala de aula e estudam. A professora ensina os alunos. Quando chega a hora do recreio, os alunos saem para brincar lá fora e eu fico esperando passar o recreio. Aí começa a aula de novo e os alunos entram para escrever. Eu estou muito contente porque os alunos entram na sala de aula. Os alunos começam a escrever e demora uns minutos e os alunos vão embora. Eu fico esperando até amanhecer para os alunos virem na Escola, e todos vieram na Escola. E estou muito contente de novo. É um novo dia, muito bonito e cheio de alegria, todos estão contentes. E assim termina a história da Escola.

Luciana Callai - 8 anos

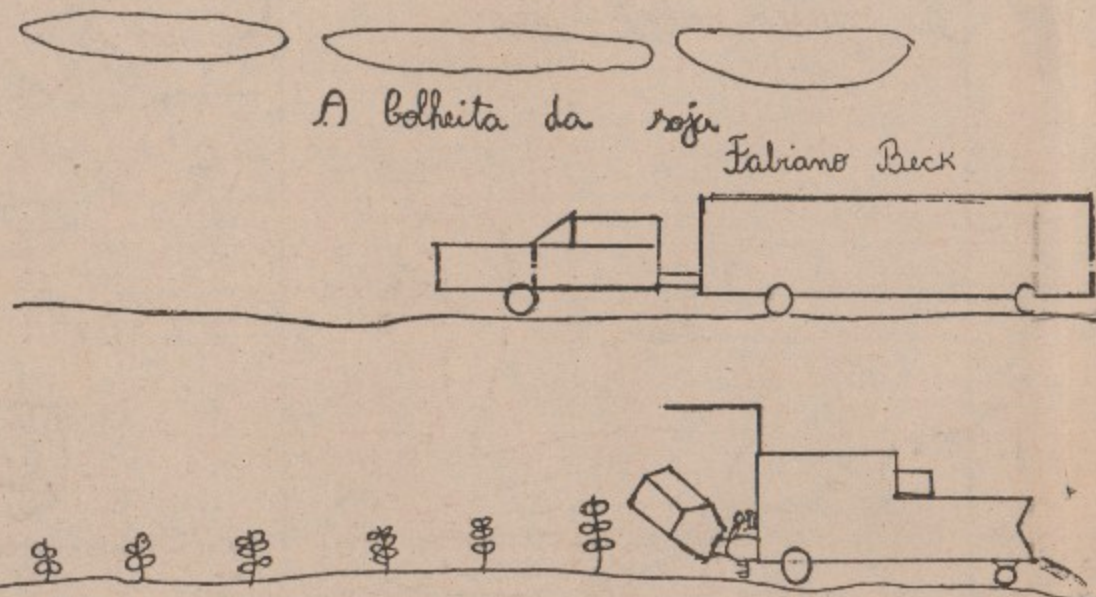
Solange de Jesus
11 anos



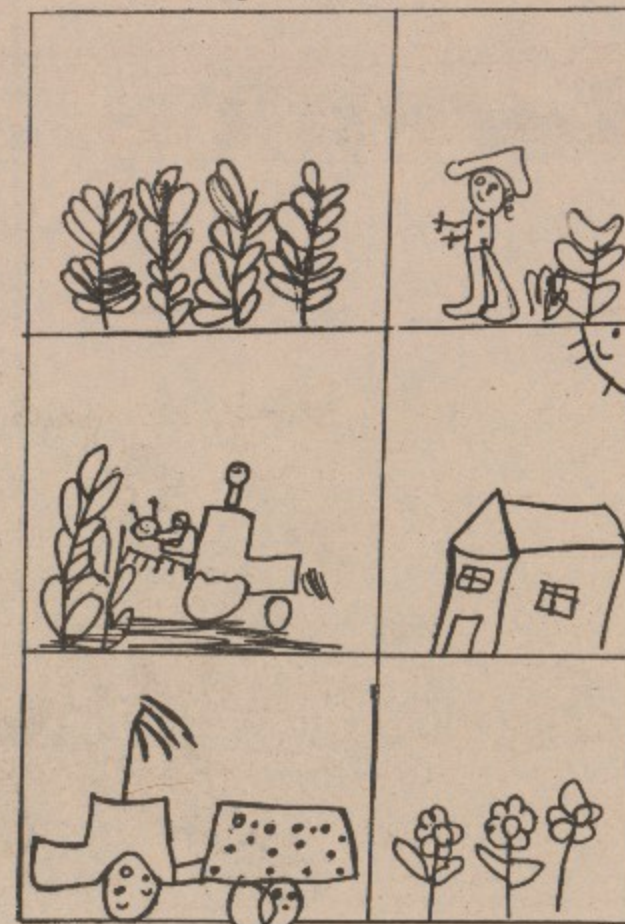
A COLHEITA DA SOJA

O homem começou a colher o seu soja. A ceifa não colheu mais direito. O tempo estava para chuva e o homem não conseguiu colher toda a soja. Levou a ceifa para o galpão. Depois veio novamente para pegar o caminhão. Levou a soja para a Cotrijuf. Na estrada furou um pneu. O homem ficou triste e brabo. De repente passou um carro, fez sinal e disse: - Você podia avisar numa borracharia que furou um pneu do caminhão? - Eu vou! Disse o dono do carro. Logo veio um empregado, levou o pneu, arrumou e trouxe de novo. O homem foi então levar a soja para a Cotrijuf, feliz.

Fabiano Beck



A colheita



Josemara Desbessel

A COTRIJUF E OS AGRICULTORES

- Compadre Pedro, o senhor sabia que a Cotrijuf já está recebendo soja?
- Não, compadre, não sabia. Mas eu não colhi o meu soja ainda.
- Pois eu colhi um pouco só. Vou entregar todinho lá na Cotrijuf. Eu falo que o produto não é muito bom.
- Pois é, compadre Chico. É disso que eu tenho medo: eu colho pouco e vendo por maricharia.
- Oh, compadre! Não se preocupe. A Cotrijuf recém largou o preço. E a Cotrijuf não deixa ninguém na mão.
- Compadre, o senhor plantou o seu soja financiado pela Cotrijuf?
- É claro, compadre. Eu financio toda a minha terrinha, só tenho um problema.
- Que problema, o homem de Deus? A Cotrijuf já está solucionando todos os problemas.
- É compadre? Então vai sobrar pra mim comprar uma bicicleta para o meu filho.
- Claro, compadre, eu também, vai sobrar pra mim comprar um calhambeque pra minha velha comadre.

Josmar A. Sauer - 11 anos



O TRIGO

O homem plantou o trigo. Depois, colheu. Levou no moinho com a farinha fez o pão.

Adriane Haupt

AGRICULTURA

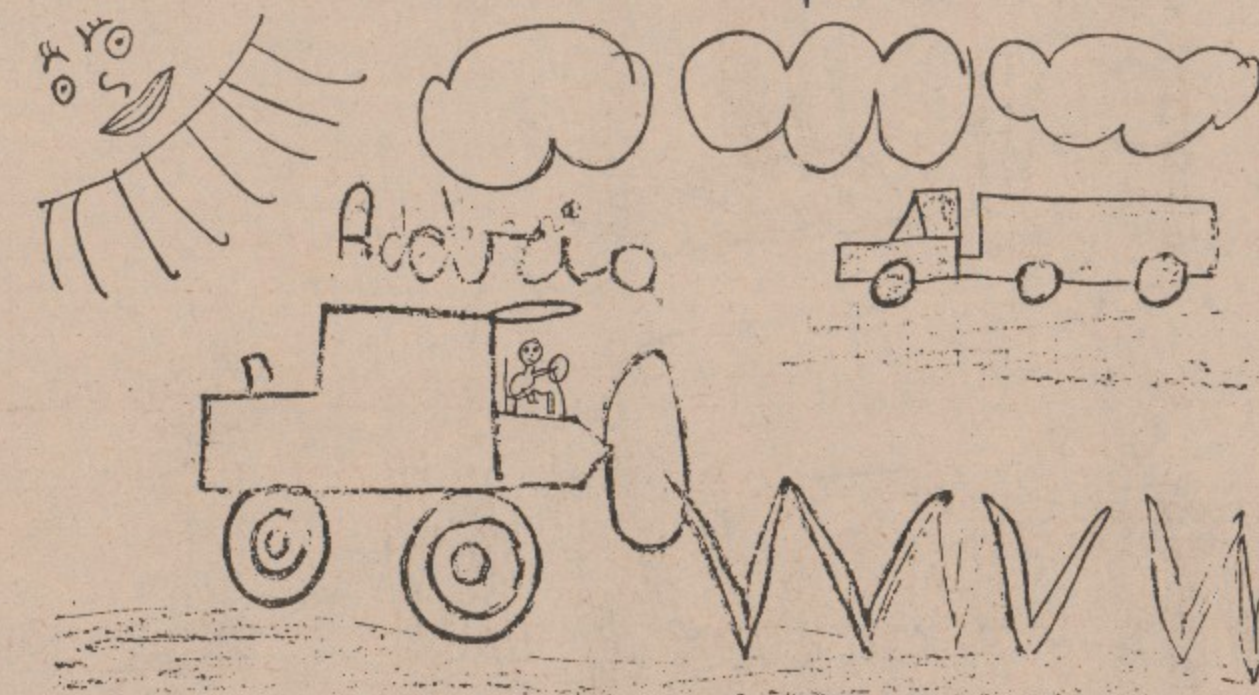
Os agricultores trabalham a semana Intelra, só descansam aos fins de semana. E aos domingos vão à Igreja, nos cultos e nas missas, rezar para Deus pedir que a Reforma Agrária saia para os pequenos agricultores. Mas hoje em dia os pequenos agricultores querem tirar financiamento do Banco e depois não podem pagar e tem que vender a terra para ir morar na cidade, passando fome e frio. Não arrumam emprego e tem que viver de biscate.

Solange de Jesus - 11 anos

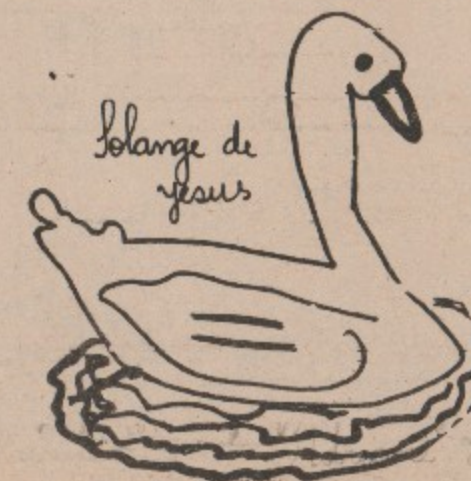
O PASSEIO

Num, belo dia ensolarado, as duas horas da tarde do dia 10 de setembro, os alunos da 3ª série da Escola Estadual de 1º Grau Anchieta foram juntamente com a professora fazer um passeio na Corsan de nossa cidade para conhecer e observar o processo de purificação da água. Chegando lá, fomos bem recebidos pelo senhor Ademar, responsável pela Corsan. Ele respondeu com muita gentileza as nossas perguntas. E nós agradecemos a atenção dispensada. 3ª série - turma 303 - E. E. de 1º Grau Anchieta.

Adriane Haupt



Adriane Haupt



Solange de Jesus

A fazenda de dona Berenice

Um dia, dona Berenice recebeu uma herança; uma fazenda. A fazenda estava abandonada. Havia muito tempo que ninguém morava lá. Dona Berenice mudou-se para a fazenda.

A fazenda tinha uma casa branca, com janelas verdes. Tinha árvores: laranjeiras, mamoeiros, abacateiros, mangueiras. Tinha um pasto muito grande e um cafezal. Tinha um riacho e tinha até um estábulo. Mas não tinha animais.

Que lugar quieto. Apenas o gorgoleio de uns passarinhos nas árvores:

Piu, piu, piu, piu!

O barulho da água do riacho: chuá, chuá, chuá!

As vezes o vento.

-S-s-s-s-s-s-s-s-s-s!

Tudo tão calmo! Tão quieto! Dona Berenice começou a sentir saudade da cidade. Começou a sentir falta do trabalho.

Então que fez ela? Comprou uma vaca. A vaca fazia:

- Mu-mu-mu:

Mas, ainda não era barulho suficiente. Dona Berenice comprou um cão. O cão fazia:

- Au-au-au-au-au-au! . .

E a vaca:

- Mu, mu, mu, mu!

Os passarinhos:

- Piu-piu-piu-piu!

O riacho:

- Chuá-chuá-chuá!

O vento:

S-s-s-s-s-s- . . .

Mas ainda não era barulho suficiente.

Dona Berenice comprou uns cavalos.

Os cavalos faziam:

- Rim, rim, rim!

E o cachorro: Au-au-au-au!

A vaca: Mu-mu-mu-mu!

Os passarinhos:

piu-piu-piu-piu-piu!

O riacho: chuá-chuá-chuá-chuá!

O vento: S-s-s-s-s-s-s- . . .

Mas, ainda não era barulho suficiente.

Dona Berenice comprou uns galos e uma galinha.

O galo cantava: coco-ri-có!

As galinhas repetiam: có-có-có-có-có!

E o cachorro- au-au-a-au!

Os passarinhos: piu-piu-piu-piu!

O riacho- chuá-chuá-chuá-chuá!

O vento: S-s-s-s-s-s-s-.

Mas ainda não era barulho suficiente.

Dona Berenice então foi a um orfanato

e pediu licença para criar dois

meninos. Ela queria os mais alegres.

Os meninos estavam no recreio. Ela

ficou observando-os. Logo viu os mais

alegres, os que brincavam mais. Era

um menino alto de cabelos pretos e

seus irmãos de cabelos ruivos.

Dona Berenice pediu para levar os

dois. Comprou muitos brinquedos para

eles, cometas, tambores, bolas e

levou-os para fazenda.

Os dois irmãos ficaram encantados

com a nova casa. O dia inteiro

tocavam cometa, batiam tambor,

jogavam bola, andavam a cavalo,

corriam pela casa, conversavam com

dona Berenice, cantavam e nunca

mais faltou barulho na fazenda. Agora,

sim, dona Berenice estava contente.



Libmar dos Santos - 8 anos

